Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

SEGUNDA-FEIRA, 30 DE OUTUBRO DE 1972 N.º 17908 — ANO 52.º — PREÇO 1$50

Agressão consumada, árbitro na relva

Interdição de Alvalade pode ir até doze jogos

Pela doutrina do Regulamento Disciplinar da Federação Portuguesa de Futebol, o castigo ao Sporting pode ir até 12 jogos de interdição do Estádio de Alvalade. Com efeito, o artigo 68.º especifica: «Se os distúrbios, quer provoquem ou não lesões, levarem justificadamente o árbitro a dar o jogo por findo, os clubes serão punidos com interdição por 3 a 6 jogos e multa de 3 a 10 contos. Se os factos referidos forem praticados por associados ou adeptos dos clubes proprietários dos campos, as penas previstas serão duplicadas». Para decidir dos castigos a aplicar, o Conselho de Disciplina reunir-se-á na quarta-feira. Sobre a homologação (ou não) do resultado, a direcção federativa reunir-se-á na sexta-feira.

QUEM É O ÁRBITRO

O conimbricense Carlos Lopes, que fazia ontem a sua primeira arbitragem desta temporada no escalão superior, é casado e pai de filhos, residindo em Ponte de Castanheira (Coimbra). Vendedor de uma conhecida marca de talcos, está registado na Comissão Regional de Árbitros de Coimbra como associado do Benfica, embora no seu círculo de amigos seja considerado um sportinguista «ferrenho». Reportagem dos acontecimentos de Alvalade em «Desportos».

APÓS GOLPE PALESTINIANO

ISRAEL ATACA NA SÍRIA

Aviões a jacto israelitas sobrevoaram Damasco, a capital da Síria, para atacarem quatro bases palestinianas situadas nos arredores da cidade. A operação registou-se poucas horas depois da espectacular libertação de três guerrilheiros palestinianos, que haviam sido presos na Alemanha Federal por terem participado nos incidentes da Aldeia Olímpica de Munique, no qual foram mortos onze atletas israelitas e cinco companheiros dos três que agora foram libertados. Contudo, fontes militares israelitas afirmaram que não existe qualquer ligação entre os dois acontecimentos. Essas fontes disseram que os ataques às bases palestinianas na Síria estão de acordo com a actual política seguida por Israel de atacar os guerrilheiros onde quer que se encontrem e sempre que possível. Os aviões israelitas, afirma-se em Tel-Aviv, não encontraram qualquer resistência e regressaram a salvo às suas bases. Os três guerrilheiros foram libertados a seguir ao desvio de um Boeing da Lufthansa entre Beirute e Ankara. (R. e DL).

LUTA DOS "NOVE" CONTRA INFLAÇÃO (Pág. 15)

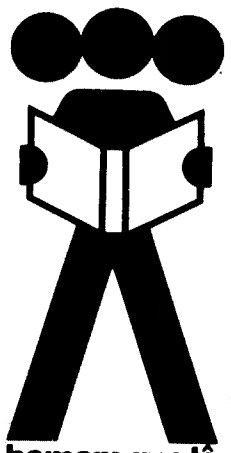
HOJE: 32 PÁGINAS INCLUINDO DL/EXCLUSIVO

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

O SEGUNDO PRÉMIO

Talvez já nos não seja possível satisfazer todos os leitores que nos têm pedido para publicarmos, novamente, as listas dos livros que constituem os prémios instituidos para a iniciativa «Homem que lê vale por três.»

O tempo começa a escassear e nem sempre podemos dedicar todo o espaço que desejaríamos a esta iniciativa cujo êxito se pode medir até pelo facto de nos pedirem para republicarmos estas listas, já que estes pedidos são feitos, como julgamos evidente, por leitores que só muito depois dela iniciada se inscreveram.



Voltamos a publicar hoje a lista dos livros escolhidos para o segundo prémio na certeza de que assim satisfaremos se não todos pelo menos alguns dos muitos leitores que se nos têm dirigido com esse objectivo. O segundo prémio é menos valioso do que o primeiro apenas por ser constituido por menos livros, mas uma coisa é certa: os livros têm o mesmo valor cultural e até económico dos livros que constituem o primeiro prémio.

Uma das caracteristicas mais aliciantes desta iniciativa é, efectivamente, o facto de todos os prémios serem constituidos por livros de grande interesse — mesmo os leitores que obtiverem os últimos prémios da lista terão livros de grande valor cultural e recreativo.

Posto isto, voltamos a recordar que todos estão ainda a tempo de se inscreverem como **Leitores do Diário de Lisboa,** bastando para isso que preencham os cupões de inscrição que publicamos todos os dias e que os enviem juntamente com selos de correio de 1$00 a «Homem que lê vale por três», **Diário de Lisboa,** Rua Castilho, 185, -1.º Lisboa.

Continua na pág. 2

DL/GERAL

Continuação da pág. 1

LIVROS DO BRASIL: Obras de Eça de Queiroz (Encadernadas), 15 vol.; A Família Forsyte e Novos Forsyte, 6 vol.

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO: Rimas Autos e Cartas de Luís de Camões, 1 vol.; Obras Completas de Gil Vicente, 1 vol.; Peregrinação e Cartas — Fernão Mendes Pinto, 1 vol.

LIVROS HORIZONTE: A Arquitectura Gótica em Portugal, 1 vol.; História da Filosofia Ocidental, 1 vol.; Geografia da Península Ibérica, 1 vol.; O Socialismo e o Futuro da Península, 1 vol.; Autómatos, Automatismo e Automatização, 1 vol.; Portugal na Balança da Europa, 1 vol.; Do Sebastianismo ao Socialismo em Portugal, 1 vol.; Da Filosofia, 1 vol.; Cooperação Agrícola, 1 vol.; História de Espanha, 1 vol.; Alexandre Herculano, 1 vol.; Introdução à História Económica, 1 vol.; A Situação Universitária Portuguesa, 1 vol.; Emigração Portuguesa, 1 vol.; A Primeira República Portuguesa, 1 vol.; A Arte e a Sociedade Portuguesa no Século XX, 1 vol.; Introdução à Atitude Científica, 1 vol.; Da História Crónica à História Científica, 1 vol.; Eça de Queiroz e o seu Tempo, 1 vol.; Jesus no Seu Tempo, 1 vol.; A Arte em Portugal no Século XIX, 1 vol.

EDIÇÕES EUROPA AMÉRICA: Tempo Para Amar e Tempo Para Morrer, 1 vol.; A Caserna, 1 vol.; A Guerra, 1 vol.; A Derrota, 1 vol.; Nem só de pão vive o Homem, 1 vol.; Fontamara, 1 vol.; A Pousada da Sexta Felicidade, 1 vol.; O Último Justo, 1 vol.; Desenraizados, 1 vol.; Exodus, 1 vol.; Deus Dorme em Mansuria, 1 vol.; A Sentença, 1 vol.; A Guerra das Bananas, 1 vol.; Mães e Filhas, 1 vol.; O Céu não tem Favoritos, 1 vol.; A Felicidade não se compra, 1 vol.; A Ponte, 1 vol.; Mila-18, 1 vol.; Não Matem a Cotovia, 1 vol.; A Rua, 1 vol.; Uma Noite em Lisboa, 1 vol.; Os Carros do Inferno, 1 vol.; Rebelião dos Perdidos, 1 vol.; O Navio, 1 vol.; Miró, 1 vol.; Fábrica de Oficiais, 1 vol.; O Regimento da Morte, 1 vol.;

EDIÇÕES PRELO: Teatro Moderno, 1 vol.; Pantagruel, 1 vol.; Entre os Macuas de Angoche, 1 vol.; Do Monte Sinai à Ilha de Vénus, 1 vol.; Borobudur, 1 vol.; Diário de Viagens, 1 vol.; Viagem na Grécia, 1 vol.; O Homem na Cidade, 1 vol.; O Menino entre os Gigantes, 1 vol.; Chiquinho, 1 vol.; Senalonga, 1 vol.; O Passo da Serpente, 1 vol.; Histórias do Zaire, 1 vol.; O Espelho e a Pedra, 1 vol.; A Execução, 1 vol.; Montedor, 1 vol.; Os Mastins, 1 vol.; Um Anjo no Trapézio, 1 vol.; Histórias Breves de Esc. Rib., 1 vol.; Antes do Dilúvio, 1 vol.; Libelo Acusatório, 1 vol.; O Disfarce, 1 vol.; Os Idólatras, 1 vol.

EDITORIAL PRESENÇA: Os Amores de Luciano Leuwn, 2 vol.; O Inspector, 1 vol.; As Viagens de Gulliver, 1 vol.; Diário da Peste de Londres, 1 vol.; A Política, 1 vol.; A Arte de Amar, 1 vol.; Pais e Filhos, 1 vol.; Cyrano de Bergerac, 1 vol.; Satiricon, 1 vol.; Anti-Cristo, 1 vol.; Diário de um Sedutor, 1 vol.; O Político, 1 vol.; O Crepúsculo dos Deuses, 1 vol.; Hamiet, 1 vol.; Macbeih, 1 vol.; Sonho de Uma Noite de Verão, 1 vol.; Júlio César, 1 vol.; Otelo, 1 vol.; O Rei Lear, 1 vol.; Ricardo III, 1 vol.; António e Cleópatra, 1 vol.; O Mercador de Veneza, 1 vol.; História da Filosofia, 14 vol.; Kean, 1 vol.; Mortos sem Sepultura, 1 vol.; Todos eram meus Filhos, 1 vol.; A Gaivota e o Cerejal, 1 vol.; Tempestade, Casa Queimada, A Menina Júlia, 1 vol.; Ana Kleiber, Morte no Bairro, 1 vol.; Os Degraus, 1 vol.; Os Combatentes, 1 vol.; Joana D'Arc, 1 vol.; A Ponte Sobre a Vida, 1 vol.; Bruscamente no Verão Passado, 1 vol.; As Três Irmãs, 1 vol.; Antígona, 1 vol.; Eda Gabler, 1 vol.; A Dama da Morte, 1 vol.; O Selvagem, 1 vol.; Diário de um Louco, 1 vol.; O Processo, 1 vol.; Moloy, 1 vol.; Os Dados estão Lançados, 1 vol.; Os Infortúnios da Virtude, 1 vol.; Narrativa Cubana, 1 vol.; As Moscas, 1 vol.;B O Reino deste Mundo, 1 vol.; A Madona, 1 vol.; O Percevejo, 1 vol.; Faxelange ou Males da Ambição, 1 vol.; As Bruxas de Salém, 1 vol.; Drácula, 1 vol.; As Criadas, 1 vol.

PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE: Lendas da Guatemala, 1 vol.; O Senhor Presidente, 1 vol.; Fim de Semana na Guatemala, 1 vol.; Espelho de Lida Sal, 1 vol.; Furacão, 1 vol.; Checoslováquia na HOORA DA Democratização, 1 vol.; Biafra, 1 vol.; O Desafio Americano, 1 vol.; Médio Oriente-Solução Impossível, 1 vol.; A Rodésia e a Independência, 1 vol.; Japão Outro Gigante, 1 vol.; Brasil na Encruzilhada, 1 vol.; Droga Inferno ou Paraíso, 1 vol.; Lua Sim ou Não, 1 vol.; De Adenauer a Willy Brandt, 1 vol.; Índia sem Nehru, 1 vol.; Inglaterra Trabalhista, Conservadores ou Europeus, 1 vol.; F.B.I. Abuso de Autoridade, 1 vol.; Marrocos-Hassan e as Conspirações, 1 vol.; A Mitologia, 1 vol.; Maomé a Carlos Magno, 1 vol.; Caminhos para a Europa, 1 vol.; A Civilização de 1995, 1 vol.; 20 Poemas de Amor e Uma Canção Desesperada, 1 vol.; O Mundo Alucinante, 1 vol.; Destruir Diz Ela, 1 vol.; Bestiário, 1 vol.; Os Filhos de Viriato, 1 vol.; Uma Abelha na Chuva, 1 vol.; Pequenos Burgueses, 1 vol.; A Casa na Duna, 1 vol.; O Aprendiz de Feiticeiro, 1 vol.; Gaivotas em Terra, 1 vol.; Suão, 1 vol.; Morreu o Senhor Presidente, 1 vol.; Esquecer Palermo, 1 vol.; A Batalha de Toulouse, 1 vol.; Terra de Neve, 1 vol.; Textos para Natal, 1 vol.; O Papa Verde, 1 vol.; Kioto, 1 vol.; A Partilha da África, 1 vol.

EDITORIAL ESTÚDIOS COR: O Animal Vertical, 1 vol.; O Fogo de Deus, 1 vol.; A Idade da Razão, 1 vol.; A Grande Viragem, 1 vol.; A Grande Viagem, 1 vol.; O Cântico dos Cânticos, 1 vol.; Nicolau Tolentino, 1 vol.; Arte de Furtar, 1 vol.; Histórias de Natal, 1 vol.; Os Lusíadas, 1 vol.

EUROPA AMÉRICA: Tenda dos Milagres, São Jorge dos Ilhéus, Mar Morto; Capitães da Areia; Os Velhos Marinheiros, Dona Flor e seus Dois Maridos; Filho de Homem; Campo Sete Última Estação; Conversa na Catedral.

EDITORIAL ARCÁDIA: Obras Completas de Dostoievski, 10 vol.; Obras Completas de Tolstoi, 6 vol..

EDITORIAL ÁTICA: Poesias de Fernando Pessoa, 1 vol.; Poeisas de Álvaro de Campos, 1 vol.; Poemas de Alberto Caeiro, 1 vol.; Odes de Ricardo Reis, 1 vol.; Poemas Dramáticos de F. Pessoa, 1 vol.; Poesias Inéditas (1930-1935) 1 vol.; Poesias Inéditas (1919-1930), 1 vol.; Quadras ao Gosto Popular, 1 vol.; A Confissão de Lúcio 1 vol.; Poesias de M. Sá Carneiro, 1 vol.; Cartas a Fernando Pessoa, vol. 1-1 vol.; Cartas a Fernando Pessoa, Vol. 11-1 vol.; Céu em Fogo 1 vol.; Serra Mãe, 1 vol.; Diário 1 vol.; Cabo da Boa Esperança, 1 vol.; Campo Aberto, 1 vol.; Itenerário Paralelo, 1 vol..

EDITORIAL ÁTICA: O Segredo é Amar, 1 vol.; Pelo Sonho é que Vamos 1 vol.; Boca Bilingue, 1 vol.; Clepsidra e Outros Poemas, 1 vol.; Eu Hei-de Voltar um Dia, 1 vol.; Geografia, 1 vol.; Há uma Rosa na Manhã Agreste, 1 vol.; Nós não Somos deste Mundo, 1 vol.; Nós Portugueses Somos Castos, 1 vol.; Parva Naturália, 1 vol.; Quatro Quartetos, 1 vol.; Anunciação, 1 vol.; António Marinheiro, 1 vol.; Os Anjos e o Sangue, 1 vol.; Auto da Barca do Motor Fora de Borda, 1 vol.; O Barão, 1 vol.; O Crime da Aldeia Velha, Felizmente há Luar, 1 vol.; O Gigante Verde, 1 vol.; A Grande Feira do Mundo, 1 vol.; O Inferno, 1 vol.; O Judeu, 1 vol.; O Lugre, A Irmã Natividade, 1 vol.; As Mãos de Abraão Zacut, 1 vol. Pecado de João Agonia, 1 vol.; A Promessa, 1 vol.; A Qualquer Hora o Diabo Vem, 1 vol.; Sua Excelência, 1 vol.; Folclore, 1 vol.; História da Literatura Brasileira, 1 vol.; Informar ou Defender, 1 vol.; O Jogo dos Homens, 1 vol.; Nova Feira das Vaidades, 1 vol.; Angústia Para o Jantar,1 vol.; Contos de Ferrara, 1 vol.; Cores, 1 vol.; Digressão, 1 vol.; Histórias de Poucas Palavras, 1 vol.; Margem Norte 1 vol.; Não Choreis Meus Olhos, 1 vol.; Nos Mares do Fim do Mundo, 1 vol.; Redacções da Guidinha, 1 vol.; Uma Coroa para Udomo, 1 vol.; Um Homem não chora, 1 vol.; A Velha e o Barco, 1 vol..

EDIÇÕES LELLO IRMÃO: Lello Universal, 2 vol.; Colecções Lusitania, 80 vol.; Sermões Completos, 15 vol.; Shakespeare, 37 vol.; Padre António Vieira, (Bíblia), 5 vol..

LIVRARIA SÁ DA COSTA: Fócue-Enciclopédia Internacional, 4 vol,.

EDITORIAL VERBO: Sobre Formas de Tratamento na Língua Portuguesa, 1 vol.

EDITORIAL INOVA: Memórias de Alegria, (Edição de Luxo), 1 vol.; Daqui Houve Nome Portugal, 1 vol.

LIVRARIA BERTRAND: História da Europa e do Génio Europeu, 1 vol.; A Arte e a Alma, 1 vol.; História da Arte, 1 vol.;

PARCERIA ANTÓNIO M. PEREIRA: Assinatura da Edição Vulgar da Série de Teatro das Obras Completas de Almeida Garrett, 9 vols.; Traços do Extremo Oriente, 1 vol.; Daí Nipponn, 1 vol.; Relance da História do Japão, 1 vol..

EDITORIAL MINERVA: E Tudo o Vento Levou, 1 vol.; O Rosário, 1 vol..

EDITORIAL ESTAMPA: Dicionário Filosófico, 5 vol.; História das Ideologias, 1 vol..

MORAES EDITORES: Pequeno Diccionário de Oxford Inglês-Português, 1 vol.; Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa, 1 vol..

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

O SEGUNDO PRÉMIO

O ENVIO DO SELO

Quem pretenda que lhe enviemos pelo correio o cartão de Identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» deverá juntar ao seu cupão um selo de correio de 1$00.

ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

Aceitam-se desde já assinaturas pelo período da iniciativa que garantem aos interessados os exemplares pretendidos, ao preço de:

45 dias — 67$50

ASSINATURAS NORMAIS

3 meses — 130$00
6 meses — 250$00
12 meses — 485$00

Pagamento adiantado, em vale de correio cheque ou selos.

CARRO ROUBADO

Morris mini BI-88-77. Dão-se alviçaras. Tel. 760444

portas Valdorém
Ap. 76 Tomar - Portugal

Um novo livro de REMARQUE!

SOMBRAS NO PARAÍSO

ERICH MARIA REMARQUE

Do mesmo autor de ARCO DO TRIUNFO e O OBELISCO PRETO, surge agora este excepcional romance em que a solidão é o tema central.

Preço: 80$00

A venda nas Livrarias e Tabacarias

Livros do Brasil — R. dos Caetanos, 22-Lisboa

ATENÇÃO: O QUE TEM DE FAZER PARA SE HABILITAR AOS PRÉMIOS INSTITUÍDOS

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"
3.ª FASE

NOME: _____

MORADA: _____

LOCALIDADE: _____ TEL: _____

PROFISSÃO: _____

Os leitores já inscritos que tenham mudado de residência, para concorrerem a esta 3.ª fase, têm obrigatòriamente de renovar a sua inscrição preenchendo este cupão e indicando que ele se destina a substituir o anterior. Para o fazerem basta-lhes indicar a sua morada antiga na linha que segue

_____

Os Leitores que ainda não estejam inscritos preenchem sòmente a parte de cima.

1.º) Se já se inscreveu como «Leitor do Diário de Lisboa» no decorrer de qualquer das iniciativas que este jornal dedicou aos seus leitores, não precisa de fazer mais nada e não deve preencher este cupão, porque já é «Leitor do Diário de Lisboa» e já está, portanto, habilitado aos prémios instituídos para a nova iniciativa, mesmo que tenha perdido o seu «Bilhete de Identidade», desde que, a verificar-se a hipótese de ser premiado, tenha em seu poder uma colecção dos cabeçalhos dos jornais que sairem durante o período de duração da iniciativa.

2.º) Se já se inscreveu como «Leitor do Diário de Lisboa» no decorrer duma das iniciativas anteriores, mas mudou de residência desde a sua inscrição, deve preencher novamente este cupão indicando no mesmo, a sua antiga morada, para que possamos substituir a sua antiga ficha por uma nova.

3.º) Se nunca se inscreveu como «Leitor do Diário de Lisboa» e deseja aproveitar esta oportunidade para o fazer, deve preencher este cupão, recortá-lo e enviá-lo, juntamente com um selo de 1$00. a «Homem que lê vale por três», Serviços Administrativos do Diário de Lisboa, Rua Castilho, 185-1.º, Lisboa. O selo de 1$00 será usado pela organização da iniciativa para lhe enviar o seu «Bilhete de Identidade de leitor do Diário de Lisboa».

DL/OPINIÃO

A felicidade pela desordem

Um eminente catedrático espanhol de Psiquiatria, o prof. Lopez Ibor, fez na Gulbenkian uma interessante comunicação da qual vale a pena respigar alguns pontos, não apenas tendo em conta a autoridade do conferencista, devidamente avalizada pelo dr. Miller Guerra, que o apresentou, como também por terem sido postas em evidência questões que normalmente se prefer não discutir, para mais fàcilmente se dar curso a motes ideológicos **fechados** e a razões de circunstância.

Referindo-se à fase de transição — ou de crise — que o mundo atravessa, disse o prof. Lopez Ibor que o momento actual se caracteriza por uma tendência para a ruptura de todo o género de institucionalização, tanto colectivas como individuais. E especificou: **«Falando das institucionalizações individuais, ou melhor ainda, de institucionalizar a pessoa, o importante é conhecer os seus limites. Há uma corrente de pensamento que pretende demonstrar que a felicidade e o bem-estar que buscamos como homens não pode encontrar-se mais do que na libertação de todas as inibições e repressões que sofremos na nossa vida intelectual e colectiva: porém, a experiência actual, naquelas comunidades ou naqueles individuos que pretenderam libertar-se das mesmas, demonstrou a impossibilidade de alcançar a felicidade por este caminho. A própria promiscuidade sexual, em lugar de facilitar a comunicação com os demais, dificulta-a. A técnica a que tantos progressos devemos e tanto libertou o homem da servidão do trabalho, ao mesmo tempo aprisiona-o».**

A corrente de pensamento a que alude o prof. Ibor pode identificar-se, para não ampliar a faixa, num Wilhelm Reich, cujos escritos, na maior parte anteriores à subida do nazismo ao poder, circulam agora em Portugal como novidade filosófica. Alguns desses escritos, que sistemàticamente apontavam o socialismo como o grande redentor do sistema de repressão sexual que o capitalismo teria instaurado, acabaram sendo desmentidos pelos factos. A União Soviética, e posteriormente a China de Mao, aplicaram às suas populações um tipo de repressão sexual que nada tem a invejar ao modelo vitoriano. Foi no Ocidente — e mais particularmente nas chamadas **sociedades permissivas — que a revolução sexual preconizada por Wilhelm Reich explodiu, acabando por demonstrar, como assinalou o professor Lopez Ibor, a impossibilidade de alcançar a felicidade por este caminho.** Alcançou-se, sim, nos Estados Unidos, o mais elevado e aterrador surto de doenças venéreas de que há memória naquele país.

A ciência, ao declarar-se incapaz de criar valores (pois em si mesma, como anotou o catedrático espanhol, não é mais do que a conquista do conhecimento), contribuiu para agravar a tendência niilista que acompanhou a actual epidemia de licenciosidade. A negação sistemática dos valores tenta fazer esquecer que os princípios da vida pessoal não mudam, uma vez que — segundo o prof. Ibor — «estão baseados na própria estrutura da pessoa humana». As desordens eventuais e os frequentes ciclos niilistas devem, portanto, ser examinados pelo que reflectem de um determinado estado de crise ou de transição. Não como sinal revelador de que tudo vai mudar, da raiz à copa da árvore, e que um Homem novo nascerá dos nomadismos e das promiscuidades que hoje constituiram os fundamentos da segunda Revolução Americana a que alude entusiasmado, em seu último livro, Jean-François Revel.

Parece-nos de preconizar uma discussão ampla destes temas. Seria útil que a palestra do prof. Lopez Ibor não ficasse confinada pelas paredes do Auditório Dois da Gulbenkian e se repercutisse em amplos debates nomeadamente no meio universitário, talvez o mais sensível à penetração de certas ideias que, escapando à luz esclarecedora das discussões exaustivas, acabam por ganhar foro de intocáveis pedras filosofais.

UMA GERAÇÃO -TEMPOS DIVERSOS

De Londres escreve MANOLO SANTOS

Rowland tem 18 anos, Barry 17 a Chris 15. Estudantes de um colégio particular dos mais exclusivos de Londres, preparam-se para exames que lhes virão a garantir o acesso à Universidade, que os seus pais se empenham seja a de Oxford ou Cambridge. Descendentes da burguesia mais abastada — a que criou e manteve o Império Britânico — seguem confiadamente o caminho aberto pelos seus gloriosos antepassados.

A música tem constituído parte integral da sua formação académica desde o jardim-escola, também exclusivo, que frequentaram a partir dos 3 anos. E, recentemente, constituiram-se num grupo «pop» a que deram o nome CRAB - Chris Rowland Barry CRAB, e, caranguejo — e gravaram o seu primeiro disco, não para lançamento comercial, mas simplesmente para distribuição exclusiva entre mestres e colegas. **Procuro incorporar um amigo ou pessoa conhecida em cada frase musical que componho. É a minha forma de dar expressão ao sentir que em mim suscitam as pessoas com quem me dou**, explica Rowland. E daí que o disco tenha sido intitulado **Dedicado a...** a que as seis bandas de que se compõe se refiram a seis pessoas diferentes. Formaram o grupo para avivar o seu interesse pelo exército musical, criando-lhe um objectivo específico e mais imediato. E muito embora insistam em que os não move qualquer interesse comercial, a verdade é que formaram já entre si uma companhia — CRAB Enterprise — de que Rowland foi nomeado o administrador comercial, jurìdicamente reconhecido, ainda antes de ter deixado de ser **menino de escola**. O grupo anima as danças de fim de semana no colégio, perante o entusiástico incentivo de todos os professores e o não menos calorosos dos papás **que acham muita graça**, afirma ainda Rowland. **Uma vez por outra tocamos em danças que se realizam noutros locais, mas nunca abandonaríamos as nossas carreiras académicas para nos tornarmos profissionais da indústria de espectáculos. O estrelato não nos alicia a nós.**

Ahmed tem 12 anos. A sua irmã Nasima, 17. Casada, ela já teve três filhos, um dos quais morreu de deficiência

Um dos Mukta Bahini

nutritiva. Descendentes de camponeses e pescadores, Ahmed e Nasima vivem numa aldeola plantada num dos maiores estuários do mundo, na Baía de Bengala, onde desaguam o Ganges e o Bramaputra. A grande maioria das gentes de Bangla Desh — **terra dos Vengali** — vive entre os braços daqueles dois rios, ou mesmo em barcos no seio da água. Assim acontece com Nascima e o seu marido, que passam a vida velejando rio acima, até Dacca, e regressando sempre ao estuário, num barco pequeno e tosco, em que transportam peixe, arroz e justa, para os mercados da cidade.

Um irmão de Ahmed e Nasima, que era esperto, conseguiu ir à escola em Dacca. Ali tomou consciência dos problemas da sua terra, e ali veio a ser abatido pelos soldados do Governo do Paquistão.

Criado a 15 e Agosto de 1947, por um acordo internacional inspirado pela Grã-Bretanha — a dos pais de Rowland, Barry, Chris... — e ratificado pelas demais potências super-civilizadas, o Paquistão aglutinou os dois cantos superiores da Índia. Assim como quem rapa da tesoura, corta um mapa-mundo em pedaços e os reagrupa arbitràriamente. Separadas por mil milhas de território indiano, as zonas ocidental e oriental do Paquistão nunca tiveram nada em comum, para além do governo então criado e da religião de há séculos. Eram todos muçulmanos, mas diferentes até na língua.

Econòmicamente explorados, social e politicamente ignorados, os bengaleses decidiram afirmar os seus direitos de auto-determinação, e nas eleições gerais de 1972 a maioria esmagadora de votos incidiu no partido que oferecia maiores garantias de independência. Seguiu-se, como é sobejamente sabido, uma das mais horrorosas guerras de que há memória, em que se lançou mão dos meios mais via e atrozes para suprimir o direito à vida de oitenta milhões de bengaleses. (Ao Alcorão — a **bíblia** dos muçulmanos — se atribuiu a origem da arma de maior alcance, para a **defesa** contra estes neo-sarracenos: o **princípio** que garantia que a sistemática fecundação das bengalesas, pelos paquistaneses ocidentais, produziria uma geração de bengaleses mais dóceis, porque congènitamente predispostos para reconhecer a superioridade racial paterna. Daí a autoria com que as tropas do exército ocidental se lançaram à desenfreada violentação sexual das mulheres orientais, muitas delas crianças ainda.)

Foi então que dezenas de milhares de jovens, contemporâneos de Ahmed e do seu irmão — assim como de Rowland, de Barry e de Chris — se constituiram nos grupos «populares» a que chamaram Mukta Bahini, e galhardamente se bateram contra o exército invasor. Quando o seu irmão foi morto em Dacca, Ahmed herdou uma espingarda e um punhado de balas; e, nessa mesma noite, o seu grupo de jovens emboscou uma patrulha do exército ocidental, que foi completamente aniquilada.

Uma vez finda a luta e reconhecida a soberania de Bangla Desh, os jovens Mukta Bahini regressaram às suas aldeias. Ahmed devolveu a espingarda e entregou-se entusiàsticamente à tarefa de reconstrução das aldeias arrasadas, e da recuperação da nação que ele próprio ajudara a libertar.

Ahmed não foi, pois, à escola. E não terá tido tempo para aprender música e muito menos gravar discos. E a despeito da comunhão de idades, hoje ele já é contemporâneo dos CRAB, posto que a tragédia que simultâneamente vivem todos o situa a ele no futuro enquanto mantem Rowland, Barry e Chris no passado. Foi, pois, com propriedade que estes decidiram chamar-se «caranguejos».

QUEM FAZ AS CASAS

URBANO TAVARES RODRIGUES

. Pela regueira, entre as «casotas» onde vivem os nossos semelhantes — nossos irmãos segundo a Bíblia — escorrem, ensaboadas, enodoadas, as águas de lavar tachos, pratos, apnelas, escorrem as urinas, as fezes, os restos de comida magra. Numa dessas barracas (mas numa só) há uma televisão com bateria. Os habitantes da Quinta do Narigão, que envergonhadamente se oculta por detrás dos prédios altos da Avenida do Aeroporto, são, por via de regra, de aparência débil e marcada (carne só ao domingo e viva o rei!), alguns precocemente envelhecidos. Alumiam-se, os que podem, quando podem, com candeeiros Petromax, e é ainda o que os ajuda, no Inverno, a aquecerem-se, quando lhes faltam as brasas na braseira.

E são nossos irmãos, segundo a Bíblia. Assim lhes chamam pessoas de missa ao domingo e alma em paz. São, no geral, operários e alguns até ganham mais de cem escudos por dia, pois ganham, mas como chega isso para uma renda de casa de dois contos?! E assim vivem que as casas de renda económica, salvo por milagre cabem a outras camadas sociais.

Andei por aquelas barracas de desconforto, de promiscuidade, de bentinhos, de aflição, de lágrimas e raiva à mistura; vi camas desfeitas, sofás da corte do inferno, coxos e esfiampados, cadeiras rotas, paredes, perdão, divisórias de madeira recobertas com papel, uma ou outra com contraplacado. E a frase mais espantosa que ouvi — e tão dura, tão justa, na sua verdade nua — foi esta:

— Há vinte anos que peço uma casa e não ma dão. Nunca ma deram. Já não acredito que algum dia venha. E eu sou pedreiro, veja lá! Se nós é que fazemos os caboucos e alevantamos os prédios com tijolo e con cimento e com a argamassa que sai das misturadouras, que é como quem diz, com o nosso trabalho e a nossa desgraça, porque é que só os ricos hão-de morar nessas casas que a gente faz?!

ONKYO
4 CANAIS STEREO 4
SOM CIRCUNDANTE

DL/GERAL

O NÃO RECONHECIMENTO DE ISRAEL ENTRE AS RESERVAS À CONVENÇÃO SOBRE RELAÇÕES CONSULARES

O não reconhecimento do Estado de Israel faz parte das reservas postas por alguns países árabes à Convenção de Viena sobre Relações Consulares, adoptada em Viena em 24 de Abril de 1963. O Ministério dos Negócios Estrangeiros fez publicar, no «Diário do Governo» de hoje, as reservas postas por alguns dos países que ratificaram ou aderiram à Convenção sob reserva.

Assim, entre as seis reservas postas pela República Arabe Unida, figura a de que «**a R.A.U. entende que os privilégios e imunidades especificadas nesta Convenção são aplicáveis ùnicamente aos funcionários consulares, suas mulheres e filhos menores, não podendo ser aplicados a outros membros das respectivas famílias**». Mas, sobretudo, aquela união árabe declara ficar entendido «**que o acesso a esta Convenção não significa de forma alguma o reconhecimento de Israel pelo Governo da República Árabe Unida. Por conseguinte, não dará origem a relações entre a R.A.U. e Israel**». A mesma reserva é feita pelo Iraque, pois «**a adesão da República do Iraque à presente Convenção não constitui de forma alguma o reconhecimento do membro das Nações Unidas designado por Israel, nem implica qualquer ibrigação ou relação com o referido membro**».

BERLIM OCIDENTAL

Quanto à Checoslováquia, afirmou esta república socialista que «**salientou no passado e salienta no presente o facto de o território de Berlim Ocidental nunca ter sido, nem ser, parte da República Federal da Alemanha. A declaração do Governo da República Federal da Alemanha referente à aplicação das obrigações resultantes para a R.F.A. dos tratados internacionais à atrás mencionada entidade politicamente especial, é ilegal**».

O Governo Revolucionário de Cuba, por seu lado, faz reservas aos artigos 74 e 76 da Convenção, «**em virtude de, dada a natureza do conteúdo e das disposições da Convenção, todos os Estados livres e soberanos terem o direito de nela participar, sendo por conseguinte o Governo Revolucionário de Cuba em favor de se facilitar o acesso de todos os países à comunidade internacional, sem distinção do tamanho territorial dos Estados, do número dos seus habitantes ou dos seus sistemas político, económico ou social**».

Assinaram sob reservas expressas, ainda, o Fiji, a Grã-Bretanha, a Itália, o Lesotho, o México (que não aceita a possibilidade de expropriação de bens consulares do Estado a favor dos consulados estrangeiros) e a Roménia (que considera também serem os artigos 74 e 76 «**incompatíveis com o princípio de que os tratados internacionais multilaterais, cujo conteúdo e propósitos são de interesse para a comunidade internacional no seu conjunto, devem ser abertos à acessão universal**».

MOÇAMBIQUE:

Oito mortos num choque de comboios

NAMPULA (MOÇAMBIQUE), 30 — (A.N.I.) — Morreram oito pessoas e trinta e duas ficaram feridas em consequência do choque de um comboio com uma automotora ontem registado entre o Namialo e Monapo, na linha que vai de Nacala para Nova Freixo, no norte de Moçambique.

O acidente ocorreu por o maquinista da automotora, Carlos Matias, que teve morte imediata, não ter respeitado a ordem de aguardar a passagem do comboio que circulava em sentido contrário.

Além do maquinista, morreram ainda o chefe de estação do Namialo, Arnaldo Rodrigues de Oliveira e sua filha Graciete, de 6 anos, desconhecendo-se ainda a identidade das restantes vítimas.

Os prejuízos são considerados avultados.

A colónia portuguesa é a maior em Espanha

MADRID, 30 — (F. P.) — Segundo cifras oficiais, foram expulsos de Espanha em 1971 cerca de 1400 estrangeiros, 410 por haverem entrado clandestinamente no país e 900 por terem sido considerados indesejáveis.

Residiam em Espanha 150 000 estrangeiros em 1971, entre eles 17 por cento são portugueses, 11 por cento franceses e 10 por cento alemães. Vêem a seguir os cubanos, os italianos e os americanos.

Oitocentos advogados no Congresso

Cerca de oitocentos advogados já estão inscritos para participar no I Congresso Nacional de Advogados que decorrerá nos dias 16, 17, 18 e 19 do próximo mês. A sessão de abertura realizar-se-á no Auditório 2 da Fundação Gulbenkian e será presidida pelo ministro da Justiça. Até hoje entraram na Ordem 65 comunicações sobre os oito temas a debater no Congresso. As restantes sessões decorrerão na sede da Ordem.

Conferências sobre literatura infantil

Termina hoje o ciclo de conferências sobre literatura infantil, que tem estado a decorrer no anfiteatro da Biblioteca Nacional. Às 18 horas será lido o último trabalho sobre «Arte Infantil — O Livro Infantil», do pintor José Maria Amaro Júnior.

TOTOBOLA

Foram dois os totalistas no último concurso do Totobola: um anónimo de Lisboa e o sr. Zeferino Gomes Bento, de Loures, 45 anos, casado. A cada um cabe a importância de 2 209 077$80.

Com doze resultados certos registaram-se 66 concorrentes (61 da metrópole, 3 de Angola e 2 de Moçambique), que recebem 66 941$70 cada um.

Proibido um debate sobre "O Lixo na Amadora"

Baseando-se no facto de não haver sido solicitada autorização no Governo Civil, as autoridades proibiram um colóquio subordinado ao tema «O lixo na Amadora», que, conforme noticiámos, estava marcado para anteontem à noite, no salão paroquial daquela localidade.

Participavam no debate o jornalista Orlando Gonçalves, arq. Nuno Teotónio Pereira e o dr. Rui de Oliveira.

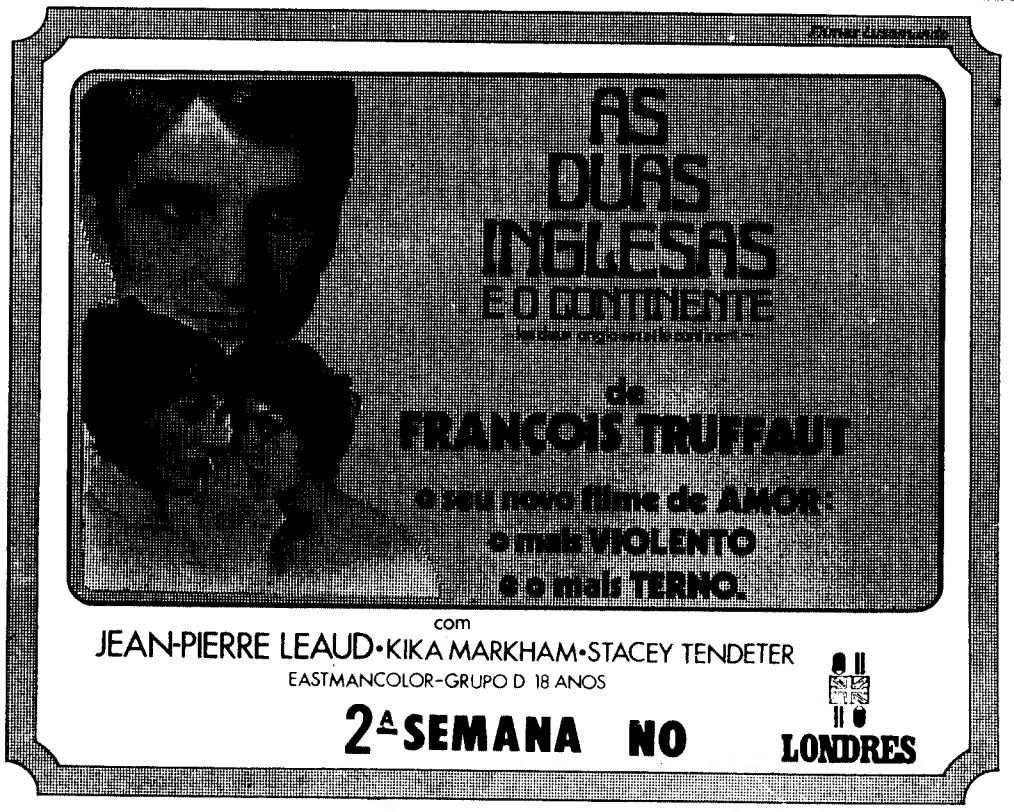
O VINHO DO PORTO PERDE TERRENO EM ANGOLA

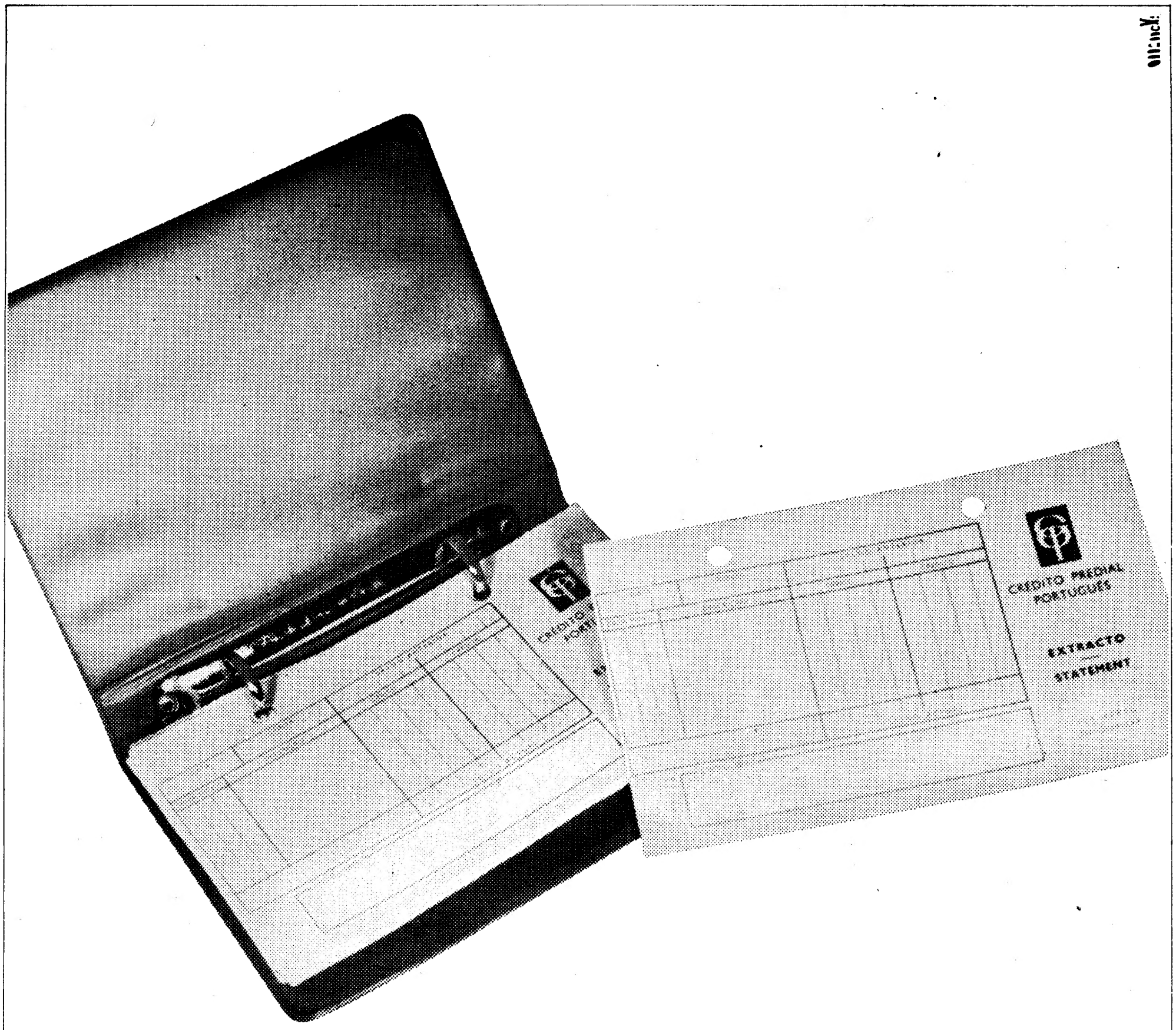
LUANDA, 30 (ANI) — Baixaram de forma significativa as importações de vinho do Porto em Angola. Durante os cinco primeiros meses de 1972 as aquisições atingiram pouco mais de duzentos contos, menos 832 contos do que em igual período de 1971.

Naquele período de 1971 Angola recebeu, para consumo interno, cerca de 1030 contos de vinho do Porto.

PEDITÓRIO PARA CABO VERDE

A Comissão Diocesana da «Cáritas» de Cabo Verde lançou um apelo urgente a todos os portugueses, em favor das vítimas da seca naquele arquipélago. Em algumas ilhas não chove há mais de cinco anos. Por todas as dioceses do país, a «Cáritas» vai promover um peditório nas igrejas e noutros lugares públicos.





EXTRACTO DIÁRIO

É minucioso? Nós também

Os depositantes do

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

recebem diàriamente o extracto da sua conta

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

DL/ESPECTÁCULOS

CRÍTICA DE CINEMA por Lauro Antônio

UM BARCO DE INFÂNCIA

TÍTULO: O BARCO NA RELVA (Le Bateau sur l'Herbe)
REALIZAÇÃO: Gérard Brach, 1971 (França)
INTÉRPRETES: Claude Jade, Jean Pierre Cassel, John McEnery, Paul Preboist, etc..
DISTRIBUIÇÃO: Do perfilme.
ESTREIA: Cinema Estúdio 444 (23-10-1972).

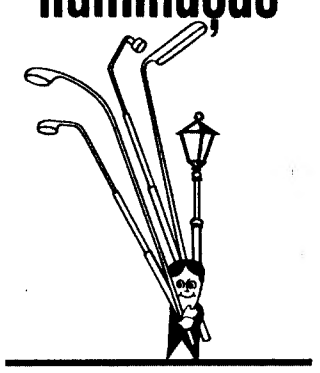
O cinema francês continua a observar de perto a alta burguesia, à qual dirige críticas amenas, do mesmo modo que lhe presta comedido culto. Que outra coisa são os filmes de Eric Rohner, senão o retrato desse jogo de atracção e repulsa? Que outra coisa são efectivamente os filmes da grande maioria dos cineastas franceses neles incluindo Chabrol, Truffaut, Valcroze, até Godard (pelo menos aquele que nós aqui conhecemos...)? Que outra coisa é este **Barco na Relva,** segundo filme do autor, para além de tudo o mais interessante, mas decididamente limitado? Gérard Brach é conhecido, sobretudo, como companheiro de trabalho de Roman Polanski (foi co-autor do argumento de **O Beco Repulsa, Por Favor não me Morda o Pescoço e Macbeth). O Barco na Relva** é o segundo filme de fundo que dirige, primeiro a visitar-nos. Afirmou Claude Jade (que veio a Portugal apresentar o filme) que este é uma história de amor e de amizade e que esta tem muito a ver com a que efectivamente existe entre Brach e Polanski. Pois que assim seja.

História de uma amizade (de Oliver, inglês, e de David, francês) rodando em redor da infância, **O Barco na Relva** é também a história de um amor que existe entre David e Eleonore. A «anedota» é vaga e quase inexistente. Olivier, filho-família, com posses e um ambiente familiar que o desgosta (o pai, etnólogo, apaixonado pela ilha da Páscoa, suicidara-se em virtude do comportamento da mãe, que, anos depois, mantem em seu redor uma bela colecção de **gigôlos),** procura fugir deste mundo de adultos que odeia e despreza, refugiando-se num universo ainda infantil, onde a imaginação e a fantasia constroem sonhos e fábulos que de antemão se sabem irrealizáveis. O sonho de Olivier (a quem David ajuda) é construir um barco e viajar até à ilha da Páscoa. Há nisto tudo um pouco de **Hamlet** (que Oliver, conhece bem e recita para os amigos). O filme terminará, aliás, como tragédia que vagamente se pronuncia. Sabe-se (descobre-se) desde o início que essa viagem (que é fuga, que é desistência, que é renúncia a enfrentar o mundo dos adultos, a contrair responsabilidades) não se efectuará nunca. Resta saber como fracassa. Aqui acontece um pouco à maneira de **Pierrot, le Fou,** através de uma explosão já inútil, mas incontrolável, que a hesitação das personagens não consegue dominar, depois de posta em marcha.

Gérard Brach possui uma sensibilidade discreta, um olhar púdico, uma câmara irónica, por vezes irreverente para com as convenções (veja-se um longo plano com os protagonistas de costas para o público, olhando o barco na relva). Rodeia-se de belas intérpretes, donde sobressai John Mc Enery (o mesmo que já nos havia impressionado num filme inglês, extremamente estranho e inquietante: **Resistência Passiva),** Jean Pierre Cassel, Claude Jade (muito admirada por Truffaut, com quem trabalhou em **Beijos Roubados)** Valentine Cortese e Paul Preboist. **O Barco na Relva** não é, seguramente, um filme essencial, sequer uma obra importante. Mas existe em todo ele uma serenidade e um pudor irresistíveis. Desprende-se da obra um clima de um onirismo esbatido, em tons suaves e neblinas, que fascina. Com todas as consequências que esse fascínio acarreta (e que nem sempre é condenável).

TEATRO
VASCO SANTANA
Tel. 768609 HOJE Às 21.45
TESTEMUNHO INADMISSÍVEL
DE
JONH OSBORNE
António Montez, Francisco Nicholson, Benjamim Falcão, Catarina Avelar, Ermelinda Duarte, Helena Félix, Ana Paula, Lídia Franco
Grupo D — 18 anos

tudo para iluminação



SOUTO FILHO
LIMITADA
com entusiasmo ao seu serviço
TEL. 22910-PORTO

durma bem durma com CALOR

COBERTORES ELECTRICOS
CALOR
2 ANOS DE GARANTIA
EXCLUSIVO IBEREX LISBOA

NOVA CARTA DE D. JOSÉ ZOIO

Solicitada ao abrigo da **Lei de Imprensa**, procedemos hoje à publicação absolutamente na íntegra da seguinte carta do sr. José João Zoio, cavaleiro amador:

Exm.º Senhor Director:

Com o meu profundo respeito venho à presença de V.Ex.ª, trazido pelo pedido de esclarecimentos que o responsável pelo «Canal da Crítica» desse jornal me solicita na sua crónica de 25 do corrente, para o que me concedeu três dias para responder, o que satisfaço com o envio da presente.

1.º — Declara o Exm.º Senhor Mário Castrim que no âmbito da sua actividade de crítico de televisão se limitou a comentar uma intervenção minha na TV portuguesa.

Sobre este ponto, ouso perguntar se a qualidade de crítico da TV lhe permite referir-se à pessoa visada em termos injuriosos dos quais, entre muitos, destaco a afirmação que o meu nome «arranha na garganta que tem demónios».

E isto, apenas, porque participei numa corrida de touros realizada com fins sociais, gratuitamente, a favor da Casa do Pessoal da TV Portuguesa e consenti na realização de um pequeno programa de promoção com que o referido pessoal gentilmente se dignou honrar-me.

2.º — Mais afirma o citado Senhor que lhe saí ao caminho com uma carta ofensiva a vários níveis e fácil é pois, determinar quem é o agressor.

Em minha defesa, abaixo cito os comentários do jornal «República» de 22 de Setembro passado, sobre a missiva em questão que, a essa data e por sua própria iniciativa, transcreveu na íntegra:

«Zoio não está, portanto, a cavalo, por acaso. Seguindo o Código da Cavalaria manifesta imensa consideração pelo adversário, com patriotismo, fidalguia e altíssimo conceito de Honra. Pela Porta do Cavaleiro, Zoio entra triunfalmente neste Fim-de-Semana. Pode DJJ. Zoio ser amador como cavaleiro, no resto, porém, demonstra claramente um exemplar profissionalismo, particularmente nas letras».

3.º — Mais atesta o Exm.º Senhor Mário Castrim que mutilei o meu próprio nome, pois na minha carta de 24 do corrente já não assinei nos termos habituais e «mandei o Dom para as urtigas».

Uma simples consulta ao original da mesma em poder da Redacção do Diário de Lisboa demonstrar-lhe-ia a inconsistência das suas aleivosias.

O meu ilustre opositor fala de cor como arara em galho de maracujá e, enamorado pelo seu cantar de passarinho tonto, não mede a exacta responsabilidade das suas palavras.

4.º — Escrevi em 24 do corrente que o meu adversário na sua crónica de 21 de Setembro, a linhas 26, se classifica espontâneamente de «biltre» e na de 10 de Outubro, a linhas 27 e 115, de «insignificante escriba» e «frustrado» apesar de, segundo me constar, receber mensalmente pelos seus escritos o soldo de dois generais no activo.

Antevendo brecha na muralha das minhas afirmações, lançou-se furiosamente ao ataque, brandindo por sobre a cabeça ameaças veladas e ultimatos.

Aqui o escritor esvaiu-se poe completo para dar lugar ao homem em pânico.

Sinceramente lamento ter perdido um adversário que respeitava e a quem reconheci, por vezes, capacidade para desenhar lances com bastante agudeza.

Crime é atribuir a uma obra de valor um preço vil.

O contrário é honrá-la.

Quando me prestaram a informação em litígio, eu próprio pus em dúvida a sua veracidade, pois pareceu-me demasiada salsa para tão pouco peixe.

Mas, por cortesia, resolvi mantê-la à guisa de generosa «over-estimation».

Vem o meu ilustre antagonista dar públicamente a entender que pelos seus escritos apenas recebe um saco de códeas.

Quer V. Ex.ª Senhor Mário Castrim que lhe peça desculpa por ter consentido que fosse dado à sua obra um preço a que não corresponde o seu real valor?

E isso que V. Ex.ª deseja?

E para minha penitência poderá V. Ex.ª informar-me qual o peso em centavos do referido saco?

A ser verdade a afirmação que produziu e perante a escassez da mão-de-obra que aflige o país, não será aconselhável ao meu antagonista escolher profissão mais útil e rentável?

Segredaram-me, Senhor Director, que o crítico do Diário de Lisboa faz rir as pessoas. Não poderia ele dar uma cambalhota e fazer duas ou três caretas para eu também rir, pois os seus escritos apenas conseguem retesar-me os músculos do rosto em trejeitos de lástima?

5.º — Pede-me autorização o responsável pelo «Canal da Crítica» para escrever quanto lhe conste a meu respeito e grita apavorado:

«E evidente que eu não dou a Zoio este direito, no que diz respeito à minha pessoa».

Compreendo!

No tocante ao pedido inicial, respondo-lhe com o parágrafo da minha carta de 24 do corrente:

«Aqui lhe digo ser-me em absoluto indiferente o que possa pensar, dizer ou fazer relativamente a qualquer acto meu, desde que tal actuação seja digna e tenha a altura moral necessária, dentro do campo da lealdade e da honra».

Em referência à angústia que demonstra sobre o que eu possa escrever no tocante à sua pessoa, recordo-lhe o parágrafo 47.º da mesma:

«Descanse em paz que, por princípios e pelo respeito que devo a um adversário, não sou eu quem as revelará e tanto mais que, perante a oposição que o meu opositor tomou para caminhar, não há código de honra que me permita ferir um inimigo».

6.º — Ensinou o Dr. Manuel Lopes Rocha que a «Câmara Corporativa ponderou, a propósito do princípio da admissibilidade da prova dos factos, para a elaboração dos Estatutos da Imprensa que, a vida privada ou particular constitui uma espécie de coutada onde não pode caçar livremente a maledicência e muito menos a difamação» e acrescentou citando Manuel Rodrigues:

«E necessário reduzir, na medida do possível o vício da calúnia e da má língua que envenena a vida do País e em que se comprazem tantos portugueses, os quais, na falta de elementos e no desejo de cumprirem o dever de informar, inventam, e como a força que os impede é poderosa, o hábito pronunciado e a obrigação imperativa — nenhum limite julga existir à capacidade inventiva — nem a honra, nem a tranquilidade, nem o bom nome dos outros os dispensam da obrigação de informar — talvez melhor, de caluniar e difamar».

Digne-se V. Ex.ª, Senhor Director, reler os textos do crítico do Diário de Lisboa e verificará quanto de verdadeiras e ajustadas as palavras, atrás transcritas, se aplicam à maneira de agir e escrever do meu opositor.

Pela parte que me toca, esclareço V. Ex.ª que, até à presente, nunca ele rebateu qualquer acusação das muitas que lhe fiz e, como raposa velha, apenas se tem preocupado em rondar a minha vida privada no intuito de meter dente em motivo que lhe sirva para escândalo.

E à míngua de assunto mais escaldante, ao longo de todo este torneio, apenas embirrou com o meu nome, os canhões, os meus cavalos e com a minha própria prima que, segundo ele, tem olhos azuis, dando mostra frisante de mais um demagogo que veio ao mundo para nos meter a todos, à força, no caminho da salvação e da felicidade.

7.º — Permito-me dar fim a esta minha carta informando, respeitosamente, V. Ex.ª do que desejaria cortar ao Exm.º Senhor Mário Castrim, se tal me fosse permitido e que ele diz lhe fazer muita falta.

As unhas, Senhor Director

As unhas longas, ponteagudas e em forma de garras, para que não pudesse voltar a arranhar todo um povo e em especial os leitores do Diário de Lisboa, quando afirma na sua crítica de 24 do corrente mês:

«Uma das rubricas que mais me apaixonam na televisão é o «Feminino Singular». Isto prova o quê, meus caríssimos e ALTERNADÍSSIMOS senhores?».

«Alternadíssimo» é na minha terra um adjectivo superlativo de ressonância injuriosa, castiço de almocreves em fúria, que visa ofensa refinada, pessoal e directa, não tendo qualquer outra aplicação na língua portuguesa e que, com o seu parceiro «grandessíssimo», formam a parelha alada que puxa a quadriga de combate do crítico do Diário de Lisboa.

Somos, sim, uns «alternadíssimos senhores» porque lendo-o, lhe insuflamos vida sem disso nos darmos conta.

E este homem, com vida demasiado longa, pode vir a aborrecer-nos.

Em virtude do meu nobre adversário ter declarado que cortou a coleta, dou a função por terminada e mando entrar os cabrestos.

Esperando dever a V. Ex.ª, ao abrigo da Lei da Imprensa, o favor da publicação, na íntegra, desta minha carta, apresento os meus antecipados agradecimentos e o penhor da minha mais elevada consideração e respeitosa estima,

De V. Ex.ª, muito atenciosamente, (a) **D. José João Zoio** (cavaleiro amador).

VÁ AO TEATRO!!!

QUATRO ESPECTÁCULOS RECOMENDADOS POR VASCO MORGADO

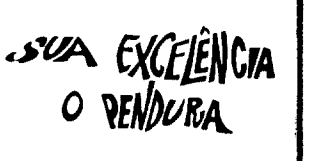
TEATRO Telef. 555133
MONUMENTAL
2 SESSÕES
20.45 e 23 h.
Domingos e Feriados, à tarde, às 16 h
RAUL SOLNADO
na famosa revista

com
FLORBELA
os artistas convidados
IRENE ● JOSÉ de
ISIDRO CASTRO
LINDA SILVA
a fadista
ANA ROSMANINHO
e o extraordinário
BALLET
PICCADILLY
STARS BALLET
ÚLTIMOS DIAS
GRUPO D — M/ 18 anos

TEATRO Telef. 326037
VARIEDADES
2.as, 3.as e 4.as-Feiras, às 21.45 h.
6.as, Sáb. e Domingos 2 sessões 20.45 e 23 h.
Domingos e Feriados, à tarde, às 16 h
SIMONE e RUI
na divertida comédia

com
IO APOLONI
ARMANDO CORTEZ
F. BORSATTI
MANUELA MARIA
DARIO DE BARROS
LUÍS ALBERTO
7.ª SEMANA
GRUPO C — M/ 14 anos

TEATRO Telef. 538586
VILLARET
2 SESSÕES
20.45 e 23 h
Domingos e Feriados, à tarde, às 16 h
à noite, sessão única às 20.45 h
JOSÉ VIANA
numa espantosa comédia



com
DORA LEAL
HENRIQUE VIANA
MANUELA CASSOLA
LUÍS SANTOS
e a participação de
MARIA PAULA
10.ª SEMANA
GRUPO C — M/ 14 anos

TEATRO Telef. 361740
MARIA VITÓRIA
2 SESSÕES
às 20,45 e 23 horas
Domingos e Feriados, «matinée», às 16 h
SALVADOR
IVONE SILVA
NICOLAU BREYNER
na super-revista popular
CÁ VAMOS PAGANDO E RINDO...
com
ANABELA
Victor Mendes
Carlos Queiroz
BARROSO LOPES
a atracção sul-americana
VERA SANDERS
a grande revelação
CIDÁLIA MOREIRA
e um fabuloso
BALLET INTERNACIONAL
Produção de
Giuseppe Bastos
e Vasco Morgado
Grupo D/18 anos

Todos os caminhos se encontram no Banco Totta & Açores

Estamos onde Você estiver.
No Continente.
Nas Ilhas. No Ultramar.
Somos uma organização em dia
com quadros jovens
e especializados
para a resolução de cada caso.
Actuamos com total
transparência de processos.

BANCO TOTTA & AÇORES

Num mundo novo o Banco Novo

PENTA-BTA 1/72

DL/ESPECTÁCULOS TV

NOITE DE ESTREIA NOITE, NOITE...

A história não merecia um dedo de conversa se não fosse a oportunidade de proclamar mais uma queixa, mais uma desilusão.

Estão lembrados, certamente, de uma célebre mesa-redonda dos responsáveis da programação. Entre outras coisas foi-nos anunciada mais uma rubrica: «Noite de Estreia», constituída por fitas de longa metragem produzidas para a TV.

Na primeira emissão a longa metragem era, nada mais, nada menos a apresentação de uma nova série, à semelhança do acontecido já com outras séries. **Longstreet, por exemplo.**

Ontem aconteceu a primeira novidade com uma curiosa particularidade: o autor da história era o autor da história do ceguinho. Outras personagens também já eram nossas conhecidas: a Lisa é a Nanny do Professor, o Max é o médico da **Júlia**, etc. Enfim, fica tudo em família, vira o disco e toca o mesmo...

A primeira longa metragem surge-nos, na televisão, como um fenómeno de dupla reacção: primeiro, contra a saturação que as séries estão provocando; depois, contra a inadaptação e a velhice das fitas de cinema quando passadas para a televisão. Na realidade, permanecem os mesmos processos das séries, a mesma tentativa sempre renovada de atentar contra a inteligência, contra o equilíbrio das suas emoções aquela rapariga, com veleidades de adulta, não era mais do que uma respeitadora do paternalismo. A sua libertação era de paleio; na realidade, as suas emoções e opções não eram outra coisa do que mentir a si própria. Aliás, com seu papá, acontece o mesmo: manda-a para a cidade «onde não faltam jovens da idade dela» mas sofre que eu sei lá quando a vê metida com um jovem, já de roupão vestido.

Aquela figura do aviador chegado do Vietname com graves problemas psíquicos, fizera de início acreditar que iríamos «falar a sério». Tratava-se de um heroico aviador.

A recordação dos bombardeamentos deixava-o transtornado de todo, criam-lhe a repugnância de voar.

Agora começa o verdadeiro problema: como levá-lo novamente a tripular um avião...

Está claro que o consegue. Está claro que fica muito amigo da ex-namorada. Está claro que fica a trabalhar na Companhia. Está claro que o pesadelo do Vietname acabou. Está claro que tudo termina naquela girândola de sorrisos parvos de que as fitas americanas detém o segredo.

Pessoalmente, devo dizer que nunca tive grandes ilusões sobre estas noites de telecinema embora «O erro do farmacêutico» me fizesse vacilar. No entanto, as debilidades, os vícios correntes, a erosão das emoções, da verdade das pessoas, da inteligência, manifestaram-se com brutal realismo nesta «Noite de Estreia».

Os nossos domingos passam a contar, desde agora, com mais um veneno de estimação.

A IMPORTÂNCIA DA DECLAMAÇÃO

Semibreve seria uma rubrica sem história se nos desse apenas o correspondente à primeira parte. Isto no que respeita à participação nacional, a cargo de José Fróis Leitão, cançonetista há dois anos afastado do contacto com o público. Durante esses dois anos cantou, sim, mas em casa, fez aí umas 30 canções das quais aproveitará quatro ou cinco, o que demonstrará uma saudável, uma rigorosa autocrítica. Dessas quatro ou cinco, ouvimos uma, o que nos faculta, quando muito, uma precária oportunidade a avaliação. Como intérprete, José Fróis pareceu mostrar algumas qualidades que também podem não ser significativas da capacidade criadora do intérprete, pois a canção brasileira oferece um padrão demasiado evidente, uma muleta. Como será José Fróis Leitão sem muletas, a andar com as suas próprias pernas?

Com a segunda parte, **Semibreve** ganhou um súbito interesse, devido à presença de Mário Viegas, declamador. Mário Viegas estava ali a pretexto da publicação de um disco de poesia de variados autores. No entanto, o interesse da entrevista acabou por ser despertado por outras direcções. E se essas direcções não ficam definidas com a necessária nitidez e se houve muita barafunda pelo meio e se o principal acabou por não vir (embora se tivesse adivinhado) a verdade é que Mário Viegas chamou vincadamente a atenção para a necessidade de recusar os cliclés, os truques, os narizes de cera de que Villaret foi dos mais vigorosos propagandistas e o Conservatório continua a ser uma boa reserva.

Qual foi, então, o **principal** que não chegou a acontecer? O relato vivo da actividade de Mário Viegas como declamador nos meios populares: mais de uma centena de recitais no território acima de Coimbra, em colectividades de recreio, cooperativas, etc.

Uma das experiências mais curiosas relatadas por Mário Viegas referiu-se à sua presença nas Galinheiras, bairro de lata dos arredores de Lisboa. Havia baile e, antes do baile, declamação e baladeiros. Os baladeiros demoraram. Mário Viegas entreteve a assistência com umas histórias, umas anedotas. Passado uma hora, eis alguém lhe pergunta pelos poemas que trazia. E o interesse foi tal que acabou por não haver baile.

Cabe dizer que muitos declamadores poderão contar factos semelhantes. A demonstrar o amor do povo pela poesia. Quem se admirará disto, quem? O povo como a poesia, não teme a realidade. Os privilegiados os alienados, e os medíocres — esses sim: temem uma e outra coisa. Não é o povo, não é Sancho Pança, que desarma Quixote: é o cura, é o barbeiro, são os nobres galhofeiros e broncos.

Foi bom ouvir alguém confirmar o amor do povo pela televisão. Mas a experiência relatada por Mário Viegas falhou por um triz...

Falhou quando nos contou o pedido dos trabalhadores e rurais das tascas lhe diziam: **«Porque não nos diz umas poesias a respeito disto ou daquilo ou daqueloutro?»**

Aqui estiveram ausentes os nomes dos bois. Os rurais certamente não lhe pediram versos sobre **isto** ou **aquilo** ou **aqueloutro**. Disseram certamente coisas, disseram nomes, disseram vida. A ausência destes temas na poesia explica talvez o falhanço, a aldrabice de certos poemas. E de certos declamadores «populares». Ajudaria a compreender muita coisa...

Houve confusão — e não pequena — na entrevista com Mário Viegas? Sem dúvida. A não menos significativa não terá sido aquela de **«a palavra ser tudo e o resto ser conversa»**. **«O importante** — ouvimo-lo dizer — **é o que se diz e as palavras e o que lá está dito. Agora a maneira como as coisas ditas é que não interessa a ninguém»**.

Ninguém — e muito menos um declamador — pode dizer isto. Além de ser grave contradição, coloca-nos perante a velha questão da forma e do conteúdo, transposta embora para outra região. A verdade é que a maneira como as palavras são ditas enriquece, empobrece ou até modifica a própria natureza das palavras. Estas não são só o que dizem: são o que se dizem, são o que se escrevem.

Já agora, ficámos com o desejo de ver Mário Viegas a recitar pela televisão. Não porque os dois ou três poemas da amostragem tenham justificado esse apetite, mas por ver como Mário Viegas pensa, discute, avalia a dificuldade e os problemas. Poesia é coisa que a televisão portuguesa não aprecia muito. Ou há-de ir para os processos faraónicos do David Mourão-Ferreira ou para os processos pirosos de Maria Germana Tânger. Venha o diabo e escolha.

A. C. P. INFORMA:

CARRUAGEM-CAMAS ENTRE LISBOA E VIANA DO CASTELO E VICE-VERSA

A circulação de carruagem-camas Lisboa (Santa Apolónia)-Viana do Castelo e vice-versa é suspensa no final do corrente mês, até aviso em contrário.

Assim, as últimas datas da sua circulação, no corrente ano, serão as seguintes:

— Sentido Lisboa (Santa Apolónia)-Viana do Castelo:
Noite de 28 para 29 de Outubro.

— Sentido Viana do Castelo-Lisboa (Santa Apolónia):
Noite de 29 para 30 de Outubro.

Os períodos de circulação para 1973 serão oportunamente anunciados.

A C. P. INFORMA:

SERVIÇO INTERNACIONAL PORTUGAL-FRANÇA E ALÉM

A C. P. tem conhecimento de que está anunciada uma paralisação de serviços nos Caminhos de Ferro Franceses com início às 4 horas do dia 20, para terminar às 6 horas do dia 21 do corrente.

Por esse motivo, prevê-se que os comboios internacionais com partida de Portugal no dia 19 não tenham ligação em França.

Aconselha-se, por isso, os Srs. Passageiros com destino Além-Pirenéus a tomar, de preferência, os comboios que partem do nosso País em 20 do corrente e dias seguintes.

MINI JORNAL

CENTRO DE JUVENTUDE DE LEIRIA

Com a presença do secretário de Estado da Juventude e Desportos, dr. Augusto de Ataíde, e de outras individualidades, foi hoje inaugurado o Centro de Juventude de Leiria, criado por iniciativa de um grupo de jovens daquela cidade.

O Secretariado para a Juventude, correspondendo ao interesse demonstrado, tem promovido vários cursos de iniciação, com vista a intensificar as actividades e a formar os quadros necessários ao funcionamento do Centro.

EXPORTADORES PORTUGUESES EM ESPANHA

Por iniciativa do Fundo de Fomento de Exportação, desloca-se a Barcelona e Madrid, no dia 10 de Dezembro, um grupo de exportadores portugueses, que nas duas cidades espanholas estabelecerão contactos, com vista à intensificação das trocas comerciais entre os dois países.

As inscrições estão abertas até ao dia 4 de Novembro, podendo os interessados, para quaisquer esclarecimentos, dirigir-se ao departamento de relações públicas do Fundo de Fomento de Exportação.

CASAS PARA MILITARES MUTILADOS

A Secção Feminina da Cruz Vermelha tem em construção casas do tipo II e III, para serem atribuídas a militares mutilados e famílias.

DL/GERAL

QUE VAMOS LER ? 8

O PÚBLICO PARECE PREFERIR O LIVRO CARO

Inquerito as editoras
conduzido por TORQUATO DA LUZ

«Não encaramos o lançamento imediato de qualquer nova colecção, mas sim e apenas intensificar as duas mais recentes: «Universo das Ideias» e «Universo do Estudante» — esclarece-nos a direcção da Arcádia, editora cuja programação «corresponde, de facto, a uma auscultação sumária do mercado. Estudo aprofundado, como se usa fazer para os outros produtos, não nos consta que se haja realizado alguma vez entre nós para livros».

— Quais os autores (nacionais ou estrangeiros) que constituem as bases em que assenta o trabalho da Arcádia?

— **Actualmente o nosso «autor da casa» é João Palma-Ferreira, que sucede a Fernando Namora e a José Cardoso Pires. Podemos, porém, afirmar que pràticamente todos os grandes nomes da literatura portuguesa colaboraram, e colaboram, com a Arcádia. Entre os estrangeiros editamos, além dos clássicos universais, pràticamente todos quantos representam algo de importante no campo das Letras e da Cultura do Marquês de Sade, passando por vários Prémios Nobel — Thomas Mann, Roger Martin Du Gard, William Faulkner, Mikhail Cholokhov, Aleksander Soljenitzin, Samuel Beckett, Heinrich Boll — a Lawrence Sanders e Frederick Forsyth; de Stuart Mill a Bruno Zevi).**

«Desde o seu primeiro dia — há 15 anos — que esta editora tem dedicado uma atenção especialíssima ao lançamento de novos autores portugueses. Na colecção «Autores Portugueses» (livros de bolso) encontram-se publicados cerca de 40 títulos e nela se revelaram Maria Judite de Carvalho e Orlando da Costa, entre outros. O público, porém, embora se trate de livros de bolso e de livros de escritores portugueses, nunca manifestou interesse particular pela iniciativa.

Foi a «Arcádia» que revelou Maria Judite de Carvalho

AFONSO COSTA É ÊXITO

Acerca dos maiores êxitos e fracassos comerciais:

— **Por êxito comercial entendemos interesse comercial para a Editora e, assim, foi sem dúvida «Afonso Costa», volume organizado pelo prof. A. H. de Oliveira Marques. O maior fracasso deve ter sido «O Pensamento Judaico», de André Chouraqui, integrado na nossa colecção de bolso — a Biblioteca Arcádia de Bolso (BAB).**

Sobre a carestia dos livros:

— **Que o público se queixe sobre a carestia dos livros constitui uma verdade meramente empírica e, por assim dizer, intuitiva. A realidade, porém, talvez seja outra. No caso específico da Arcádia já sucedeu que a mesma obra incluída numa colecção de bolso (BAB) não se vendeu a 15$00, e logrou uma aceitação extraordinária ao preço de 60$00 apresentada com outro formato. Esta reacção do público — preferência pelo livro mais caro — forçou-nos a rever, e com bons resultados, os preços da nossa actual colecção de bolso (BAB). A nossa experiência, talvez excepcional, leva-nos a concluir que o público só compra livros de preço acessível quando pressionado por campanhas publicitárias; doutro modo, parece recear a qualidade da obra barata e decide-se preferentemente pela cara.**

AUMENTAM AS VENDAS

O movimento de vendas da Arcádia tem vindo a revelar expansão do mercado consumidor? — perguntámos.

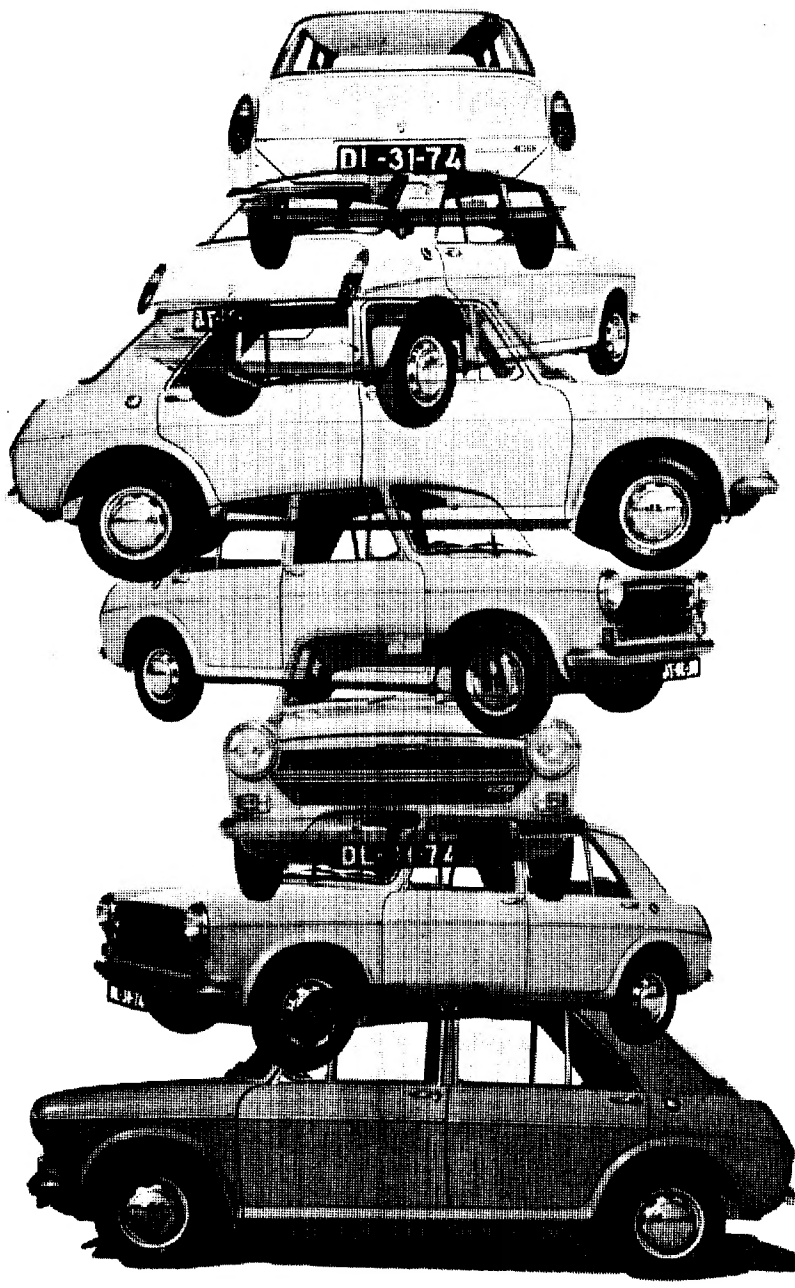
— **Sem ainda dispormos de um departamento de vendas em plena laboração podemos, no entanto, afirmar que as vendas aumentaram do ano passado para este na ordem dos 60 por cento, particularmente devido à maior procura das nossas colecções de preço mais elevado: «Clássicos Universais», «História das Civilizações» «História das Religiões» e aos êxitos de venda deste ano, em que se destacou também o livro «Dinossauro Excelentíssimo» de José Cardoso Pires.**

Em resposta a outra pergunta:

— **Tem sido sempre nossa preocupação publicar livros de qualidade, cujo preço varia necessàriamente conforme o número de páginas e os materiais empregues (papel, brochura ou encadernação, etc.). Nesta conformidade, dentro de tiragens que vão de 3 a 5 mil exemplares, não temos encontrado dificuldades de maior perante o poder de compra do leitor português.**

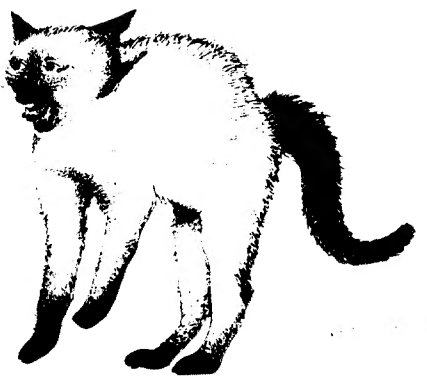
E, finalmente, no que respeita à publicidade e às «edições de luxo»:

— **Projectamos efectivamente algumas campanhas publicitárias (a programar ainda em definitivo) que abrangerão especialmente algumas obras de grande interesse geral e colecções já em curso de publicação. As «edições de luxo», a que nos dedicamos desde sempre, obtiveram um sucesso assinalável e a tendência do mercado é, na realidade, crescente, se considerarmos, que, para além de simples objectos de adorno, as nossas «edições de luxo» possuem também um notável valor intrínseco.**



o carro
das
7vidas

AUSTIN
1300 MK III



O carro dos 7 fôlegos resistentíssimo.
Suspensão hydrolastic que nunca mais acaba e absorve todas as irregularidades do piso.
A segurança da tracção dianteira.
Motor transversal libertando 80% do espaço interior para passageiros e bagagem.
É o carro de aperfeiçoamento continuo.
Não tem rival. E não terá durante muito tempo ainda.
Versões de 2 e 4 portas, "countryman" e GT.

DISTRIBUIDORES: BRITISH LEYLAND DE PORTUGAL-AUTOMÓVEIS, LDA.
À venda nos Concessionários AUSTIN em todo o País

Tem a pinta da família!

72 A1300-12

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

Concurso a vigorar durante o ano de 1973. para os seguintes fornecimentos:

Grupo IV — Calçado e alpargatas, para doentes e pessoal.
Grupo VII — Alcoois puro e desnaturado.
Grupo VIII — Apara e lã de cortiça.
Grupo IX — Combustíveis líquidos («Fuel», Gasóleo, Gasolina e «Burner»).
Grupo X — Gases medicinais e industriais.
Grupo XVI — Material de consumo para electroencefalografia.
Grupo XIX — Pilhas eléctricas e chaves tipo «Yalle».

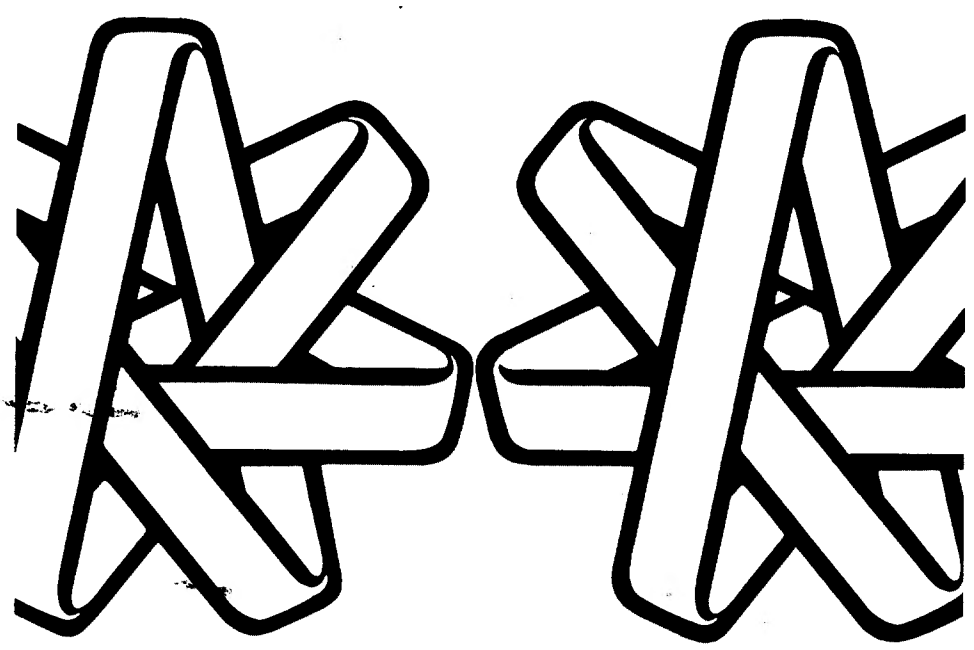
Até às 17,30 horas, do dia 15 do próximo mês de Novembro, encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos deste Hospital, todos os dias úteis, das 10 às 13 e das 14 às 17,30 horas, excepto sábados em que o Serviço encerra às 13,30, as condições para os concursos em referência.

LISBOA, em 26 de Outubro de 1972.

O ADMINISTRADOR

casa-se no dia mundial da poupança?

LEMBRÁMO-NOS DE SI



Poupar é uma necessidade do homem.
Aplicar bem a poupança é um hábito a cultivar.
As formas de aplicação da poupança modificaram-se.
Do «pé-de-meia» paralisado e improdutivo
passou-se a modalidades activas e rentáveis
como o Depósito a Prazo.
Depositar a prazo
é aplicar com segurança e rendimento
o que se poupou.
É alicerçar o futuro.
É participar no desenvolvimento do País.

No desejo de incentivar
o hábito de aplicar bem o aforro,
o Banco de Fomento Nacional
comemora o Dia Mundial da Poupança
oferecendo a todos os casais
que se consorciem
em 31 de Outubro de 1972
um depósito a prazo de um ano e um dia,
de 5 000$00, com o rendimento
de 5,75 % ao ano, livre de impostos.
Para beneficiar desta iniciativa basta apresentar
até 30 de Novembro próximo a certidão de casamento
na Sede do Banco de Fomento Nacional
ou em qualquer das suas Delegações do Continente.

BF 10-72

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

AVEIRO · BEIRA · BRAGA · BRAGANÇA · COIMBRA · ÉVORA · FARO · LISBOA · LOURENÇO MARQUES · LUANDA · NOVA LISBOA · PORTO · SANTARÉM · SETÚBAL · VILA REAL · VISEU

DL/GERAL

Festival do Filme Agrícola de Santarém

Em pleno Ribatejo, decorreu durante uma semana o 2.º Festival do Filme Agrícola e de Temática Rural, realização patrocinada pelas Secretarias de Estado da Agricultura e de Informação e Turismo, com a colaboração da Junta Distrital e da Câmara Municipal de Santarém. Objectivo: «estimular a produção de filmes de carácter agrícola ou rural, e fomentar a sua qualidade mediante uma comparação a nível internacional».

Uma dúzia de países participaram no certame, com documentários sobre as técnicas agrícolas ou abordando problemas relativos à terra. O programa incluia uma parte competitiva, a par de outra cuja intenção era «mostrar fitas dentro do âmbito do festival».

Na segunda-feira, após a inauguração pelo Secretário de Estado da Agricultura, no Museu Distrital de Santarém, o júri internacional constituído por cinco membros, entre os quais se encontravam dois portugueses (a eng.ª Alice Gamito e o crítico ensaísta José Vieira Marques) apreciou as primeiras curtas-metragens submetidas a competição. Às 21 e 30, no teatro Rosa Damasceno, abriu a noite de cinema o documentário «Peneda-Gerez, parque nacional», uma realização impecável de Helder Mendes, valorizada pela magnífica fotografia de Augusto Cabrita e comentada pela voz do actor Rui de Carvalho. A seguir, passaram «Asas para a arquitectura», do Brasil, e «Manejo del Rocho del Eria», da Argentina, dois filmes desprovidos de qualquer interesse cinematográfico.

Antes da exibição de «Meu Pé de Laranja Lima», a fita de fundo (brasileira), proferiu uma longa conferência o dr. Gladstone Chaves de Melo, adido cultural da Embaixada do Brasil. O diplomata.

Depois de um conjunto de vulgaridades «a vocação histórica de Portugal», «o brasileiro está em Portugal, como em sua casa», «O Brasil é a obra-prima do milagre português», embrenhou-se numa série de considerações sobre o cinema brasileiro, o cinema em si, que acabou por definir como uma técnica; sobre o romance de José Mauro de Vasconcelos, o «best-seller», sustentáculo do filme de Aurílio Teixeira. A certa altura, o adido cultural da Embaixada do Brasil argumentou: «O livro é, sem dúvida, literàriamente fraco, mas já fez correr rios de lágrimas».

A exibição de «Meu Pé de Laranja Lima». A assistência teve oportunidade de fazer o seu julgamento. Bom ou mau? Os críticos dirão de sua justiça.

TERÇA-FEIRA: CONFUSÃO NA CRÍTICA

O mesmo itinerário. Nada de transcendente a assinalar. Tudo se processou como estava previsto. À tarde, no Museu distrital, uma palestra do eng.º Amândio Galvão sobre «As diferenças entre uma agricultura de subsistência e de mercado». Acentua-se que a agricultura portuguesa está dificultando um desenvolvimento económico normal. Na sala, nota-se a presença, saliente, dos alunos da Escola de Regentes Agrícolas, dos convidados do festival e de meia dúzia de técnicos da especialidade (agrícola). Agricultores? Não estiveram lá. Entre a banalidade das fitas apresentadas, sobressaiu, pelo mau gosto e cretinice do «argumento», a curta metragem «Por amor de uma águia», da Africa do Sul.

Abriu a sessão da noite «Sever do Vouga, uma experiência»; realização de Paulo Rocha, montagem de Fernando Lopes, supervisão de Manuel de Oliveira e palavras de Alexandre O'Neil. Três dos mais significativos nomes do novo cinema português juntos nesta fita encomendada. Não há nela o menor deslise técnico. Homens de cinema fizeram cinema. O que está para além do cinema pròpriamente dito, em «Sever do Vouga, uma experiência» é que já pode ser discutível.

Exibe-se, depois, «Ellos hicieram la Terra», do espanhol José Lopez Clemente, que mostra como os camponeses das Canárias lutam contra a infertilidade da terra vulcânica. Planos avassaladores: um vulcão em plena actividade.

«Where have all the farmers gone?» deu-nos belos momentos de cinema. Mas a grande confusão trouxe-a «Alkester», de António Lepeniotis, prémio do festival de Nova Iorque. Este realizador é um jovem grego naturalizado austríaco, que se estreou no cinema com a curta-metragem «Por amor da Grécia», onde Melina Mercouri cantava as músicas de Theodorakis. «Alkester» para os espectadores e críticos resultou uma leitura difícil, quase hermética, tal a profusão de símbolos utilizados por Lepeniotis, para nos falar dos problemas políticos do seu país. Quando acabou a projecção da fita, os interessados em cinema dirigiram-se para o museu. Ali se travaria uma discussão sobre «Alkester». Para esclarecimento de alguns pontos pouco claros, a comissão organizadora do festival convidou uma senhora austríaca radicada em Portugal. Toda a gente estava à espera que a cidadã da Austria viesse fazer luz sobre a «opacidade» do filme (como lhe chamou Afonso Cautela). Mas não. A senhora, que era leiga em cinema (e noutra coisas) só dizia que não percebia como é que «Alkester veio parar a Santarém, a um festival de temática rural, quando o filme não tinha nada a ver com isso. E pronto. Daqui não saiu.

Os críticos, desta vez desprevenidos, (nos **Cahiers** não havia referência a «Alkester») estavam, como se costuma dizer, «à brocha». Então, a conversa tomou aspectos francamente anedóticos: tantos disparates, tantas asneiras... que a discussão acabou por morrer. De Lauro António, vieram as palavras: «Não percebi nada... não gostei nada...»

QUARTA-FEIRA: DIA DE AZAR

Nasceu um dia cinzento, de chuva, e com ele as complicações. A comissão organizadora do festival luta com tremendas dificuldades para conseguir o cumprimento do programa. Sobre «Ana terra», a fita brasileira de Durval Garcia, não há certeza da vinda. «Os sinos da Silésia», de Peter Fleischmann, encontram-se na mesma situação. Quanto à «Promessa», de António Macedo, apenas se pode acrescentar que o caso está muito bicudo. (por motivos alheios à vontade do realizador).

Para esta noite, pelo menos, a garantia da exibição de «Grande, grande era a cidade», realizado por Rogério Ceitil com a colaboração no guião e na montagem do crítico Lauro António. Talvez a fita que mais curiosidade levantou neste certame. Entretanto, no museu distrital, no meio de uma gama de documentários agrícolas bastante mediocres, vimos «Almadrava atuneira», uma curta-metragem de António Campos que, só por si, justifica a perda de uma tarde. Filme sóbrio, rigoroso, de imagens plenas de força, sobre a vida dos homens que lábutam na pesca do atum. De Lisboa, um numeroso

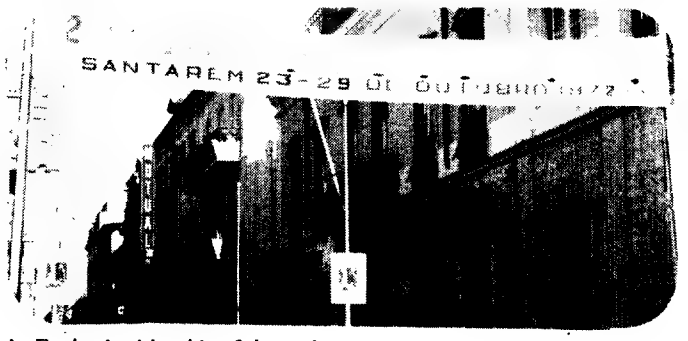
Por
LURDES FERIA

grupo de pessoas ajudou a encher o teatro Rosa Damasceno. Fizeram cerca de 80 quilómetros para assistir à projecção de «Grande, grande era a cidade». Chegado o intervalo depois da passagem de três documentários francamente maus, o clima era de desilusão: a fita de Rogério Ceitil não podia ser exibida porque o som estava impraticável. Arranja-se uma solução de recurso como a projecção de «O homem do Ribatejo», de Henrique de Campos, fita marcada para sexta-feira, e depois para uma minoria, passa-se no museu distrital a ansiada «Grande, grande era a cidade, em condições precárias...

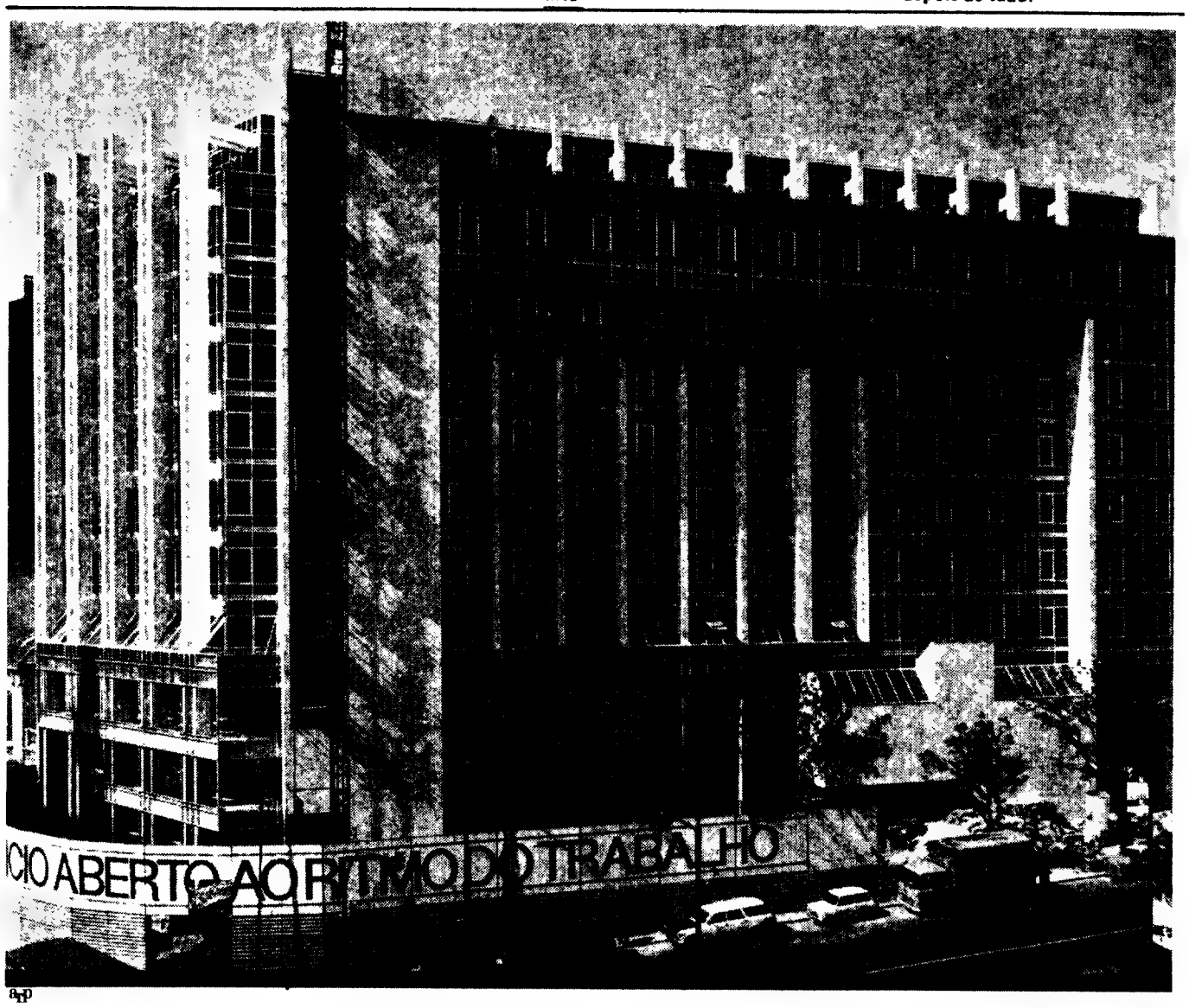
«A PROMESSA»

O resto do festival passou-se no mais perfeito «suspense». A assinalar no sábado a passagem de um filme do jovem cinema alemão, «Mathias Kneissl», de Reihnardt, seguindo de uma conferência com Wilhelm Peterson e colóquio com jornalistas.

Finalmente, veio o domingo e, com ele, o encerramento do festival. «Vida e obra de Ferreira de Castro», um documentário



de Faria de Almeida, foi a primeira obra apresentada ontem. Houve, depois, a distribuição de prémios — prémio S.E.I.T. e prémio Cidade de Santarém — materializados em cachos de uvas de ouro, prata e bronze. Por fim, a certeza de que o filme de António Macedo seria exibido. E, com a exibição em ante-estreia da longa metragem «A Promessa», encerrou-se o 2.º Festival do Filme Agrícola e de Temática Rural. O que não houve foi a promessa de um 3.º festival, mais equilibrado e coerente. O que já seria consolador, depois de tudo.



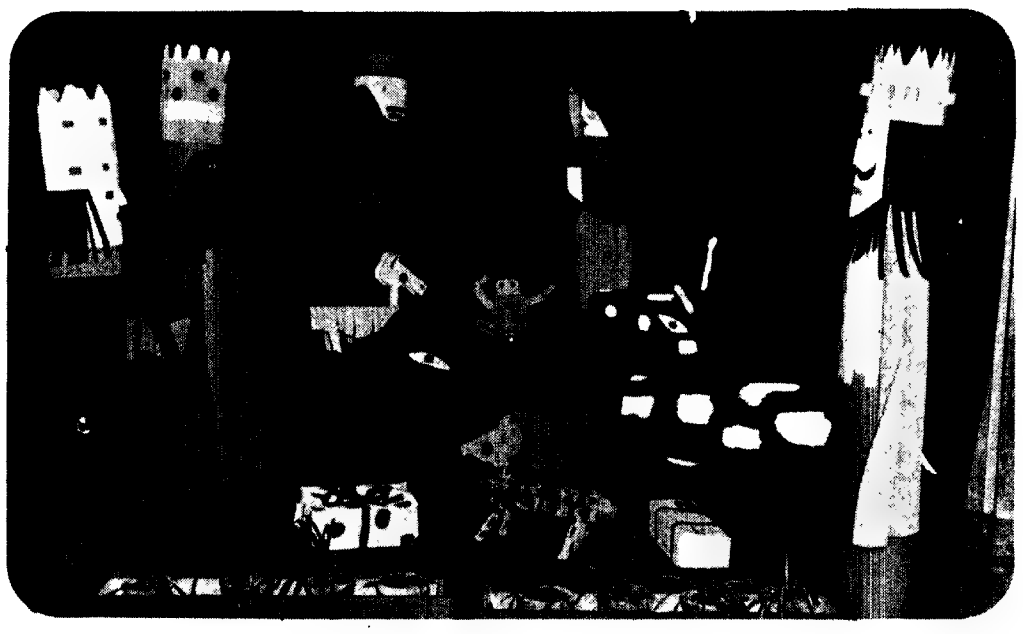
veja o seu futuro escritório

visite o andar-modelo
de escritórios do edifício CASTIL

confluência das ruas Castilho-Braancamp
aberto todos os dias das 17 às 23 horas

gi SOCIEDADE DE GESTÃO IMOBILIÁRIA SARL
departamento comercial edificio castil
gaveto das ruas Castilho-Braancamp 9º piso, escritório E tel. 51623

DL/GERAL



Presépio colectivo, de cartão canelado, de alunos da Escola Preparatória de Francisco Arruda.

O NATAL VISTO PELAS CRIANÇAS

O «Diário de Lisboa» conta com a valiosa colaboração de todos os educadores e professores do ensino infantil, primário, liceal, ciclo preparatório, ensino técnico e particular, que têm revelado inteira compreensão pela ideia do concurso «O Natal visto pelas crianças».

Esta iniciativa, que se dirige a todas as crianças portuguesas e estrangeiras continentais e ultramarinas, e que tem envolvido centenas de milhares de concorrentes, obedece, como é natural, a um regulamento cujo fim único pretende assegurar que às crianças seja concedida toda a liberdade para manifestarem o seu poder criador.

E o seguinte o regulamento de «O Natal visto pelas crianças»:

— Podem concorrer todas as crianças, nacionais ou estrangeiras, individual ou colectivamente, até aos 14 anos.

— As crianças podem escolher os assuntos, dentro do tema proposto, com inteira liberdade, desde os aspectos circunstanciais (as festas da quadra, a Missa do Galo, as janeiras, a ceia familiar, os cozinhados típicos, as decorações caseiras, as representações familiares, o presépio, as prendas, as iluminações, as manifestações regionais, etc.) até aos simbólicos — a paz na Terra, a fraternidade, a amizade entre os homens, a alegria de viver colectivamente, etc.

— A fuga para o Egipto não representa a pureza dos temas desejados.

— Não haverá qualquer restrição sobre as formas escritas ou gráficas utilizadas: conto, narrativa, crónica, folhetim, poesia, teatro, aguarela, guacho, tecidos, papéis recortados, desenho, gravura, cerâmica, cinzelagem, mosaico, vitral, mobília, etc., etc.

— Convém que os trabalhos literários sejam curtos, manuscritos ou dactilografados mas de preferência escritos apenas de um lado da folha de papel.

— Os trabalhos de desenho e pintura não devem ter dimensões inferiores a 32X22 centímetros (formato de uma folha de papel almaço).

— Todos os trabalhos devem indicar o nome, a idade e morada (nos desenhos e nas pinturas indicados nas costas dos trabalhos). Quando as crianças pertençam a colégios, escolas preparatórias, liceus ou escolas técnicas, devem indicar o nome do estabelecimento que frequentam.

— A entrega dos trabalhos deve fazer-se na Escola Preparatória Francisco Arruda até ao dia 15 de Dezembro. A entrega pode fazer-se pessoalmente, a qualquer hora, ou pelo correio, com a indicação por fora de se destinar a «O Natal visto pelas crianças».

— A escolha dos trabalhos não é feita pela técnica ou pela riqueza dos materiais empregados; serão escolhidos os que revelem melhores características expressivas e firmes e evidenciem a psicologia e sensibilidade infantis. Essa escolha, segundo os critérios de educação pela arte (respeito pela expressão infantil), será efectuada, tendo em atenção os escalões de idade, por especialistas de educação.

— Os prémios concedidos deverão ser levantados no prazo de 90 dias a contar do dia 26 de Dezembro.

— Os trabalhos enviados para o concurso ficam pertencendo ao arquivo do Diário de Lisboa.

— Não dobrar os trabalhos de desenho e pintura, apresentando-os direitos ou enrolados, devidamente acondicionados, quando excedam 1X0,40 m.

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preço, compramos. Pagamos muito bem.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

QUANDO UMA ALTA QUALIDADE TÉCNICA
SE ASSOCIA À NOÇÃO CLÁSSICA DA BELEZA,
O RESULTADO APROXIMA-SE DA OBRA DE ARTE.

PUBLIFIRMA

MERCEDES-BENZ 250 280 SE

A sobriedade das linhas de um automóvel Mercedes-Benz é um dos segredos da sua beleza, como a sua alta qualidade técnica, a precisão da sua mecânica e a perfeição da sua segurança são sinónimos da sua classe. Por isso qualquer Mercedes-Benz é verdadeiramente uma peça de arte, resultado da combinação felicíssima da beleza ao serviço da Técnica. Não é de admirar pois a nossa comparação com a obra de arte que para ser bela, não dispensa a técnica do mesmo modo que num Mercedes-Benz a técnica nunca pode dispensar a beleza.
Obra de arte, meio de transporte, um Mercedes-Benz é de facto o mais alto nível atingido em matéria de automóvel. A ser atingido por si. Porque a sua vida é digna de merecê-lo.

C. SANTOS, LDA. - Av. da Liberdade, 29-41 - Lisboa-Porto-Coimbra-Braga-Faro-Olhão - Agentes em todo o País

LONDRES NO NATAL
2 280$00
PARTIDAS:
DEZ. 21 (7 dias); DEZ. 24 (6 dias)
(AS MELHORES DATAS PARA ENCONTRAR O COMÉRCIO ABERTO)

FIM DO ANO EM LONDRES
2 600$00
PARTIDAS:
DEZ. 27 (7 dias); DEZ. 29 (6 dias)
(AS MELHORES DATAS PARA ENCONTRAR O COMÉRCIO ABERTO)

INCLUINDO: Viagem em avião a jacto; Estadia no Hotel; Transportes em terra; Visita turística de Londres; Taxas hoteleiras e
ASSISTÊNCIA DE DELEGADO abreu
ORGANIZAÇÃO
abreu
FUNDADA EM 1840
LISBOA — Av. Liberdade, 160 - Telef. 320021
PORTO — Av. Aliados, 207 - Telef. 37921
COIMBRA — Rua da Sota, 2 - Telef. 27011/2

CAMARADAS
Hans Hellmut Kirst
Um documento de guerra, uma missão desesperada durante o avanço do Exército Vermelho sobre Berlim.
Kirst, a um tempo, um grande autor policial e um humorista sarcástico.
75$00
PUBLICAÇÕES EUROPA AMÉRICA

CULTURA À SUA MÃO
DE NOITE AS ÁRVORES SÃO NEGRAS
Maria Isabel Barreno
No seu primeiro romance, a maturidade de uma grande escritora. Das preocupações da juventude aos primeiros choques da vida adulta. Obra de compromisso, puro intimismo, confissão.
60$00
PUBLICAÇÕES EUROPA AMÉRICA

II RALLYE VIDREIRO A S. PEDRO DE MOEL

Carlos Roldão/Pedro Santos (Fiat 124 Spyder) foram os vencedores

O Clube Automóvel da Marinha Grande levou a efeito, na noite de Sábado para Domingo o seu II Rallye Vidreiro a S. Pedro de Muel, última prova pontuável para o Campeonato Regional de Promoção (Zona Sul) de 1972.

Com uma extensão total de cerca de 300 km, incluia quatro provas especiais de classificação (Picotes, Rampa do Castelo, Formiga e Ponte Nova) e desenrolava-se nos arredores da Marinha Grande e Batalha.

Entre os trinta e dois pilotos que compareceram à partida (estavam inscritos trinta e quatro) figuravam a maioria dos interessados nos títulos de campeões regionais nos agrupamentos A e B, além de vários concorrentes oriundos da região de Leiria.

Saídos de S. Pedro de Muel os concorrentes entravam quatro minutos depois na primeira prova classificativa, disputada na florestal de Picotes, onde os mais rápidos foram António Martorell, Nogueira da Silva e Manuel Filipe, estes dois últimos precisamente com o mesmo tempo.

Entre a primeira e a segunda prova classificativa existia um longo troço de ligação no meio do qual estava incluída uma passagem na Serra dos Candeeiros que apesar de não ser prova classificativa penalizou a grande maioria dos concorrentes. Um dos mais penalizados neste troço foi precisamente António Martorell. Entretanto tinham começado a desistir alguns concorrentes, caso de Borges de Sousa a quem uma arreliadora avaria colocou fora de prova.

«Alvega», que era até então o «leader» do agrupamento B do Campeonato, viria mais tarde a ser vítima de uma série de avarias que o afastaram do primeiro lugar de prova e também do título, do qual era muito justamente considerado o grande favorito.

Nogueira da Silva e Martorell foram, por esta ordem os melhores na segunda prova classificativa disputada nos 1900 metros da Rampa do Castelo seguidos de «Alvega».

A terceira prova classificativa, disputada pràticamente logo a seguir, teve «Alvega» como vencedor, seguido de Martorell e Nogueira da Silva.

Luis de Freitas pode considerar-se a surpresa da quarta prova de classificação disputada na Ponte Nova, perto de S. Pedro de Moel, pois dispondo de um carro já antiquado e pouco propício a grandes cometimentos em rallyes conseguiu ser o mais rápido dos concorrentes ainda em prova. Depois dele ficaram Carlos Roldão (que viria a ser o vencedor do rallye) e, de novo Nogueira da Silva.

Ao troço da Ponte Nova já não chegou Domingos Santos que, depois de uma belíssima prova, se viu arredado da mesma com o motor gripado.

Já entretanto muitos outros concorrentes tinham ficado pelo caminho. Entre eles Ernestino Nunes, considerado um dos favoritos.

Sorte diferente teve Carlos Larangeira que viu coroada de êxito uma bela prova que o colocou no segundo lugar da geral.

Pouco depois, cerca das 3 horas da manhã a prova terminava, de novo em S. Pedro de Muel, onde chegaram vinte e três concorrentes, sendo posteriormente desclassificados Miguel Silva e José Ricardo, ambos por excesso de penalização.

CLASSIFICAÇÕES

1.º, Carlos Roldão/Pedro Santos (Fiat 124 Spyder) vencedor também do agrupamento B; 2.º, Carlos Larangeira/Ferreira Rolo (VW 1302 S); 3.º, Manuel Filipe/Manuel Casimiro (Datsun 1600 SSS); 4.º, «Alvega»/Pedro Barbosa (Datsun 1600 sss); 5.º, Assis Ferreira/Rui Cunha (Cortina GT); 6.º, Vítor Lopes/Vítor Pina (Fiat 124); 7.º, M. Carrasqueira/Amélia (Austin Cooper); 8.º, Nogueira da Silva/Nogueira da Silva (Morris 1275 GT); 9.º, José Figueira/José Marques (Austin 1000) vencedor do Agrupamento A; 10.º, Gaspar Sameiro/Zé Matriculas (Escort); 11.º, Joaquim Coelho/NN (Datsun 1600 SSS); 12.º, Luis Freitas/Luis Marques (Volvo 123 GT); 13.º, António Cisneiro/Manuel de Oliveira (Toyota); 14.º, Joaquim Felizardo/Rui Verdingola (Toyota); 15.º, Claudino Romeiro/Carvalho Nunes (Austin Clubman); 16.º, Vitor Valverde/Alvaro Orfão (BMW); 17.º, Aurélio Alves/Carlos Nobre (Toyota); 18.º, Luis Calafate/Eduardo Frois (VW 1500); 19.º, Fernando Rocha/Delgado (Austin Cooper S); 20.º, Daniel Silva/NN (Volvo 144); 21.º, Salter Cid/Salter Cid (Honda 600).

SERGIO RIBEIRO TELLES

RALLYE DO R.A.C.E.

Luis Netto/«Jocames» (Fiat 125) sagraram-se ontem em Espanha Campeões Ibéricos de Rallyes de 1972 após terem conquistado a nona posição da classificação geral no Rallye do R. A. C. E. Depois de ter vencido a volta à Madeira e ter ficado em 12.º lugar no TAP, Luis Netto era, juntamente com Américo Nunes, um dos grandes favoritos à vitória final naquele campeonato. Depois de uma época verdadeiramente brilhante a conquista daquele título internacional é, sem dúvida, um final merecido para o valoroso piloto português.

O Rallye do R. A. C. E. que para além do Campeonato Ibérico de Rallyes contava ainda para o Campeonato de Espanha de Rallyes e Campeonato da Europa de Rallyes teve como vencedor o espanhol Cañellas.

Ernesto Neves em prova

RAMPA DO MONTE DO FARO

RECORD ABSOLUTO PARA ERNESTO NEVES

A realização da Rampa do Monte do Faro levou ao extremo norte do país 38 corredores de velocidade para ajustarem as suas pontuações nos diversos agrupamentos do Campeonato Nacional de Velocidade, e ainda no Campeonato de Promoção da Zona norte para os quais a prova contava. O tempo mau não favoreceu a queda dos records anteriores, nem sequer foi possível ajustá-los aos actuais, dado que, para além da muita chuva que caiu e dificultou a prova a alguns concorrentes, também existe o facto concreto de a rampa ter sido encurtada para evitar que a linha de chegada fosse mantida em local pouco acessível e acima de tudo implicando dificuldades para os que chegassem demasiado depressa. Ernesto Neves apesar de o Camaro uma vez mais o não ter ajudado — problemas de caixa — conseguiu ser o mais rápido com o Lotus 62 ao agrupamento de GT e Desporto, fazendo 1.32,62.

Mário de Araújo Cabral obteve o 2.º melhor tempo absoluto e a vitória em Grupo 2 com 1.38,66.

No Grupo 1 a grande disputa travou-se entre os três pilotos da Alfa-Jorge Ribeiro de Sousa, Bernardo Sá Nogueira e «Lumaro», que ficaram por esta ordem na tabela classificativa e com diferenças entre si apenas de centésimas de segundo (1.49,06, 1.49,15 e 1.49,40).

Miguel Lacerda venceu a Fórmula V com 1.44,09 e Ernesto Neves a Fórmula Ford com 1.42,00.

Entre os concorrentes ao Campeonato de Promoção, que teve nesta rampa a sua última jornada, Carlos Luz foi o mais rápido com 1.51,45 triunfando no Grupo B e «Iur Segal» ganhou o Grupo A com 2.00,05.

Como notas á margem registem-se a desistência de António Borges, que ficou no meio do caminho — muito depois da prova ter terminado ainda não sabia se por se ter solto algum fio e consequente falta de corrente se por ter faltado combustível — o despiste de Délio Machado que interessado em aproveitar todos os bocadinhos de pista foi à berma e fez «tête-à-queu» e o facto de Miguel Correia não ter alinhado por se ter apresentado na rampa depois do horário marcado.

Especialmente nos grupos 3,4 e 5, quase todos os concorrentes habituais faltaram: excepção para Ernesto Neves, o vencedor.

No Grupo 2 destaque-se ainda a boa prova de Mário Gonçalves que conseguiu ficar no 2.º lugar da tabela à frente de Mário de Figueiredo, este num carro com muito mais possibilidades.

Classificações finais Grupo 1: 1.º Jorge Ribeiro de Sousa, 1.49,06; 2.º Bernardo Sá Nogueira, 1.49,15; 3.º «Lumaro, 1.49,40 todos em Alfa Romeo 2000 GTV; 4.º Mário Araújo Cabral (BMW2002 Tii), 1.50,56; 5.º António Meneres (Capri 3000 GT) 1.51,49; 6.º Miguel Lacerda (Opel 1904 SR), 1.52,68; 7.º, Ernesto Neves (Chevrolet Camaro) 1.53,32; 8.º Pedro Rasteiro (BMW 2002 Tii) 1.58,47; 9.º «Iur Segal» (NSU TT 1200), 2.00,05 (1.º do Campeonato de Promoção); 10.º Pedro Meireles (Datsun 1200), 2.03,03.

Grupo 2: 1.º Mário Araújo Cabral (BMW 2800 CS), 1.38,66; 2.º Mário Gonçalves (Austin 1275 GT) 1.45,04; 3.º Mário Figueiredo (BMW 2002 Ti), 1.46,36; 4.º M. Martins Teixeira (Austin Cooper S) 1.55,12; 5.º «Almir» (Opel Ascona 1900), 1.58,92; 6.º F. Carvalho (Austin), 2.00,57; 7.º José Terroso (Datsun 1600 SSS), 2.04,74; 8.º Roberto Carvalho (Datsun 1200) 2.05,28; 9.º «Zé Tó» (Toyota Corolla), 2.11,15; 10.º Margarida Correia (Austin 1275 GT) 2.16,10.

Grupos 3, 4 e 5: 1.º Ernesto Neves (Lotus 62) 1.32,62; 2.º Carlos Luz (Datsun 240 Z), 1.51,45; 3.º Francisco Correia (Ford) 1.54,94; 4.º «Tóito» (Lotus Elan) 1.56,69; 5.º Santos Pereira (BMW 1600) 2.03,38.

Formula V: 1.º Miguel Lacerda (Aurora) 1.44,09; 2.º «Lumaro» 1.45,52.

Fórmula Ford: 1.º Ernesto Neves (Lotus 61 M) 1.42,00.

M. C.

EXCURSÕES CP

Sugerem-lhe MADRID

cidade cheia de atractivos no Outono

- Diáriamente, dois estilos de viagem: «Lusitânia-Expresso» (de cama ou «couchette») ou comboio «TER» (ar condicionado, cómodo, panorâmico).
- Hotel incluído em Madrid, transferências, assistência, etc.

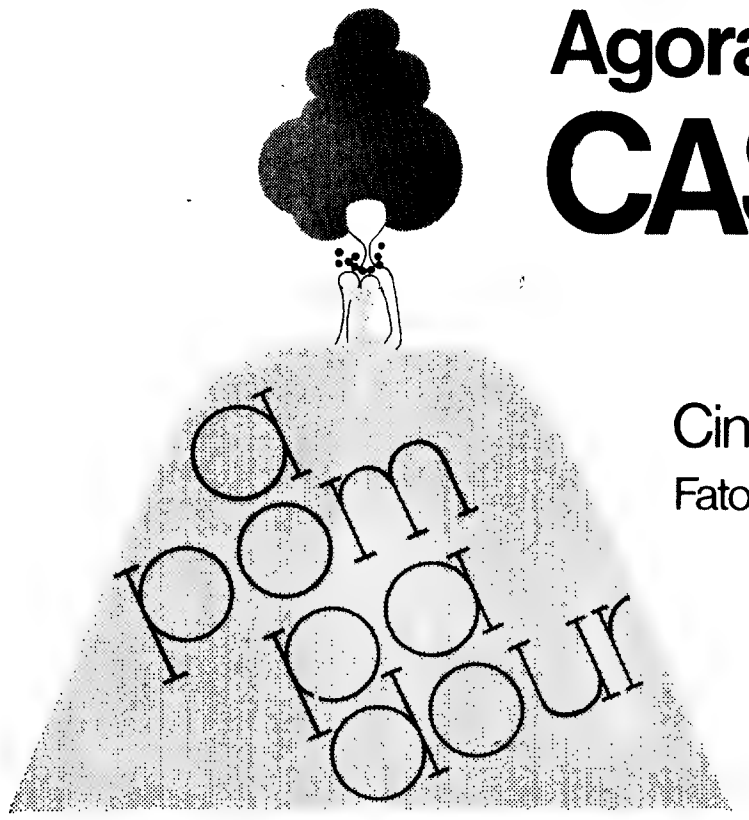
PREÇOS DESDE 820$00

Informações e folhetos descritivos:

ESTAÇÃO DE LISBOA - ROSSIO
ESTAÇÃO DE SANTA APOLÓNIA
RUA DO ARSENAL, 124 - 1.º — LISBOA

Organização tel. 36 75 29

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS



Agora também em CASCAIS...

Cintas, Soutiens, Lingerie,
Fatos de banho e Pronto a Vestir

R. Frederico Arouca, 72

50 anos ao serviço da elegância feminina

DL/ESTRANGEIRO

LIBERTAÇÃO DE PALESTINIANOS

Espera-se a melhoria das relações entre Bonn e os países árabes

BONN, 30 — (R.) — O informador do Governo alemão classificou hoje de «absolutamente injustas» as acusações israelitas de que a Alemanha capitulou perante as exigências de extremistas árabes ao libertar os três guerrilheiros sobreviventes do massacre de Munique em troca dos passageiros e tripulantes do avião da Lufthansa desviado para Zagreb.

Falando na televisão, Conrad Ahlers disse que o Governo federal tinha ficado satisfeito com o facto dos 13 passageiros e sete tripulantes do avião serem libertados sem derramamento de sangue.

O porta-voz do Governo disse que graças às autoridades líbias foi possível efectuar a troca dos passageiros pelos guerrilheiros em Tripoli, evitando-se um massacre semelhante ao que se deu em Munique durante os Jogos Olímpicos.

Ahlers disse compreender a posição de um povo que luta pela sua existência (Israel), mas acrescentou que as acusações de capitulação são injustas e, seja como for, a Alemanha não se encontra na origem do conflito do Médio Oriente.

O embaixador israelita em Bonn, Ben Horin, apresentou ontem um protesto verbal do seu Governo ao ministro dos Negócios Estrangeiros alemão, Walter Scheel, sobre a forma como as autoridades federais resolveram o caso, segundo fontes bem informadas.

Ahlers disse na televisão, em resposta a perguntas que lhe foram dirigidas, que existem problemas ao nível diplomático entre Bonn e Tel-Aviv, mas não entrou em pormenores.

Os observadores pensam que as boas relações prèviamente existentes entre a Alemanha Federal e Israel e que já tinham sido afectadas pelos acontecimentos de Munique, poderão ficar agora ainda mais tensas.

Pelo contrário, espera-se uma melhoria de relações entre Bonn e os países árabes, em consequência da forma pronta como as autoridades alemãs acederam ao pedido de libertação dos três palestinianos.

Essas relações estavam a agravar-se ùltimamente devido às restrições impostas na Alemanha aos árabes ali residentes, às quais os Governos árabes responderam com idênticas restrições impostas aos turistas alemães.

Ibrahim Badran, de 20 anos, Samer Mohammed Abdullah, de 22 e Abdel Kadir el Dnawy, de 21, os três palestinianos libertados com o desvio do Boeing da Lufthansa. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

"SETEMBRO NEGRO": UM ANO DEPOIS

BEIRUTE, 30 (ANI) — A designação «Setembro Negro» da organização guerrilheira palestiniana que se diz estar ligada ao assalto do Boeing-727 da Lufthansa, surgiu pela primeira vez há menos de um ano.

Desde então, o grupo tem-se afirmado responsável por dez operações, incluíndo o incidente em que morreram onze atletas israelitas, nos Jogos Olímpicos de Munique.

Os quatro guerrilheiros que em 28 de Novembro de 1971 assassinaram no Cairo o primeiro-ministro jordano Wasfi Tel, revelaram que tinham pertencido à Al Fatah e mais tarde a um grupo fundado por Abu Ali Iyad.

O grupo foi designado por «Setembro Negro», em Setembro de 1970, quando as tropas jordanas atacaram guerrilheiros jordanos que operavam no rio Jordão para os suprimir ou forçá-los a retirar do país.

Iyad formou o grupo depois dos ataques jordanos, e de acordo com os palestinianos, Iyad foi morto por soldados israelitas no Verão de 1971.

Desde então, as operações da «Setembro Negro» estendenram-se a cinco países, destruindo «pipe-lines» na Alemanha Ocidental e na Holanda, depósitos de petróleo em Trieste (Itália) e atacando em Londres o embaixador jordano.

Em nove de Setembro, a organização ameaçou exercer represálias sobre personalidades e interesses alemães ocidentais se não fossem libertados os três guerrilheiros envolvidos na chacina de Munique.

O aviso, transmitido pela emissora «Voz da Palestina», com base no Cairo, afirmava que o «Setembro Negro» fazia um ultimato às autoridades alemães, pedindo os corpos dos guerrilheiros «mártires» mortos em Munique, e a libertação dos guerrilheiros feridos e presos.

Os corpos dos cinco guerrilheiros abatidos foram enviados para a Líbia e ali enterrados. Os três sobreviventes continuaram detidos até que...

HANÓI INSISTE NA ASSINATURA DO ACORDO DE PAZ AMANHÃ PELOS EUA

SAIGÃO, 30 (R.) — O Vietname do Norte insistiu que os Estados Unidos assinem amanhã o acordo de paz conforme foi estipulado em Paris, segundo revelou a Rádio de Hanói num comunicado distribuído após a visita do príncipe Sihanouk do Camboja.

O comunicado diz que «a questão do Vietname deve ser resolvida com base no respeito pelos direitos nacionais fundamentais do povo sul-vietnamita» e acrescenta que, caso a paz não seja alcançada por acordo, os povos da Indochina continuarão a lutar até «expulsarem os agressores imperialistas americanos e os seus lacaios de Saigão e Bangkok».

O príncipe Sihanouk, que vive em Pequim onde dirige o Governo do Camboja no exílio desde que foi derrubado, deslocou-se a Hanói na semana passada, para conversações com os dirigentes norte-vietnamitas.

O comunicado termina dizendo: «O povo vietnamita continuará com persistência a luta pela causa da libertação do Vietname do Sul, pela defesa e construção do socialismo no Norte e pela reunificação pacífica do país».

Entretanto, Rádio Saigão anunciou que as forças governamentais reconquistaram hoje a cidade de Tan Canh, uma capital de distrito na região montanhosa central, que esteve em poder dos comunistas durante mais de seis meses.

Segundo a emissora, a reconquista daquela capital de distrito «constitui um presente das forças armadas ao povo do Vietname» por motivo do dia nacional que se comemora na próxima quarta-feira.

THIEU NÃO QUER A PAZ SEGUNDO HARRIMAN

NOVA IORQUE, 30 (FP) — Averell Harriman, representante americano nas conversações de paz de Paris em 1968 e 1969, declarou ontem que o presidente sul-vietnamita Nguyen Van Thieu «não quer a paz» no Vietname e tentará «criar um grande número de dificuldades» com o objectivo de ficar no poder.

«Muitos problemas são de prever quando da solução política do conflito vietnamita» — declarou ainda Harriman, que comentava as perspectivas de paz, num jantar oferecido em sua honra em Nova Iorque.

NIXON REJEITA UM DEBATE NA TV COM McGOVERN

WASHINGTON, 30 (ANI) — A Casa Branca anuncia que o presidente Nixon não tenciona aproveitar, para um debate com o senador George McGovern candidato democrático à presidência o tempo oferecido pelas emissoras de Televisão ABC e CBS. As emissoras ofereciam, sem pagamento , cinco minutos dos boletins noticiosos nocturnos desta semana.

McGovern aceitara a oferta, na segunda-feira passada, mas na sexta-feira Nixon agradeceu mas rejeitou a proposta, sem dar explicações.

Há muito tempo que McGovern pede que Nixon trave com ele debate semelhante ao que travou com John Kennedy em 1960.

As emissoras continuam interessadas no programa e há a hipótese de se «montar» um debate, com McGovern a responder às frases de Nixon, filmadas anteriormente.

Segundo a lei que regulamenta os meios de informação, as emissoras não podem conceder tempo só a um dos candidatos à presidência.

Entretanto sondagem à escala nacional, realizada antes de serem anunciadas as recentes perspectivas de paz no Vietname, revela que a vantagem do presidente Nixon sobre o senador George McGovern diminuiu em percentagem quatro pontos.

Apenas a oito dias das eleições presidenciais, a sondagem realizada para a revista «Time» e para o jornal «New York Times» dá a Nixon 56 por cento de favoritismo contra 30 por cento a McGovern.

Numa sondagem anterior Nixon tinha 57 pontos e McGovern 27.

Esta sondagem, feita pelo telefone, entre os dias 15 e 25, abrangeu 3010 eleitores de 16 Estados-chave.

Escrutínio no Canadá:

OTTAWA, 30 — (R.) — Os 13 milhões de eleitores do Canadá escolhem hoje um novo Parlamento federal, com uma proporção da população, invulgarmente elevada, ainda aparentemente indecisa sobre o caminho a seguir.

As sondagens à opinião pública deram esta semana certa emoção a uma campanha monótona ao indicarem que entre 17 e 31 por cento dos eleitores tinham ainda de tomar uma decisão.

O fogo de artifício político que é provável que se siga à rejeição do Partido Liberal, que governa o país, estaria em completo contraste com as nuvens cinzentas, prenúncio de nevões, que escurecem hoje o horizonte de Ottawa.

Os liberais puseram em jogo a sua posição numa campanha dominada pelas importantes questões da inflação e do desemprego.

Na última eleição federal, em 1968, os liberais ganharam 155 lugares na Câmara dos Comuns (Câmara Baixa) de 264.

Os conservadores progressistas obtiveram 72 lugares, o Novo Partido Socialista Democrático 22 e o Partido do Crédito Social, das direitas, 14. Apenas um independente foi eleito.

Os liberais atiraram desta vez conscientemente para segundo plano a imagem cheia de personalidade do primeiro-ministro Pierre Trudeau, que capturou a imaginação de muitos canadianos com a popularidade que obteve há quatro anos sem se saber bem por que razão.

A média alta de indecisão entre os eleitores parece reflectir certo desencantamento com Trudeau.

Contudo, a massa flutuante do eleitorado parece, também, não ter sido convencida pelo chefe da oposição conservadora, Robert Stanfield, cuja personalidade calma e simples não conseguiu um impacto acentuado.

A subida dos preços e do desemprego foi no mês passado superior a 7 por cento, a média mais elevada há mais de uma década.

CALEIDOSCÓPIO

NÃO FOI SÓ EM ALVALADE — A vitória do A.S. Roma contra o Nápoles, por 1-0, terminou em discórdia, em consequência da qual ficaram feridas cerca de trinta pessoas e outras cinco foram parar à cadeia. (F.P.).

REGRESSO SOVIÉTICO AO EGIPTO — Conselheiros militares soviéticos estão a regressar pouco a pouco ao Egípto, a fim de assegurar o funcionamento do dispositivo de defesa antiaérea ao longo do Canal de Suez e em torno do Cairo, — afirma o «Daily Telegraph» em telegrama do Cairo. O «despedimento» do general Sadek foi o preço pedido pelos soviéticos para a renovação da sua ajuda» — conclui o jornal. (F.P.).

FUGA NA IRLANDA — A polícia irlandesa está a procurar sete guerrilheiros do IRA que se evadiram ontem à noite de uma prisão militar, depois de escavarem um túnel. (R.).

CHOQUE DE COMBOIOS — Morreram 15 pessoas e várias outras ficaram feridas às primeiras horas de hoje quando dois comboios-expressos chocaram no meio de denso nevoeiro no distrito alemão oriental de Karl-Marx-Stadt.

ASSALTANTES DE BANCOS E DE AVIÕES — Três dos quatro piratas aéreos, que assaltaram nos ares e desviaram para Cuba um jacto comercial, durante o fim da semana, após matarem um empregado das linhas aéreas e ferirem a tiro um bilheteiro em Houston, eram procurados por causa do assalto a um banco em que perderam a vida duas pessoas — revelou o FBI. (R.).

ONZE MORTOS EM BARCELONA — O número de mortos da explosao que destruiu três prédios em Barcelona elevou-se hoje para 11 mas receia-se que venha a ser ainda mais elevado. A explosão, devida a uma fuga de gás, registou-se ontem no bairro popular de Sants, e provocou o desmoronamento de três casas de habitação contíguas, uma delas com três andares. (R.).

FOGO NUM PORTA-AVIÕES — Morreram três marinheiros norte-americanos em consequência de um incêndio que se registou a bordo do porta-aviões «Saratoga» dos Estados Unidos, ao largo de Singapura.

DL/ESTRANGEIRO

"NOVE": Divergências quanto à luta contra a inflação

LUXEMBURGO, 30 (A.N.I.) — Profundas divergências entre os países europeus ameaçam o êxito das diligências para se iniciar forja uma campanha do Mercado Comum Europeu contra a inflação.

Os ministros das Finanças de nove países do Mercado Comum Europeu alargado reunem-se hoje e amanhã na pequena cidade medieval do Luxemburgo, para tentarem algo que combata a crise da inflação na Europa, onde os preços sobem anualmente cerca de seis por cento — o dobro do que se regista nos Estados Unidos.

No entanto, os peritos do Mercado Comum, em Bruxelas, que ajudaram a delinear um plano contra a inflação, afirmam que o plano irá «por água abaixo» na reunião do Luxemburgo. Como razões, os peritos apresentam a política e as diferenças entre os problemas económicos nas nove nações.

A República Federal Alemã, por exemplo, quer que o crescimento anual das reservas monetárias desça de 20 para dez por cento. A comissão executiva do Euromercado aprova essa diminuição, além de pressões contra o aumento dos orçamentos nacionais, medidas de fixação dos níveis monetários e pequenas diminuições nos preços dos produtos agrícolas.

Pelo seu lado, a Inglaterra e a Itália, que se debatem com crises da inflação e do desemprego, receiam que uma diminuição mas reservas monetárias signifique um desenvolvimento menor e o aumento do desemprego.

A Alemanha, a Holanda e a França têm as eleições à porta e consideram as restrições orçamentais um perigo político. Há ainda a forte oposição do bloco dos agricultores, que ameaça as tentativas de fazer descer os preços dos produtos agrícolas.

Nos círculos do Mercado Comum afirma-se que o resultado provável será uma série de vagas opiniões, que necessitarão de apoio político dos Governos para se poderem aplicar.

A reunião de hoje deve demonstrar aos Governos a necessidade de diminuir os orçamentos — sem quaisquer limites demarcados.

Os ministros devem adoptar a proposta de comissão, para se diminuirem os direitos alfandegários em 15 por cento, em relação ao resto do mundo.

Teòricamente, esta medida deve encorajar as importações mais baratas, fazendo descer os preços.

No entanto, esta diminuição seria feita durante seis meses, o que poderá não ser muito tempo para que o projecto tenha êxito. Além disso, uma descida de 15 por cento diminuiria os actuais direitos alfandegários de 6,9 por cento para 5,9 por cento o que não é uma descida notável.

O aumento de 20 por cento das quotas das importações, à excepção dos têxteis, e a limitação do crédito são outras das propostas do Mercado Comum.

A reunião da cimeira europeia, realizada há dias em Paris, deu prioridade à luta contra a inflação. Mas os funcionários do Euromercado afirmam que é indispensável o apoio político, para se ultrapassarem as divergências no sector da economia.

Música barroca na Gulbenkian

A Gulbenkian apresenta hoje e amanhã no seu Auditório Dois, às 18 e 30, o agrupamento holandês «Música de Câmara», especializado na interpretação de música barroca, e constituído por Lucy Van Dael (violino) K. Linden (violoncelo e viola de gamba) e Ton Koopmann (cravo e órgão).

Hoje serão interpretadas obras de J. S. Bach, Haendel, Telemann, Legrenzi, Mielczewski, Diego Ortiz, Charles Hacquart, Francesco Turini e Giovanni Paolo Cima.

Amanhã o programa inclui obras de J. S. Bach, Couperin, Frescobaldi, Sweelinck, G. P. Cima e Heinrich Biber. Este segundo concerto terá o particular interesse de, no seu decurso, serem feitos comentários sobre os problemas da execução em instrumentos antigos.

portas
Valdorém
Ap. 76 Tomar . Portugal

em 10 dias 3000 pessoas descobriram a utilidade do

DICIONÁRIO DE POLÍTICA

6 edições nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha
Especialmente revisto e ampliado para a edição portuguesa

AS NAÇÕES / AS PERSONALIDADES / OS TRATADOS / AS IDEOLOGIAS / OS PARTIDOS POLÍTICOS / OS PONTOS DE TENSÃO NO MUNDO / AS DECLARAÇÕES / AS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS / ETC., ETC.

DICIONÁRIOS DOM QUIXOTE:
Suficientemente elegantes para os pôr na sua estante
Demasiadamente úteis para lá ficarem muito tempo...

A seguir:
DICIONÁRIO DE ECONOMIA

publicações dom quixote
RUA LUCIANO CORDEIRO 119 LISBOA

BOM APETITE

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA
ESTRADA DA TORRE — LUMIAR - TELEF. 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
DOMINGO AO ALMOÇO ORQUESTRA
PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE. (M/14 ANOS)
Encerrado às 2.as feiras.

TONI DOS BIFES
Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 53 60 80
AMANHÃ
SALSICHA ESTUFADA COM COUVE LOMBARDA
4.ª FEIRA
FEIJOCA C/ ENTRECOSTO
ABERTO AO DOMINGO

RESTAURANTE E BAR
DO
HOTEL ALVORADA
ESTORIL
COZINHA PRIMOROSA E VARIADA
(Contratos especiais em casamentos, baptizados e banquetes)
Telef. 260070 (Frente do casino)

RESTAURANTE
POMBALINO
ALMOÇOS - JANTARES E CEIAS
TODOS OS DIAS A FAMOSA PAELHA À VALENCIANA
PAÇO DE ARCOS
(junto do Jardim)
Telef. 2433878

RESTAURANTE
POLÍCIA
AVISO
AVISAMOS OS N/ ESTIMADOS CLIENTES DE QUE O N/ RESTAURANTE SE ENCONTRA ABERTO AOS DOMINGOS.

ADEGA MESQUITA
almoce

restaurante
arameiro
RIA
LISBOA
Restauradores
Trav. S. Antão 21
PRÉMIO DO S. N. I.

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Direcção dos Serviços Técnico-Especiais

BATALHÃO DE SAPADORES BOMBEIROS

CONCURSO DE ADMISSÃO PARA SAPADOR BOMBEIRO RECRUTA

Para conhecimento se comunica que se encontra aberto concurso de admissão para sapador bombeiro recruta do Batalhão de Sapadores Bombeiros da Câmara Municipal de Lisboa, até dia 17 de Novembro de 1972.

São condições essenciais para admissão a este concurso, ter a 4.ª classe de instrução primária, mais de 18 anos de idade e menos de 30 à data do encerramento do concurso.

Os sapadores bombeiros recrutas terão o vencimento mensal ilíquido de 2000$00 durante o período de oito meses (instrução de recrutas) e de 2400$00, após esse período, tendo ainda direito a fardamento e alojamento.

Os interessados devem dirigir-se à Secretaria do Batalhão de Sapadores Bombeiros, Avenida D. Carlos I, em Lisboa, onde se prestam todos os esclarecimentos respeitantes ao presente concurso.

Paços do Concelho de Lisboa, em 20 de Outubro de 1972.

O PRESIDENTE

NO TEATRO MONUMENTAL
HENRIQUETA MAYA * IRENE CRUZ * JOÃO LOURENÇO * JOSÉ MESSIAS * MORAIS E CASTRO * RUI MENDES
SÃO OS ACTORES EM CENA
HOJE ÀS 22 HORAS
ESTREIA
(AMANHÃ ESPECTÁCULO ÀS 18 E 30)
grupo 4 APRESENTA (M/14 ANOS)
insulto ao público
DE peter handke
ENCENAÇÃO DE fernando gusmão
DESCONTO DE 50% A ESTUDANTES

compre na BAIXA compre melhor

QUEM SABE COMPRAR, SABE PAGAR!

SEJA PRÁTICO! COMPRE COM O
CARTÃO SOTTO MAYOR
AS CASAS ASSINALADAS COM
ACEITAM-NO

modas e confecções

A BRUXA
MODAS
OUTONO-INVERNO
Rua da Trindade, 36-C
Telef. 328765

MODAS
Gama
RUA DOS FANQUEIROS, 141-143 — Lisboa-2
Telef.: 32 78 26

Ducal
Prudêncio & Pereira, Ld.ª
CAMISAS
GRAVATAS
Rua Aurea, 190-192 — T. 327089

CONFECÇÕES
Ribalta
para Homem e Senhora
LANIFÍCIOS NOVIDADES
Tel. 87 42 53
Rua dos Fanqueiros, 199

J. GOMES DOS SANTOS, LDA.
MODAS PARA HOMEM
ALFAIATARIA * PRONTO A VESTIR
CAMISARIA * NOVIDADES
Praça dos Restauradores, 70 — Tel. 32 38 12 e 32 73 62

Confecções Castro LISBOA
VESTUÁRIO PARA HOMENS E CRIANÇAS
Rossio, 71 2 T. 362411
Rossio, 82 3 T. 322179
Av. Roma, 36 3 T. 715460

meia lua
PRONTO A VESTIR
MALHAS PARA SENHORA e HOMEM
Rua dos Fanqueiros, 261
Tel. 36 12 54

Glorex
PRONTO A VESTIR
CONFECÇÕES DE LUXO
Rua dos Fanqueiros, 97-101
Tel. 36 24 62

BANDEIRAS
ALFAIATES
LANIFÍCIOS
Emídio Caetano Ferreira, Ld.ª
Telef. 87 43 47
R. dos Fanqueiros, 209, 213

Phoebus
CAMISEIROS
CHAPELEIROS
PRONTO A VESTIR
Rua Aurea, 287
Telefs. 369153/3221122

GALERIAS ALEGRETE
PRONTO A VESTIR — CAMISARIA
MALHAS — NOVIDADES
POÇO DO BORRATÉM, 10 a 18 — T. 866147

artigos diversos

GALERIA
SÃO DOMINGOS
T. NOVA S. DOMINGOS, 30-32

PASTELARIA «Benard»
R. Garrêt, 101

A Meia d'Ouro
CAMISAS — GRAVATAS
MALHAS — MEIAS — NOVIDADES
Rua Aurea, 117 — Telef. 32 45 75

A MELHOR CASA DE BRINQUEDOS
KERMESSE DE PARIS
R. 1.º de Dezembro, 127
Telef. 35031

DISCOS
Fabricantes e editores
VALENTIM DE CARVALHO, CI SARL

TELEFONE 32 86 Uc
Casa Eurico Santos
MALAS * PASTAS * LUVAS
RUA DA PRATA, 234-236
— LISBOA —
Salão de exposição e vendas no 1.º andar

Loja da América
MALHAS ★ NOVIDADES ★ CONFECÇÕES
NÃO COMPRE SEM NOS VISITAR
Rua do Ouro, 206-208 — L I S B O A

PASTELARIA MARQUES
R. Garret, 72

ALCATIFAS
DA FÁBRICA AO PÚBLICO
VENDAS DIRECTAS
Rua Augusta, 84 — T. 323637

SAPATARIA
LVIS XV
DE LUXO
CRIAÇÕES EXCLUSIVAS
SEMPRE AS ÚLTIMAS NOVIDADES
Telef. 32 42 59
RUA AUGUSTA, 209-211 — LISBOA

1865 1965
COSTA
BRANCO
ARTIGOS DE DECORAÇÃO
BALANÇAS — MÉNAGE
LISTAS DE CASAMENTO
Rua da Assunção, 75—Tel. 325935

ADÃO-CAMISEIROS • ADÃO JUVENIL
ABREM-LHE AS PORTAS AO BOM GÔSTO!...
1972 —— 1973

CONFECÇÕES
LINO
ANTÍLOPES
CABEDAIS
GABARDINAS
HOMEM, SENHORA, CRIANÇAS
Calçada do Carmo, 17
Tels. 322206-327937

JOGUE NO CAMPIÃO

DL/ DESPORTOS

OUTUBRO NEGRO EM ALVALADE

Reportagem por NEVES DE SOUSA, DANIEL REIS, ORLANDO DIAS AGUDO, JESUS DA CUNHA, ALEXANDRE PAIS E JOSE MARIA DOS SANTOS.

Estamos muito mal. Vamos mesmo de mal a pior. Passaram oito dias sobre a agressão de que foi vítima (no Montijo) o guarda-redes Damas. E temos agora a feia representação que energúmenos sem filiação, sem propósitos de gente, sem direito à vida limpa dos homens honestos, levaram a cabo no Estádio de Alvalade, transformando o parque de jogos dum clube de eleição em palco de cena degradante, em espectáculo sujo que mancha com nódoa os olhos dos desportistas: é a vitória da alienação sobre o lucidez.

Não se isente de culpa o juiz, belo exemplo da superficialidade com que a Comissão Central de Árbitros contribui para o esfrangalhar duma actividade que dá pão a muitas bocas. O futebol português está a saque. Tudo o que se vai dizer sobre a grande «bronca» da semana no pontapé na bola, não altera a gravidade dos factos.

Agora o clube de Alvalade tem de assumir a responsabilidade da trovoada que lhe caiu em casa: o Sporting perdeu o jogo. «Esforço, dedicação, devoção e glória», são lemas de que se orgulha o grémio «leonino». E enquanto se passa o pano do justo esquecimento sobre a triste tarde de Alvalade, é necessário, mais do que nunca, saber honrar intocáveis pergaminhos do Sporting. Quem não fôr capaz que feche a loja.

Mas contemos a história.

ROMANCE HORÁRIO

Ontem, às 14 e 45, em Alvalade, nos bastidores do drama. Na cabine reservada à arbitragem, Pedro Gomes dirige-se ao árbitro e diz-lhe que o Sporting quer jogar com bolas inglesas (que Allen mandou vir de Inglaterra). — **Não. Quem manda aqui sou eu**, diz Carlos Lopes, afastando imediatamente o jogador do Sporting que se lhe dirigia.

Às 15 horas. Começa o jogo entre o Sporting e o Leixões.

Às 15 e 3 minutos. O juiz de linha do lado do peão levanta a bandeirola, ostensivamente mantendo-a bem ao alto enquanto um dianteiro do Leixões (Horácio) se escapa para a grande-área em posição de fora de jogo e com José Carlos à cola. Vaqueiro fica caído na área e o árbitro marca penalidade. Os jogadores do Sporting protestaram com muita veemência.

Às 15 e 4. Celestino marca o castigo. Damas atira-se à sorte para o seu lado esquerdo e defende a bola a punhos. O esférico ressalta, Celestino faz a recarga e novamente Damas defende, desta vez com os pés.

Às 15 e 5. O árbitro (que tinha deixado continuar o lance com a recarga e a defesa) manda repeti-lo, ante a estupefacção dos jogadores do Sporting que, mais uma vez, protestaram. Entretanto, o juiz de linha começa a ser apedrejado com pequenos parelelepipedos do peão) e refugia-se cerca de meia dúzia de metros dentro do terreno, caminhando paralelamente à linha lateral.- Esteves encarregado de repetir o «penalty» faz golo: e a bola vem ao centro. Nesse interim, o árbitro ordena ao seu auxiliar que vá para sobre a linha lateral, como é dos regulamentos, apesar das pedras que regularmente caíam do peão, talvez porque o juiz de linha ter baixado a bandeirola (depois de o árbitro assinalar a grande penalidade e não ligar ao seu sinal de deslocação) Umas dezenas de pessoas saltam do topo sul (lado poente) onde se instalaram os sócios do Sporting.

Às 15 e 6. O jogo recomeça, com assistentes nas pistas de Ciclismo e atletismo e com a polícia a mandá-los retirar. Vagner avança pelo lado direito corre até perto da cabeceira e centra. Montóia desvia a bola para canto (sem) margem para dúvidas, pois estava perfeitamente dentro do campo e sem nenhum adversário a apertá-lo). O árbitro, porém, diz que não é «canto»: e manda executar pontapé de baliza. Aí, já nem houve tempo para recomeçar, uma vez que no campo vários assistentes corriam para o árbitro e para o juiz de linha do lado do peão (António Lucas).

A partir desse momento, foi o suceder de desacatos conhecidos e a impossibilidade de prosseguir o jogo. Neste espaço de seis minutos (segundo a opinião de um jogador do Sporting) o árbitro teve tempo para marcar seis «livres» contra a equipa da casa anular um pontapé de «canto» (transformado em pontapé de baliza) e ordenar a repetição de um «penalty» até ele entrar. Igualmente foi ainda mostrado o cartão amarelo a Tomé por este protestar com certa veemência.

— **O árbitro só apitou bem para o pontapé de saída, pois a partir dai não acertou uma** — conclui o mesmo informador.

NOS CORREDORES

Ronnie Allen: **Isto, assim, não pode ser. O futebol não é para brincadeira. Tenho muitos anos disto e não consigo conformar-me com o que se passou. Comentários aos incidentes? Não, não mos peçam, por favor. Eu apenas gosto de falar de futebol. A interpretação de quanto se passou depende dos temperamentos. E, não esqueçam que eu sou inglês...** — isto dizia o treinador «leonino» (feições a retratarem os últimos minutos vividos) aos jornalistas que o assediavam.

Dr. Pereira da Silva: **Por que não atirar as culpas de quanto se passou à Comissão Central de Árbitros? Ela não tem tomado em atenção as exposições que lhe têm sido feitas. Veja o que se passou na Luz e no Montijo. Agora, acontece isto em Alvalade. Claro que o Sporting o lamenta, até porque não estão na tradição do clube cenas deploráveis como as que acabaram de passar-se. A Comissão Central tem de ser ponderada na escolha dos seus árbitros. Não pode fazer isso de qualquer maneira. Os maus árbitros são a motivação para estas atitudes inqualificáveis do público. Mas é com esse mesmo público que o desporto vive e, portanto, não se pode brincar com ele. Caso contrário continuarão a aparecer outras cenas lamentáveis como esta...**

António Teixeira, treinador leixonense: **Isto é uma autêntica loucura. Quando acabarão cenas tristes como esta? Nem o Sporting nem o Leixões têm culpa do caso. Mas a verdade é que somos prejudicados com isto. O Adriano apresenta um grande hematoma numa perna. O Clestino levou uma pancada na cabeça que até o fez desmaiar. Mas, porquê tudo isto? Por causa do «penalty»? Mas se foi, na verdade, falta possível de castigo máximo... Só não posso garantir se havia razão para a sua repitição. Porém não me admiro que houvesse, na medida em que é raro um guarda-redes conseguir estar parado até a bola partir... Bom, o que é certo é que tem de se estudar a maneira de evitar que factos como este voltem a repetir-se.**

Celestino, cabeça ligada, diz: **«Foi a primeira vez que assisti a um caso destes. E estou muitíssimo desgostoso e com bastantes dores. Nem sei bem como as coisas se passaram. Apenas tentei defender o árbitro, na altura um homem como outro qualquer, mas comecei a sentir pancadas na cabeça e perdi a noção dos acontecimentos. Foi terrível... Nem me quero lembrar...»**

Adriano, «capitão» leixonense: **«Embora seja uma vergonha, não há dúvida que tem de optar-se pela vedação dos campos de futebol. Só assim se poderão evitar destas desagradáveis cenas. Não é pelo facto de eu estar ferido numa perna que o digo, mas será essa a melhor maneira de proteger quantos fazem do futebol a sua profissão. O público que vem ao futebol parece não gostar deste desporto. Se gostasse, não fazia o espectáculo de hoje. É que não pode haver justificação para a atitude que hoje tomou. Porque entendeu que o árbitro errou? E se assim foi, acha-se o público com direito a fazer de juiz? Mal do futebol se isto continua a verificar-se...»**

Dr. Brás Medeiros: **«A responsabilidade completa de todos estes acontecimentos cabe à Comissão Central de Árbitros. E nesse sentido o Sporting irá fazer à Direcção-Geral dos Desportos uma completa exposição dos factos. E quanto posso dizer».**

José Manuel Ferreira Alves, dirigente do Leixões: **«Não posso compreender todo este barulho, estas agressões, este escândalo. Afinal, sempre haviam 90 minutos, pràticamente, para jogar e tudo estava ao alcance do Sporting. Quanto ao possível recomeço do encontro, apenas posso dizer que não fomos ouvidos pelo árbitro acerca da hipótese de voltar ao terreno».**

Armando Monteiro, delegado do Leixões ao encontro: **«Muitos dos jogadores leixonenses estavam física e psicològicamente afectados para voltar ao jogo. Em minha opinião, não voltariam ao terreno mesmo que o árbitro estivesse em condições e disposto a prosseguir com o encontro».**

ÁRBITRO MUDO

Na sua casa em Ponte de Castanheira (Coimbra) o árbitro Carlos Lopes recusa-se a falar:

— **Tudo o que tenho a dizer estará no meu relatório que é hoje entregue na Comissão Central.**

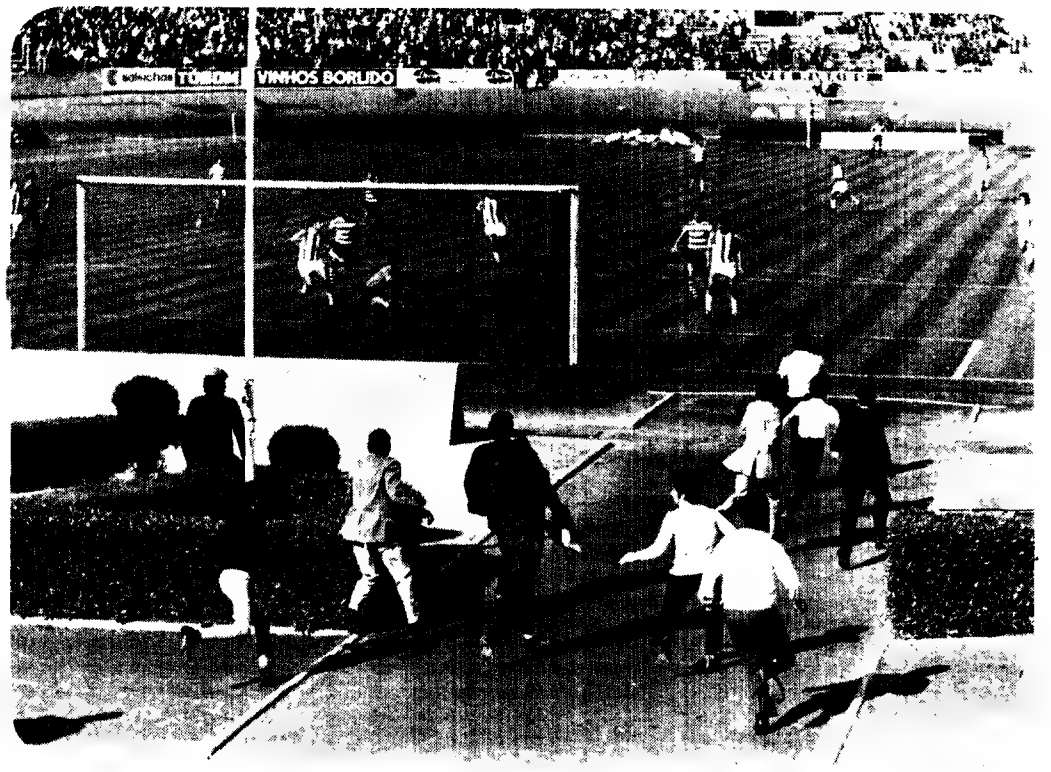
Casado, pai de filhos, o árbitro Carlos Lopes é, na vida civil, vendedor de produtos da firma Jonhson (talcos para bebés). Esta foi a sua primeira arbitragem na corrente época na divisão principal. Na última temporada dirigiu o jogo Riopele-Famalicão e expulsou três jogadores do Riopele: oito dias depois, enfraquecido no seu potencial, o «team» do Riopele defrontou em Coimbra (terra natal do árbitro) o União.

A respeito do Carlos Lopes, esclarece-nos Daniel Costa, delegado-técnico da Comissão Regional de Arbitros de Coimbra:

— **Carlos Lopes está inscrito, na Comissão Regional, como associado do Benfica. Mas, no seu círculo de amigos, é tido como sportinguista declarado. Naturalmente deu filiação benfiquista para disfarçar...**

Daniel Costa acrescenta:

— **A qualificação de Carlos Lopes para a primeira divisão pertenceu à Comissão Central de Árbitros. A «Regional» não**



Da bancada de sócios saltam exaltados.

A invasão está consumada.

O acusado (e vítima) refugia-se nos braços da polícia.

DL/DESPORTOS

Árbitro Carlos Lopes: Associado do Benfica ou "Leão" de gema?

Árbitro sai do campo...

teve interferência nisso.

João Bravo, do «Diário de Coimbra», aborda esta manhã a arbitragem do conterrâneo Carlos Lopes escrevendo: «**Tem uma folha já muito extensa (com culpa e sem ela) no livro de arbitragem**».

TÍTULOS DE 1.ª PÁGINA

Em referência aos acontecimentos, assim se referiram (na 1.ª página) alguns dos nossos colegas:

A 1 col. no «Diário Popular»: «**O árbitro ficou K.O. em Alvalade**».

A 6 cols. em «A Capital»: «**Violência em Alvalade. «Leões» à solta**».

A 4 cols. em «O Século»: ««**Invasão de campo em Alvalade**».

A 2 cols. foto legendada no «**Diário de Notícias**»: «**Uma cena triste numa bela tarde desportiva**».

A 8 cols. no «Mundo Desportivo»: «**Trevas sobre o Nacional. Invasão em Alvalade**».

A 2 cols. em «A Bola»: «**Não à desordem**».

A 2 cols. no «**Jornal de Notícias**»: «**Estádios ou arenas?**

A LEI

As consequências disciplinares e desportivas da interrupção do encontro de Alvalade vão, por certo, fazer correr rios de tinta. Decisões, apelos, comunicados: o costume.

O Conselho de Disciplina deverá (todavia) cingir-se à letra do Regulamento, cujo artigo 68.º reza assim:

1. Os clubes são responsáveis pelos distúrbios ocorridos nos seus recintos desportivos, em que se realizem jogos da natureza dos previstos no artigo 29.º, provocados pelos espectadores, nos termos seguintes:

a) Se ùnicamente conduzirem à interrupção não definitiva do jogo ou originarem dificuldades especiais ao seu início ou ao seu prosseguimento, ou ainda se traduzirem no arremesso de pedras ou outros objectos, sem consequências para os dirigentes, médicos, treinadores, secretários técnicos, auxiliares técnicos e empregados, componentes da equipa de arbitragem ou jogadores, os clubes são punidos com multa de 100$00 a 2.000$00;

b) Se provocarem lesões nas pessoas referidas na alínea anterior, mas não levarem à interrupção do jogo nem originarem dificuldades especiais ao seu início ou ao seu prosseguimento, os clubes serão punidos com interdição do campo por 1 a 3 jogos e multa de 500$00 a 3000$00;

c) Se provocarem lesões nas pessoas referidas na alínea a) e levarem o árbitro a interromper o jogo ou originarem dificuldades especiais ao seu início ou prosseguimento, os clubes serão punidos com interdição do campo por 2 a 4 jogos e multa de 1.000$00 a 5.000$00;

d) Se os distúrbios, quer provoquem ou não lesões, levarem justificadamente o árbitro a não dar início ao jogo ou a dá-lo por findo, os clubes serão punidos com interdição do campo por 3 a 6 jogos e multa de 3.000$00 a 10.000$00.

2. Se os factos referidos no número anterior forem praticados por associados ou adeptos dos clubes em cujos recintos desportivos os distúrbios ocorrerem, as penas aí previstas serão elevadas para o dobro, não podendo, porém, a multa exceder 10.000$00.

Aplicando a alínea d) do parágrafo 1.º (que sofre o agravamento previsto no parágrafo 2.º) teremos o Sporting punido com multa que pode ir até 10 mil escudos e com a interdição do Estádio de Alvalade por um período correspondente de 6 a 12 jogos. Atenção porém, ao parágrafo 3 do mesmo artigo:

3. Se se vier a provar que não foi justificada a decisão de não dar início ao jogo ou de lhe pôr termo, aplicar-se-ão as sanções previstas nas alíneas a), b) ou c) do n.º 1.º, conforme os casos.

No aspecto desportivo caberá a resolução à direcção da Federação que, no caso de o relatório do árbitro se não mostrar suficientemente esclarecedor, poderá ordenar a instrução dum inquérito. Em casos idênticos registados anteriormente, a F. P. F. decidiu-se pela homologação do jogo com o resultado verificado na altura da interrupção: empate entre Belenenses e Benfica (no Estádio da Luz) e... vitória do Sporting sobre o Leixões (no Estádio do Mar).

Classificação

	J.	V.	E.	D.	B.	P
BENFICA	8	8	—	—	35- 2	16
«Os Belenenses»	8	5	2	1	13-12	12
Sporting	7	5	1	1	15- 6	11
V. Guimarães	8	5	—	3	14- 8	10
Boavista	8	4	1	3	12-14	9
V. Setúbal	8	4	—	4	19- 8	8
C. U. F.	8	4	—	4	11-13	8
Montijo	8	3	2	3	10-10	8
Un. Tomar	8	4	—	4	10-14	8
Leixões	7	3	1	3	7-11	7
F. C. Porto	8	2	3	3	9- 9	7
Beira Mar	8	2	2	4	7-17	6
Barreirense	8	2	2	4	13-20	6
Un. Coimbra	8	1	2	5	4-12	4
Farense	8	1	2	5	7-19	4
Atlético	8	—	2	6	7-18	2

Não é considerado o resultado de 0-1 com que terminou a partida de Alvalade por não ter sido ainda homologado pela Federação.

RESULTADOS DA JORNADA

Sporting, 0-Leixões, 1; Belenenses, 3-Atlético, 2; Setúbal, 0-Benfica, 1; Tomar, 3-Farense, 1; Barreirense, 4-Montijo, 4; U. Coimbra, 2-Boavista, 3; Beira-Mar, 1-C. U. F. 2 e Porto, 1-Guimarães 2.

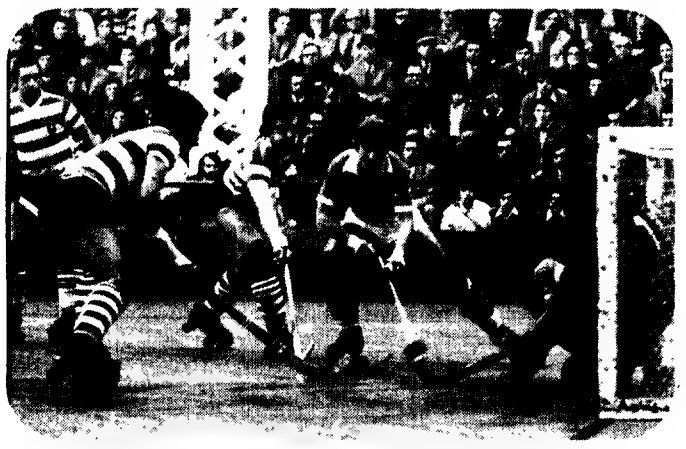
A PRÓXIMA JORNADA

Beira-Mar-U. Coimbra; Boavista-Sporting; Leixões-Barreirense; Montijo-Belenenses; Atlético-Setúbal; Benfica-Porto; Guimarães-U. Tomar e C. U. F.-Farense.

TOTOBOLA

Beira Mar-C. U. F.			2
U. Coimbra-Boavista			2
Barreirense-Montijo		X	
Setúbal-Benfica			2
Porto Guimarães			2
U. Tomar-Farense	1		
Penafiel-Famalicão		X	
Sanjoanense-Lamas		X	
Espinho-Académica			2
Portimon.-Marinhen.		X	
Almada-Peniche		X	
Seixal-Cova da Piedade		X	
Caldas-Sesimbra		X	

HÓQUEI EM PATINS



Livramento: golo do Benfica perante o Sporting e mais uma vitória rubra sobre os rivais

Valor ultramarino anima o Nacional

O Banco Comercial de Angola tinha avisado: a sua presença em Lisboa significava a possibilidade de uma vitória no torneio. E, ontem à noite, no Pavilhão da Amadora, provou a veracidade da afirmação. Mesmo com Livramento, o Benfica «só» conseguiu 3-2 frente ao B.C.A., depois de estar a perder por 0-2. Mais: o tento do triunfo deixou muitas dúvidas sobre a sua legalidade, abrindo uma espectativa ainda maior para o resto do campeonato. No outro jogo, o Ferroviário de Lourenço Marques venceu um Sporting desanimado e enfraquecido, que chegou a necessitar do concurso de Vaz Guedes, «estreando» Rendeiro a avançado. O resultado final (de 4-3) premeia a melhor equipa em ringue: e afasta o Sporting da corrida pelo título. O campeonato prossegue esta noite (22 horas) no Pavilhão dos Desportos, com os jogos B.C.A.-Sporting e Benfica-Ferroviário de L. Marques.

PARA ALÉM DO ESCÂNDALO

Nas Antas: Abel tenta fintar mas o golpe não deu efeito

a) «Penalties» (e golos sequentes) em Coimbra, Alvalade e Restelo.

b) Os oito visitantes foram os primeiros marcadores de tentos nos oito campos visitados.

c) Uma expulsão: a do farense Adilson.

d) Perrichon estreia-se pelo União de Coimbra e faz dois golos.

e) Em Setúbal, Eusébio foi substituído por lesão sem importância.

f) No Restelo, quando se dirigia para o banco de suplentes, Laurindo foi muito aplaudido pelos associados «azuis».

g) Consentidos dois golos, o alcantarense Gaspar pediu a Ted Smith para o substituir. Este autorizou a troca por Lapa: que se magoou logo de seguida. O erro do técnico inglês (em contemporisar com Gaspar) obrigou à colocação do defesa Candeias a guarda-redes... e a consequente derrotà.

h) Em Braga, no jogo de II divisão que opunha o clube local ao Covilhã, também houve «guerra»: invasão de campo e tentativa de agressão ao árbitro portuense João Gomes.

No Vitória: Vitor Baptista atira a rasar o poste

No Restelo: Freitas com a bola protegido por Calado

A C. P. INFORMA:

CARRUAGEM-CAMAS BARREIRO-VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO E VICE-VERSA

A circulação da carruagem-camas Barreiro-Vila Real de Santo António e vice-versa é suspensa no final do corrente mês, até aviso em contrário.

Assim, as últimas datas da sua circulação, no corrente ano, serão as seguintes:

— **SENTIDO BARREIRO-VILA REAL DE ST.º ANTÓNIO:** Noite de 27 para 28 de Outubro

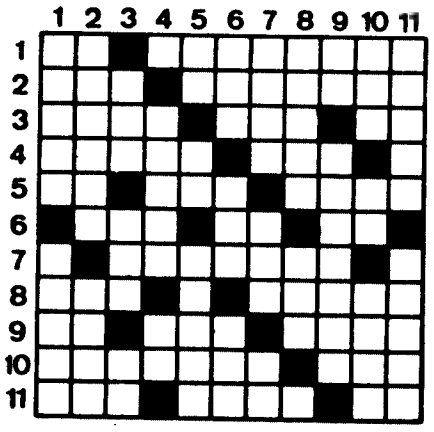
— **SENTIDO VILA REAL DE ST.º ANTÓNIO-BARREIRO:** Noite de 29 para 30 de Outubro

Os períodos de circulação para 1973 serão oportunamente anunciados.

BENFICA AVANÇA NA EUROPA DE BASQUETE: Mercê haver batido o Sutton nos dois encontros da primeira eliminatória da «Taça dos Vencedores das Taças», o Benfica conquista uma posição de relevo. É a primeira equipa masculina portuguesa a conseguir passar uma eliminatória de uma prova europeia. E o Benfica aí vai. Até onde?

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 10239



HORIZONTAIS:

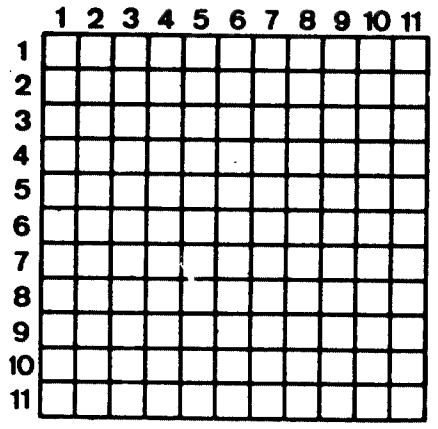
1 Artigo defenido Soldado armado de besta (arma).
2 Ruim Fatais.
3 Picante Pequeno poema mediaval narrativo ou lírico. Nome antigo da nota música dó.
4 Embarcação fenícia, quase redonda. Levanta
5 Sufixo que designa estado. Maior. Recua.
6 Timão do arado ou da charrua. Tempo do verbo ser Sopro.
7 Empregarias.
8 Agarrei. Árvore frutífera do Brasil.
9 Pronome reflexo. Alvo. Árvore de Damão.
10 Perderas. Preposição e artigo definido (pl).
11 Guarneço de asas. Nome de mulher . Catedral.

VERTICAIS

1 Medula Capital do Tibete, a beira do Quixu
2 Arrancara Pronome possessivo (pl)
3 Género de aves galináceas do Brasil Desgasta por fricção. Pedra de moinho.
4 Armaduras para a cabeça. Letra grega
5 Preposição. O sono das crianças. Dispara
6 Nome de astro. Raer. Ruim.
7 Falseia. Fecha as asas para descer mais depressa Senhor.
8 A moral. Nome de mulher.
9 Tempo do verbo ir. EmpareIha.
10 Escarneceu. Cidade da antiga Caldeia. Irmãos do pai.
11 Molusco comestível criado em viveiro. Estado de um organismo vivo.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora como segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6395



HORIZONTAIS

1 Frequência.
2 Tornar tépido.
3 Nota musical. Acometo. Nesse lugar.
4 Ave pernalta. Fileira. Artigo.
5 Esmurrar. Cerce.
6 Freguesia do concelho de Penafiel. Transpire.
7 Limpeza (pop).
8 Sorte. Freguesia do concelho de Vila do Conde (Porto).
9 Letra grega. Artigo definido.
10 Indiques a data de. Outeiro.
11 Guarneço de arames. Queimas.

VERTICAIS

1 Escudo. Aguardente de medronho.
2 Grande afeição. Filtrar.
3 Apelido. Termina. Basta.
4 Magnete natural. Guarnecessem de asas.
5 Favorecer. Letra grega. Solitério.
6 Rio da Rússia. Cívio (s.q).
7 Infestar. Preposição. Ruim.
8 Rio de Portugal. Povos estabelecidos nos países da Europa oriental e na Rússia.
9 Atmosfera. Que dura um ano. Reis.
10 Ofício Castigo (Gir).
11 A flor, o que há de melhor na sociedade. Acontecimentos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10238

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 O. Apresta	1 Operada Asas
2 Pasto Aureo	2 Aiê Aparto
3 Eis SEU Air	3 Assim Aliam.
4 Reima Domar	4 Pt Moa DONO
5 Moscada	5 Rosas. Canas
6 Dá A Ce	6 Com.
7 Apa. CMX.	7 Saúda Xarém
8 Alda Apor	8 Tu Ode Póri.
9 Arion. Roera.	9 Aramá. Soera
10 Atana Errar	10 Eia! Cerrar.
11 Somos Miara	11 Corroeu Ara

Provérbio: O SEU, A SEU DONO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6394

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Avião Apago	1 Avido Trapo
2 Arrojar	2 Mola Amar
3 Im. Carão Ad	3 Ia Meta Ele
4 Dom MCX Ana	4 Arc Ordenha
5 Óleo. Prós	5 Oram Aos Ar
6 Atrairias	6 Orçai Tu
7 Ado Uro.	7 Ajax Rua Ag
8 Ra Estar Me	8 Pão. Pirraça
9 Amen Amor	9 Ar Arão Mil
10 Palha. Acido	10 Anos Moda
11 Orear. Galas	11 Ondas Peros

DATSUN 1200
Campeão Nacional

Vencendo

ligámos a qualidade DATSUN a mais um Campeonato Nacional.

Preparado pelo ENTREPOSTO, o pequeno DATSUN 1200 do team "KENDALL", resistiu à dureza de provas tais como: o Rali TAP, Volta a Portugal, Volta aos Açores e tantas outras ao longo de um campeonato.

Consagração da equipa Raposo de Magalhães-"Fred" que com ele venceram o Campeonato Nacional de Ralis no Grupo 2.

Afirmação justa de um carro posto à prova perante veículos de preço e cilindrada muito superiores.

ENTREPOSTO

GRÁTIS

TESTE ELECTRÓNICO À INSTALAÇÃO ELÉCTRICA E MOTOR DO SEU AUTOMÓVEL

AUTO PORTUGUESA LDA.
R. Rodrigues Sampaio, 50-A — Telef. 54026
LISBOA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS · RAFAEL BURGUETE, LDA.· LISBOA—PORTO

À VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS DE ELECTRODOMÉSTICOS

COLISEU

HOJE, às 21.30
Grupo B, 10 anos

2.ª COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO, com escolhidas atracções e o célebre conjunto cantante mexicano MARIACHI com os seus melodiosos cantares, de que faz parte a formosa vedeta de cinema **Lola «La Tapatia»**, 1.º prémio do México e 1.º prémio Internacional. — **TERÇA-FEIRA, às 21.30 (Grupo A, para maiores de 6 anos), — QUARTA-FEIRA, à tarde, às 16 horas,** com entrada gratuita às crianças dos 6 aos 10 anos. **À noite, às 21.30 (Grupo B, 10 anos).**

BILHETES À VENDA

SINOGUACHO

Rua da Junqueira, 233 LISBOA

APARTAMENTOS EM CASCAIS
VENDEM-SE

CONSTRUÍDOS E EM CONSTRUÇÃO, COM ÓPTIMAS LOCALIZAÇÕES E SERVIDOS POR TRANSPORTES COLECTIVOS.

Trata: BARAONA & BARAONA, LDA.

AV.ª VALBOM, 28-1.º — TELEF.: 280749
MEDIADOR OFICIAL CASCAIS

COZINHA VELHA

QUELUZ — TELEFONE 95 02 32

Informamos os nossos Ex.mos Clientes que, amanhã, terça-feira, dia 31, faremos o nosso serviço habitual de **Almoços, Chás e Jantares na SALA DE BANQUETES, em virtude da Sala «COZINHA VELHA» se encontrar reservada para um LANCHE DE CASAMENTO.**

A DIRECÇÃO

TENHA MÃO FIRME NO SEU DINHEIRO!

Campanha Promocional de

PREÇOS BAIXOS

para encerramento das nossas Bodas de Prata

- Porque continuar vivendo, sem as coisas que V. tanto deseja?
- Nós queremos que V. tenha tudo no seu lar.
- NAS NOSSAS LOJAS O SEU DINHEIRO "É ELÁSTICO"

Pardo

VENDEMOS MILHÕES · GANHAMOS TOSTÕES

Pechinchas da Semana

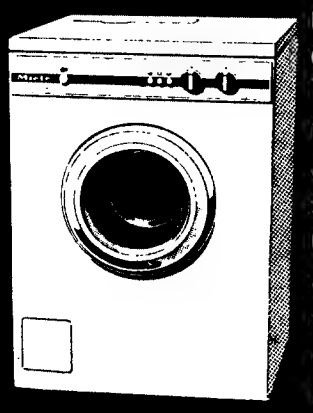
Calorifero a gás c/ dupla segurança... 1 550$00
Secador de cabelo... 175$00

Pardo

AVENIDA DA LIBERDADE, 131
AVENIDA ALMIRANTE REIS, 124-B
RUA DE S. BENTO, 53-57
PRAÇA DE LONDRES, 7-A E 7-B
RUA D. ESTEFÂNIA, 193-D-E-F
RUA 1.º DE MAIO, 146
RUA GONÇALVES CRESPO, 26-A

Máquina de lavar roupa automática

Você própria pode escolher a temperatura, o nível de água e o processo de lavagem. Com tudo isto perde apenas uns segundos.
O resto é com a máquina: o desenvolvimento do programa é totalmente automático.



Miele®

Agente oficial:

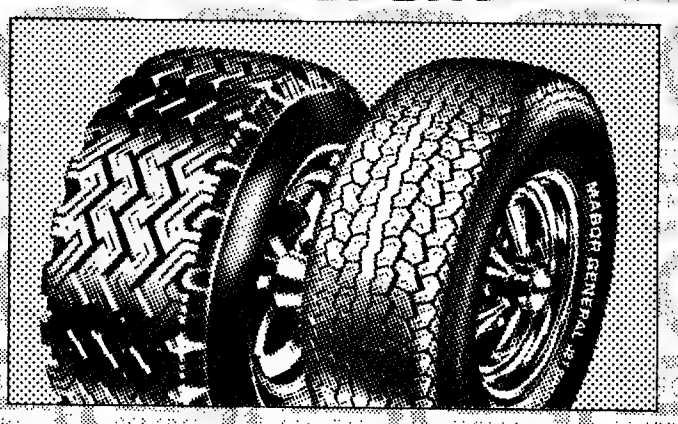
OLIVEIRA

Av. Almirante Reis, 91-A
Telef. 538323 --536308 - 530838
LISBOA

VITÓRIA MABOR
CAMPEONATO NACIONAL DE RALLIES

ANTÓNIO BORGES/PEDRO GARCIA
(GRUPOS 3-4-5)

WINTER CLEAT RADAN
JET SPORT

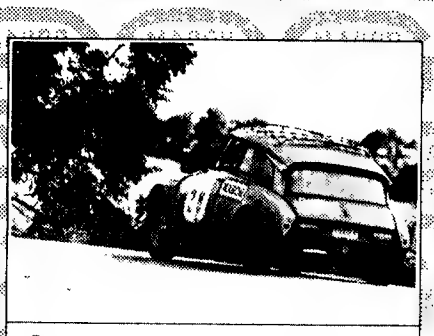


CAMPEÕES NACIONAIS DE 1972

A QUALIDADE MABOR ULTRAPASSOU AS NOSSAS FRONTEIRAS E TROUXE AO "6º RALLYE TAP" ALGUNS CATEGORIZADOS CONDUTORES ESTRANGEIROS E ULTRAMARINOS

«Muito bons! Logo que os montámos em Copenhague achamos que seriam o ideal para fazer o T A P.»

Aage P. Skov — F. Haurbach
(Dinamarca)

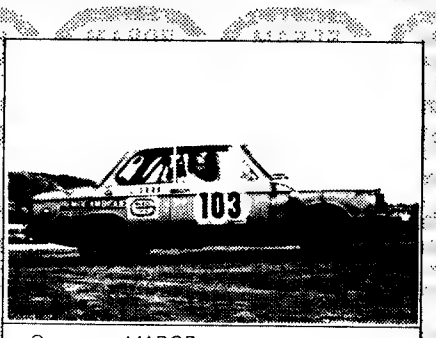


«Pneus excepcionais! Surpreendentemente seguros! Assistência exemplar No proximo T A P não queremos outros.»

Paul Chartier — M. Dinant
(Bélgica)

«O Winter Cleat Radan é muito seguro em qualquer tipo de terreno Para o ano cá estaremos novamente com MABOR.»

Hans Britt — H. Reppling
(Suécia)



«Os pneus MABOR tiveram um comportamento tão brilhante durante todo o Rally T A P que os vamos escolher para as provas de Moçambique.»

Eng. Fernando Carvalho — Eng. G. Oliveira (Moçambique)

A ASSISTÊNCIA TÉCNICA

MOVIMENTOU AO LONGO DOS 3.000 Kms. DO PERCURSO
8 VIATURAS E 23 TÉCNICOS

SÍMBOLO DE GARANTIA

OS MESMOS PNEUS À VENDA NOS 320 AGENTES MABOR

Bolsa

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons 2 3/4	–	445$	–
Cons 3 %	–	–	–
Cons 3 1/2	–	590$	–
Centenários	1.290$	1.290$	1.300$
Tes 5 % 57	–	1.000$	–
Tes 5 % 59	–	1.000$	–
Exter 1ªs	–	630$	–
Extern 1ª c	632$	632$	–
Extern 3.ªs	–	760$	780$
Extern 3ª c	–	–	–
Caut 3ªs	–	–	–

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %	–	–	–
C M L 5 3/ %	995$	995$	1.000$
C P 5,5 % 67	–	–	945$
C P 5,5 % 68	–	–	–
C P. 5,5 % 69	–	910$	–
Corr 5 3/4 %	950$	950$	955$
Metr. 5 3/4 %	–	–	960$
Tur 5 3/4 %	–	1.000$	1.005$
C. P 63/4	–	–	–

ELECTRICAS

G. 5 % 58	–	–	–
G. 5 % 59	–	–	–
G. 5 % 62	–	–	–
G. 5 % 63	–	–	–
G. 5 % 64	–	–	960$
G. 5 % 65	–	–	–
G. 6 % 67	–	–	–
G. 6 % 69	–	–	–
G. 7 % 71	–	–	820$
H. E. C. 5 %	740$	–	740$
H. E C 6 %	–	920$	–
H. E D 5 %	–	730$	750$
H E D 6 %	–	920$	–
H E. N. P 5 %	–	750$	–
H E S E. 5 %	–	–	–
H E S. E. 6 %	–	935$	–
H E. Z. 5 % 57	–	–	–
H E. Zêz 6 %	–	950$	–
N Elc 5 %	–	745$	760$
N Elec. 6 %	–	–	–
Termoel. 5 %	–	–	–
U. E P. 5 % 60	–	–	–
U E P 5 % 63	–	–	–
U E P 6	–	920$	–

DIVERSAS

A. P. T. 5 % 56	–	–	890$
A P. T. 5 % 58	–	–	–
Lisnave 6 %	965$	960$	965$
Nitratos 60	–	–	–
Pet 2ª e 3ª %	–	850$	–
Sacor 7 %	–	1.000$	1.040$
Sacor 5 % 54	–	–	990$
Sacor 5 % 60	–	–	–
Sid 5 % 2.ª	–	–	–
Sid 5 % 3ª	720$	720$	835$
Sid 5 % 4ª	–	–	720$
Socel 5 %	–	910$	–
U Fabril 67	–	925$	–
U Fabril 68	945$	945$	–

ULTRAMARINAS

Carbonil 5 %	–	450$	
Rev 5 % 57	–	660$	–
Rev 5 % 59/60	–	660$	–
Moçamb 5 %	–	450$	–
Sonefe 5 %	805$	805$	810$

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	3.650$	3.650$	3.700$
Alentejo	1.425$	1.420$	1.430$
Angola	4.000$	3.990$	4.020$
Cred. Predial	4.850$	4.820$	4.870$
Esp Santo	11.480$	11.480$	11.500$
Fomento	5.600$	5.550$	5.600$
F & Burnay	52.000$	51.000$	52.000$
N Ultr m	5.250$	5.250$	5.300$
N Ultr c	6.630$	6.600$	6.630$
Portugal n	4.750$	4.750$	–
Portugal p	7.000$	6.850$	–
P Atlântico	12.500$	12.500$	12.600$
Totta & Açores	6.650$	6.650$	6.670$
Algarve & Borges & Irmão	2.250$	2.200$	2.250$
	6.000$	5.990$	6.100$

J. BURNAY, LDª
Notas estrangeiras
Papéis de credito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges & Irmão

Indice de cotação das acções (Base: Dez 65=100)

	23-10-72	27-10-72	30-10-72
GERAL	193,8	197,5	200,5
METROPOL	198,8	202,9	206,3
ULTRAM	157,2	157,6	157,8

De Seguros

Alentejo			
Bonança		11.000$	
Império			22.000$
Mundial	1.400$	1.400$	1.405$
Soberana	–	–	–
Tranquilidade	–	110.000$	–

Electricas

C P E p	1.096$	1.095$	1.096$
C P E n	1.080$	1.080$	1.085$
E Beiras	–	1.730$	1.750$
G Elec c	325$	324$	325$
H E A A	161$	160$5	161$
H E N P	–	–	–
H E S E	–	–	1.630$
U E P.	190$	190$	–

Ultramarinas

Ag Cassequel	–	950$	970$
Ag Incomáti	–	2.300$	2.400$
Ag. S T e P	190$	180$	190$
Aç Angola	–	1.250$	1.420$
Alg Angola	188$	185$	188$
Ang. Agric	–	600$	650$
Boror	130$	120$	–
Boror Com			–
Buzi	–	–	78$
Cabinda	–	–	120$
Com. Lobito	625$	620$	630$
D A T 100	1.830$	1.820$	–
H E Revué	–	–	530$
I do Princ	–	350$	–
Moçambique	172$	171$	174$
Sonefe n	–	–	–
Sonefe p	–	–	370$
Zambézia	60$	59$	61$

Diversas

Ag Lx ant	–	410$	–
Ag Lx 34	–	450$	470$
Ag Lx 36	–	405$	–
Cel Guadiana	–	–	–
C Leiria p	9.200$	9.100$	9.200$
C Tejo p	25.000$	25.000$	25.500$
F Ramada	–	1.200$	1.240$
Fornos Elect	–	138$5	140$
P. Celulose	–	4.600$	–
Siderurgia p	4.700$	4.650$	4.700$
Siderurgia n	2.700$	2.700$	–
Socel	3.600$	3.570$	3.600$
Cidla	8.800$	8.760$	8.800$
C. U F	2.650$	2.600$	2.650$
Intar	546$	545$	546$
Nitratos	990$	980$	990$
Petroquímica	975$	970$	975$
Sacor	3.550$	3.545$	3.550$
Tab Portugal	–	3.450$	3.500$
Tabaqueira	7.300$	7.300$	7.350$
U. F Azoto	710$	710$	720$
Empor	240$	–	–
Ind. Aliança	–	–	–
I P Colón	1.000$	970$	1.010$
Nac Naveg	–	3.100$	3.450$
Naveg. (Col)	2.100$	2.000$	2.100$
P. Pesca	–	–	1.000$
Matur	–	–	950$
R Marconi	–	–	1.300$
TAP	1.220$	1.220$	1.225$
Compal	–	530$	580$
Salvor	–	–	1.150$
Penina	–	–	1.250$
Lisnave	12.250$	12.250$	12.300$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

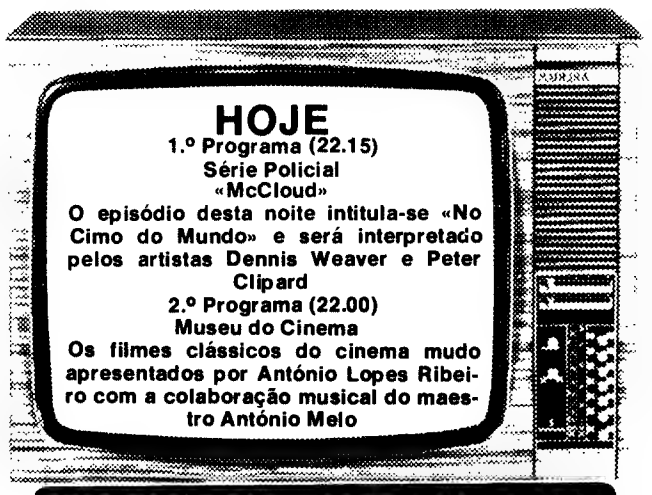
Atlântico
F I D E S

COTAÇÕES

PAÍSES		COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul	Rands	28$50	31$50
Alemanha	Marco	8$25	8$55
América			
Dollars de 1 a 2		26$20	26$90
Dollars de 5 a 20		26$50	27$30
Dollars de 50 a 1000		26$60	27$40
Argentina	Peso Novo	–	–
Austria	Schiling	1$16	1$21
Bélgica	Franco	$59	$62
Brasil	Cruzeiro	3$50	4$30
Canadá	Dólar	27$00	27$70
Dinamarca	Coroa	3$60	4$00
Espanha	Peseta	$415	$435
França	Franco	5$35	5$65
Holanda	Florim	8$15	8$45
Inglaterra	Libra	64$50	67$00
Itália	Lira	$043	$0465
Marrocos	Dhran	5$00	5$50
Noruega	Coroa	3$90	4$20
Suécia	Coroa	5$50	5$80
Suiça	Franco	7$00	7$25
Ouro			
Inglaterra	Libra Isabel	475$00	505$00
Inglaterra	1/2 Libra	410$00	430$00
Ouro fino Barra		57$00	61$00

BANCO DO ALENTEJO
GESTAO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERACOES BANCARIAS
Praca D. Joao da Camara, 18 - Telef. 328045
Rua do Ouro 52 - Telef. 30309

televisão



MADEIRA SIEMENS
ISLAND
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 «Uma Rapariga Endiabrada»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Vivendo o futuro
14.25 Lobo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo preparatório
19.00 TV educativa
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 TV infantil
20.00 Momento desportivo
20.30 Ao serviço da nação
21.00 Desenhos animados
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Dia Mundial da Poupança
22.15 Série policial «McCloud»
23.45 Telejornal — 4.ª edição
24.00 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45q Vivendo o futuro
21.00 «Uma Rapariga Endiabrada»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Museu do cinema
23.30 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e de senhos animados
13.00 Fronteiras do amanhã
13.15 «Sarilhos do Ar»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 O livro à procura do leitor
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo preparatório
19.00 TV educativa
19.30q Telejornal — 2.ª edição
19.45 TV Infantil
20.00 Ponto de vista
20.30 Esfinge
21.00 Inquérito
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Noite de cinema «Sangue e Arena»
23.45 Telejornal — 4.ª edição
24.00 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 O livro à procura do leitor
21.00 «Sarilhos do Ar»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Século XXI
22.25 «Os Protectores»
23.00 Recital
23.30 Fecho

Quer aplicar dinheiro na Bolsa?

Preocupa-o a gestão da sua carteira de títulos?

Consulte o DEPARTAMENTO DE TÍTULOS do
BANCO PINTO DE MAGALHÃES
que lhe oferece um serviço perfeito e especializado.

tempo

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado a norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela e pouco nublado a sul daquele sistema; o vento era fraco de vários rumos.

TEMPERATURAS DO AR

PORTO	10.º
P. DOURADAS	8.º
COIMBRA	9.º
PORTALEGRE	12.º
LISBOA	12.º
FARO	14.º
FUNCHAL	19.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

MONTE ESTORIL
Mínima 20.º

VISEU
Máxima 3.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar 17.º
Atmosfera 15l5.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
10.42	3,4 m	3.57	1,8 m
23.34	3,2 m	17.06	1,6 m
Dia 31			
11.57	3,4 m	5.28	1,8 m
		18.17	1,8 m
Dia 1			
0.38	3,4 m	6.22	1,6 m
12.58	3,6 m	19.06	1,3 m

PREVISÃO GERAL
ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

A norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela períodos de céu pouco nublado ou limpo; vento fraco predominando de Oeste.

AMANHÃ
NASCER ÁS 8.02
OCASO ÁS 18.38

DIA 6 | DIA 14 | DIA 20 | DIA 27

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA

16.00 Noticiário
16.05 Falcão — programa juvenil
16.30 Convívio — Programa da Juventude
18.05 Música sem palavras
18.30 Forças Armadas — Programa produzido e realizado pelo Serviço de Informação Pública da Defesa Nacional.
19.10 Música portuguesa.
19.30 Os grandes episódios de «Os Lusíadas»: «O Velho do Restelo», por Adolfo Simões Mu"ller.
20.00 Diário sonoro
20.30 10.º episódio do folhetim «O Músico Cego»
20.50 Melodias
21.00 Momento 72
21.20 Grande desfile
22.20 O homem e a sociedade — pelo prog. dr. Ferreira de Almeida
22.40 Fados — por Tristão da Silva
23.05 De um dia para o outro — por Fernando Correia.
00.00 De um dia para o outro (Cont.)
00.30 Junção — (Entra o MF de Lx). Diário sonoro.
00.45 Escala na madrugada — por Pedro Moutinho
02.00 Fecho.

Programa em FM 1 de Lisboa

23.00 Rádio universidade
00.30 Junção com o 1.º programa.
16.00 1.º acto da ópera «D'Aran (Bécaud)
17.10 Quarteto em Si Menor Op. 33 n.º 3 (Haydn) Quarteto Dekany
17.30 Trechos em cravo.
18.00 Antologia sonora.
19.05 Poesia, música e sonho, por Miguel Trigueiros.
19.30 Música coral sinfónica.
20.00 Diário sonoro.
20.20 Solos de Harpa
20.30 Ciclo de melodias
21.00 Concerto pela orquestra sinfónica do Porto (ERN)
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho.

Programa Estereofónico MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 A ópera «Aida» (Verdi)
00.25 Duas sonatas
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.04 Programa CDC.
18.00/21.00 Programa «Movimento» (Realização de Fialho Gouveia)
20.00 Nota de abertura
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0».
21.03 Alegria no trabalho.
21.32 Impacto.
22.30 Quando o telefone toca.
23.08 Variando para agradar.
23.30 PBX.
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural.
07.00 Talismã.

Modulação de frequência

16.04 Programa CDC.
17.57 O nosso programa.
19.04 Vértice.
20.00 Nota de abertura.
21.02 Boa noite em FM.
22.02 Programa à Gô-Gô.
23.00 Noticiário; Programa à Gô-Gô (continuação).
00.02 Órbita-dois.
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho.

Rádio Renascença

16.05 Radiograma
18.00 Brasil.
18.30 Benção e terço.
19.00 Jornal Diário.
19.30 Página 1
21.05 Meditando
21.08 Programa dos sócios
22.00 Quando o telefone toca.
22.30 Esquema 13
23.05 A 23.ª Hora.
00.05 Boa Noite.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal
Das 06.00 às 11.00 e das 19.30 às 22.00

Rádio Peninsular
Das 11.00 às 17 00

Rádio Voz de Lisboa
Das 17.00 às 19.00 e das 22.00 às 02 00

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Teles, R. João de Barros, n.º 2 (Tel. 638249)

ALCÂNTARA
Lealdade, Rua do Olival, 226 (Tel. 663441); **Nogueira,** Rua da Creche, 2 (Tel. 631635)

ALFAMA
Nacional, R. S. João da Praça, 26 (Tel. 863632)

ALTO DE S. JOÃO
Oriente, R. Lopes, 120 (Tel. 843381)

ALVALADE
Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C (Tel. 776358); **Brisalia,** Avenida Rio de Janeiro, 66-A (Tel. 722368); **Nova Lisboa,** R. Guilhermina Suggia, 12 (Tel. 727721); **Aviz,** Avenida de Roma, 56-B, (Tel. 715370)

AMOREIRAS
D. João V, R. D. João V, 16-C (Tel 682772)

ARCO DO CEGO
Palma, Avenida Duque de Avila, 25-31 (Tel. 47088)

AREEIRO
João XXI, Av. João XXI, 16-A (Tel. 726462)

ARROIOS
Matos, R. Alvaro Coutinho n.º 10 (Tel 821671)

AVENIDA DA LIBERDADE
Nacional, Rua do Salitre, 7 (Tel. 468508).

AVENIDAS NOVAS
Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (Tel. 774920); **Avenidas,** Avenida da República, 27-A (Tele. 533688); **Fátima,** Av. 5 de Outubro, 147-A (ao cruzamento da Av. Barbosa du Bocage) (Tel. 763107)

BAIRRO ACTORES
Esperança, R. Carlos Mardel, 101-B (Tel. 722868)

BAIRRO ALTO
Azevedo, R. da Misericórdia, 24 (Tel. 323540)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça do Norte 11 (Tel. 311216)

BAIXA
Nacional, R. do Salitre, 7 (Tel 46858), **Americana,** Calçada de Santana, 3 (Tel 863984)

BELÉM
Remisio, Rua dos Jerónimos 14-C (Tel. 631699)

BENFICA
Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A (Tel. 703393); **Sousa,** Estrada de Benfica, 429 (Tel. 780027)

BOA HORA
Sepol, Calçada da Boa Hora, 94-A (Tel. 631958)

CAMPOLIDE
Gomes, Rua Rodrigo da Fonseca, 101-A (Tel. 682333); **Pátria,** Calçada dos Mestres 30-A (à R. das Amoreiras) Tel. 680627)

CAMPO DE OURIQUE
Ourique, Rua Freitas Gazul 32-B (Tel. 671667); **Castro,** Rua Quatro de Infantaria, 28-A (Tel. 688857)

CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (Tel. 780181).

CONDE REDONDO
Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A (Tel. 52076)

ESTEFÂNIA
Estefânia, R. zpascoal de Melo, 90 (Tel. 44438)

GRAÇA
Santo António, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (Telef. 862333)

LAPA
Central, R. dos Navegantes, 10 (Tel. 661734)

LUMIAR
S. Tomé, Estrada do Desvio, lote 12-C (Tel. 790704); **Alameda,** Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Tel. 790942)

MOURARIA
Bastos, Calçada de Santo André, 107 (Tel 860450)

OLIVAIS
Nova, Rua E 1, Lote 469 (Olivais Sul) (Tel. 316402)

PENA
Americana, Calçada de Santana, 3 (Tel. 863984)

PENHA DE FRANÇA
Carrondo, R. Padre Sena de Freitas, 10-A (Tel. 842518)

PICHELEIRA
Luzmar, R João Nascimento Costa, 16-A (Tel. 728395-720703)

SANTA CATARINA
Combro, Calçada do Combro, 78 (Tel. 326059)

S. MAMEDE
Marçal, Rua de S. Marçal, 100 (Tel 325318)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (Telfs. 768343-764629); **Bairro Azul,** Avenida Ressano Garcia, 7-A (Tel. 51451)

S. VICENTE
Rosa e Viegas, R. de S. Vicente, 31 (Tel. 864351)

XABREGAS
Salter, R. de Xabregas, 63 (Tel 381185)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 930019); **Fiama,** R. Elias Garcia, 78-B (T. 932485); **Confiança,** Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 938149)

DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523)

QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043); **Queluz,** Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 951841)

CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T. 2942181)

MEM MARTINS
Quimia, E. de Mem Martins, 285 (T. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (T. 980456)

SINTRA
Marrazes, L. Rainha D. Amélia, 20 (T. 980155)

COLARES
Colares, Abreja (T. 299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGES
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (T. 212048)

CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (T. 2432034)

OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (T. 2430485)

PAREDE
Macau, R. J Eldas Garcia (T. 2471785)

S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (T. 261186)

MONTE ESTORIL
Costa, Av. Sabioa, 29-B (T. 260085)

CASCAIS
Misericórdia, R. do Regimento 19, 41 (T. 280141); **Cascais,** R. Conde Monte Real, B.º Caixas (T. 282407)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 224250)

ALMADA
Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (T. 270271)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E. Nacional, 221-B (T. 22414)

BARREIRO
Pimenta, R. Con.º Joaquim António de Aguar, 259 (T. 2273012)

COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (T. 270121)

MOITA
União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (T. 239025)

MONTIJO
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (T. 230156)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (T 229028)

SETÚBAL
Normal do Sul, P. do Bocage (T. 22216)

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (T. 2218580)

PORTO

SUB-TURNO A

Boavista (da), Rua da Boavista, 601; **Cosme,** Rua Costa Cabral, 584; **Guarani,** Rua Pedro Hispano, 367; **S. Diniz,** Rua S. Diniz 428; **Soeiro,** Rua Santos Pousada, 71; **Vitália,** Praça da Liberdade, 34-37

SUB-TURNO B

Alberto Ferreira, Rua da Estação, 100; **Antero de Quental,** Rua Antero de Quental, 520, **Antunes,** Rua do Bonjardim, 485, **Cardona dos Santos,** Rua D. Manuel II, 90, **Herculano,** Rua Alex Herculano, 384

COIMBRA

TURNO D
Solum, Rua Carolina Michaelis, 20 (tel. 33120); **Nazaré,** Rua Ferreira Borges, 135 - 139 (tel. 22605); **S. Isabel,** Av. Sá da Bandeira, 28 (tel 24916).

LEIA
motor
O SEU
JORNAL

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 e 21.30
Duas sessões diárias
(Grupo C - 14 anos) 2.ª Semana
Portentosa realização de Norman Jewison UM VIOLINO TELHADO.

SATÉLITE (Tel. 562832)
3 sessões às 15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 3.ª Semana
Um filme urgente sobre ambiguidade política «A ESTRATÉGIA DA ARANHA» (La Strategia del ragno) A obra prima de Bernardo Bertolucc

APOLO 70 (tel. 763319)
15.00-18.15 e 21.45
(Grupo D (18 anos) 2.ª Semana
A obra prima de Claud Chabrol UM VINHO DIFÍCIL, com Jean Claude Brialy e Bernardette Lafont.

VOX (Tel 720808)
15.15 e 21 30
A Paramont apresenta
«O PADRINHO»
Grupo DD(18 anos)

ODEON (Tel 326253)
Hoje estreia
21.30
(Grupo D - 18 anos)
Elsa Martinelli, Robert Wood e George Easton, em A VINGANÇA DO OESTE
15.15 e 18.30
(Grupo D - 18 anos)
Despedida de NÃO DESEJARÁS O DELICADINHO DO a.º

ESTÚDIO 444 (TEl. 779095)
Ás 15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana
Uma aventura louca! O BARCO NA RELVA» com Claude Jade, Jean Pierre Coss e John Me Enerl - Estmakcol

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 - 18.30 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
Vote por Robert Redford ele é O CANDIDATO
(Metro-Alameda)

ESTÚDIO (Tel 555134/5)
15.30 - 18.30 e 21.45
3.ª Semana
Color (Grupo D 18 anos)
ANTÓNIO DAS MORTES» de Glauber Rocha
Emcomplemento«ASHURDES» de Luis Buñuel
(Metropolitano - Alameda)

CASINO ESTORIL
17.00 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
UMA CASA À SOMBRA DAS ÁRVORES

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
INIMIGO SEM ROSTO
(Metro-Alvalade)

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15-18.15 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
2.ª Semana
Brigitte Bardot e Claudia Cardinale em «AS RAINHAS DO PETRÓLEO» uma «paródia» ao Far West

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15-18.30 e 21.45
(excepcionalmente)
(Grupo D - 18 anos)
3.ª Semana sensacional.
Lino Ventura, Jacques Brel, Charles Denner no inesperado filme em Eastmancolor «AVENTURA É AVENTURA» o ultimo e mais discutido êxito de Claude Lelouche
(Metro Estação Picoas)

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Colorscope - 40.ª Semana. Há mais de meio ano em exibição. «TRINITÁ» (COW BOY INSOLENTE) com Bud Spencer e Terence Hill

IMPERIAL (Tel 821933)
15.00 - 21.00
(Grupo C - 14 anos)
007 ORDEM PARA MATAR e OS TEUS, OS MEUS E OS NOSSOS

BERNA (tle. 731313)
15.15 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
A Paramont apresenta O PADRINHO

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21.45 2.ª Semana
(Grupo D - 18 anos)
Um duelo alegremente infernal!
AS RAINHAS DO PETRÓLEO com Brigitte Bardot e Claudia Cardinale
(Technicolor-Techniscope)

TIVOLI (Tel 50595)
15.15 e 21.30
A Paramont apresenta «O PADRINHO»
Grupo D (18 anos)

S. JORGE (Tel. 54154/541590
15.15-18.15 e 21.30
2.ª Semana
(Grupo D - 18 anos)
George C. Scott em «HOSPITAL». Oscar para o melhor argumento

ROYAL (Tel. 86037)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
OS INCORRUPTÍVEIS CONTRA A DROGA e O PERIGO CHAMADO CAPRICHO

CONDES (Tel. 322523-326710)
14.15 - 16.30 - 18.45 e 21.45
4 sessões diárias
(Grupo D - 18 anos)
Metrocolor A MULHER MARCADA, com Olivier Reed, Gill St. John e Ian McShane
14.15, 16.30 e 18.30
Ultimas de OS PILOTOS DO AR

EDEN (Tel. 302768)
Ás 15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 6.ª semana
Eastmancolor Núria Espert e Américo Coimbra em «CRIME DE AMOR»

LYS (Tel 48560)
15.00 e 21.00
Grupo D (18 anos)
«ENCONTRO COM UMA MULHER SÓ» em complemento «TOPAZIO»

EUROPA (Tel. 661016)
21.30
(Grupo D - 18 anos)
70 m/m - color
O PEQUENO GRANDE HOMEM

LONDRES (Tel 731313)
4 sessões diárias
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Um filme de François Truffaut AS DUAS INGLESAS E O CONTINENTE, com Jean-Pierre Léaud, Nika Markham e Stacey Tendeter
Snack - Bar - Pub «THE FLAG»
O melhor encontro postronómico.
O melhor encontro gastronómico.

motor

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

COLISEU
21.30 (10 anos)
2.ª Companhia Internacional de circo.

MONUMENTAL
22.00 (14 anos)
«Insulto ao público»

VILLARET
21.35 (14 anos)
«Show recital - vinicius»

VARIEDADES
20.45 e 23 (14 anos)
«A cama dos comuns»

COMUNA
(Teatro de Pesquisa)
21.45 (14 anos)
«Para onde is?

LISBOA/Cinemas

OLIMPIA
19.00 (14 anos)
«Um homem chamado Arizona»

CINEARTE
21.00 (18 anos)
«Shaft - magia em New York»

PARIS
21.00 (10 anos)
«007 entre polícias e ladrões»

PROMOTORA
21.00 (10 anos)
«O mundo esquecido»

MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«Os horrores de Frankstein».

JARDIM CINEMA
21.00 (18 anos)
«Um clube só para cavalehrios»

ARCO IRIS
21.00 (10 anos)
«Spartacus»

MAYER
21.00 (18 anos)
«Escândalo na praia»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Casino
17-21.30 (14 anos)
«Uma casa à sombra das árvores»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Eu, monstro»

ALGÉS
Stadium
21.30 (14 anos)
«A noite das 8 badaladas»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«Despertar para a vida»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«A mulher mais bela»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (10 anos)
«Revolta na Índia»

PORTO/Teatros

CIRCO MEXICANO
22.00 (6 anos)
Av. Fernão de Magalhães

PORTO/Cinemas

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«O Amante»

AGUIA D'OURO
21.30 (18 anos)
«As Cicatrizes de Drácula

VALE FORMOSO
21.00 (18 anos)
«Não desejarás o delicadinho do 5.º»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«A Regra do Jogo»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Adeus amigo»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«Corrida para a aventura» e «Espingardas de desforra»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«O Amante da ursa maior»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Verão 42»

JULIO DINIZ
21.30 (10 anos)
«Trinitá cow-boy insolente»

COLISEU
21.30 (18 anos)
Os Incorruptíveis contra a droga»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Os amores de uma adolescente

OLYMPIA
21.30 (14 anos)
«A Última cruzada»

COIMBRA

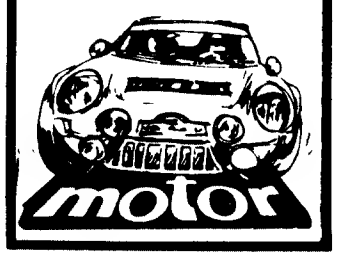
TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Crime de amor»

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Lolita»

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«Smic, Smac, Smoc»

LEIRIA/Cinemas

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA
21.15 (10 anos)
«Strogoff»

LEIA
O JORNAL


BARS BOITES restaurantes típicos DANCINGS

PRINCIPE NEGRO — Dancing com variedades **Calçada da Glória, 2 Telef. 368987**

EL CID — Dancing com o conjunto «X 4» **Rua Bernardo Lima, 18-A** (Ao Conde Redondo). **Tel. 560538**

FANTASMA — Dancing-Caveau com variedades — Ballet Leny Dancer's Show todas as noites uma atracção surpresa. **Rua Gomes Freire, 145-B.** Aberto todos os dias até às 05.00

TOSCO — Dancing com Variedades. **Rua do Conde Redondo 53-A Tel. 531562).**

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

D. QUIXOTE — Com Carlos Villaret, Virgílio Neves. Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua da Trindade, 9 Telef. 327109.** Encerra aos domingos.

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

SANZALA — Dancing. C/M Tho Bandeira. Jantares e ceias até às 5 da manhã. Av. Marechal Carmona, 2 (C. Grande) Telef. 790177.

NINA — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Tel. 34859/368197**

ADEGA MACHADO — Cantam Ivete Pessoa. Esmeralda Amoedo. Tina Ferreira. Fernando Maurício Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Armando Hilário. Tocam Liberto Conde. Rafael Marques e José Vitela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira.

LUSO — Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Erminda e José Luís Tomar; **fado de Coimbra por Américo Silva. Os ARAUTOS em canções portuguesas e internacionais. Travessa da Queimada, 10 Tel. 362889.** Aberto todos os dias.

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana. Tocam: Carvalhinho e Júlio Gomes. Os Arautos. Folclore pelos Cinco. Típicos de Vila Franca de Xira. **Encerra às 2.ªs feiras. Rua da Barroca, 133 Tel. 369760**

FRAGATA REAL — Elenco: Beatriz da Conceição e Maria Jô, Joaquim Campos em fado Lisboa, João Queirós em Fado Coimbra, o acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Folclore os 5 de Vila Franca. Artistas convidados Ana Rosmaninho e Natália dos Anios. **Travessa de S. Miguel, 22, — Alfama, Tel. 868552.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) — Conjunto Oliver) **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

CACO — Dancing c/música ambiente com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

FORCADO — Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira. **Ar condicionado. Rua da Rosa, 221- Telefone 368579.**

BICO DOURADO — Boite de nuit, atracções internacionais, das 01 H. e 30 às 03 H. e 30, **R. da Misericórdia, 12 Tel. 368649.**

SOLAR DA HERMÍNIA — Herminia Silva, hoje e sempre **Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11** Encerra aos domingos **Tel. 320164**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

CLUB 107 (Boite) — Rua da Madalena 107, Lisboa-Tel. 860078.

FONTORIA Dancing. Música constante. Variedades internacionais. **Praça da Alegria, 66 Telef. 35431**

SAN-PAYO Bar-boite c/ música constante. Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34 Tel. 561422.** (Ar condicionado).

DL /ULTIMAS

DL
RENASCENÇA GRÁFICA S A R L
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º 2,º E-4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

CATORZE FERIDOS NUM CHOQUE DE CAMIONETAS

Catorze pessoas ficaram feridas, tendo recolhido ao hospital de Santa Maria, em consequência do choque de duas camionetas de passageiros da empresa Arboricultora, ocorrido esta manhã, por volta das oito horas, na Ponte da Paiã.

TRÊS MORTOS

Três mortos e um ferido grave é o balanço dos acidentes de viação registados no fim-de-semana, apesar do bom estado do tempo.

O desastre mais espectacular e de mais graves consequências ocorreu próximo de Tavira, no sítio do Vale Caranguejeiro, e resultou do choque de um automóvel com uma camioneta de carga, depois de uma ultrapassagem efectuada pelo condutor do primeiro veículo, que ficou pràticamente destruído. Tiveram morte quase imediata o condutor, José Maria Valente de Sousa, de 33 anos, casado, empregado na indústria hoteleira e residente em Faro e Joaquim das Chagas, de 55 anos, proprietário, residente no Livramento, Luz de Tavira.

MORREU NO FUNERAL

Em circunstâncias estranhas, faleceu Isaac Domingos Pereira, de 61 anos, morador em Lisboa, na rua João Coimbra, lote 720, Bairro do Restelo, que se encontrava a repousar na sua casa na freguesia de Silva, concelho de Valença. Querendo acompanhar o funeral de um conterrâneo, seguia no seu automóvel que, ao atingir uma curva, se despistou por causas ainda não determinadas e se precipitou num barranco de cerca de 10 metros.

SE PROVAR
CASTELÕES
SÓ PEDIRÁ
CASTELÕES
Castelões é um queijo pasteurizado, amanteigado e de superior qualidade

SECRETÁRIO DA AGRICULTURA

"AS COURELAS TÊM DE SER EXPLORADAS EM COMUM"

«Graças a Deus que as possibilidades da nossa agricultura não estão esgotadas. Com capacidade inventiva, com muito estudo e marcado realismo é possível encontrar novos caminhos que levem o sector não à tal arte de empobrecer alegremente mas a uma vigorosa força para o progresso do país», afirmou o eng. Mendes Serrão, secretário de Estado da Agricultura num jantar de homenagem oferecido por cerca de duzentos regentes agrícolas a propósito da sua recente nomeação para o cargo que actualmente ocupa.

Depois de terem usado da palavra dois regentes agrícolas que além de felicitarem o homenageado lhe ofereceram o seu apoio, bem como o de todos os presentes, o eng.º Mendes Ferrão disse: **«há felizmente muita gente que ganha dinheiro sendo agricultor. Esta é uma consoladora realidade. Mas é necessário que esta situação se multiplique e sirva de incentivo àqueles que continuam no empirismo e saudosismo duma agricultura ultrapassada para que se adaptem a novas formas de exploração, cultivando não aquilo que os seus avós já lhes deixaram por tradição mas novas oportunidades de maior rentabilidade em face da procura.»**

E continuou: **«A exploração agrícola tem de ser bem dimensionada para ser competitiva e a tendência é para cada vez ocupar maior área à medida que o preço da mão-de-obra aumenta e as máquinas se aperfeiçoam. As vezes nada existe de comum entre grande exploração e grande propriedade.»**

Noutro passo, o secretário de Estado da Agricultura afirmou:

«As courelas têm de ser exploradas em comum, em tipos de agricultura de grupo, cooperativas ou situações idênticas com o objectivo de superar, pela concentração, a debilidade de explorações minifundiárias e torná-las verdadeiramente viáveis. Não se resolve o problema subindo cada vez mais os preços dos produtos agrícolas que, em certa medida, travam a iniciativa e a necessidade do progresso técnico. O caminho está em produzir a baixo custo e, mesmo assim, havendo o lucro a que o agricultor indiscutìvelmente tem direito».

Após ter referido o papel do empresário na agricultura, o orador aflorou o problema da escassez de mão-de-obra nos campos e a necessidade de mecanização como defesa económica.

«Há que regionalizar a acção — disse — fortalecendo o trabalho com o apoio de conhecimentos já existentes, mas que uma mecânica pouco eficiente torna pouco rendosa. É nesse trabalho que muito me podereis ajudar. E eu confio em vós, como confio em todos os espíritos de boa vontade».

CONSTRUÇÃO DE NOVA SINES ALTERA A LEI SOBRE EXPROPRIAÇÕES

Nas expropriações promovidas pelo Gabinete da Área de Sines serão designados um grupo de árbitros permanentes e um perito permanente para intervir na expropriação dos bens necessários à execução de cada plano parcial ou esquema de trabalho aprovado. — determina-se do Decreto-Lei n.º 422/72, hoje publicado no Diário do Governo.

Trata-se de uma alteração ao processo de expropriação definido na Lei n.º 2142, de 14 de Maio de 1969, ficando agora decidido que **poderão ser designados mais de um grupo de árbitros permanentes e mais de um perito permanente, sempre que, em virtude da extensão e do número dos bens a expropriar, um único grupo de árbitros ou um só perito se mostra manifestamente insuficiente para assegurar o normal andamento de todos os processos.**

Esta decisão **é da competência do presidente do Tribunal da Relação do distrito da situação dos bens a expropriar ou da sua maior parte, mediante proposto fundamental da entidade expropriante»** — diz-se no articulado do decreto-lei agora publicado, emanado do Ministério da Justiça.

PEDITÓRIO EM FAVOR DE 300 GOESES

Um apelo do Vaticano em favor de 300 goeses expulsos do Uganda foi apresentado à Conferência Episcopal Portuguesa, através do Núncio Apostólico. Trata-se de uma comunidade católica profundamente ligada às suas origens goesas e implantada há muitos anos no Uganda, onde agora terá de abandonar todos os seus haveres. O apelo feito aos bispos portugueses tem em vista a recolha de donativos destinados a ajudar este grupo de goeses a reconstituirem as suas vidas noutros países. O peditório está a fazer-se desde agora e no próximo domingo efectuar-se-á em todas as igrejas.

SITUAÇÃO DO MERCADO PORTUGUÊS

Promovido pela Sociedade Portuguesa de Marketing, realiza-se esta noite num hotel da capital, um jantar-colóquio, durante o qual o economista dr. António Loureiro Borges apresentará o tema «Alguns aspectos da situação actual do mercado financeiro português: as emissões de acções, a Bolsa e o problema das obrigações».

Bolsas de estudo para França

Para o ano académico de 1973-74, o Governo francês põe à disposição de estudantes portugueses bolsas do ensino superior.

As inscrições estão abertas, até 15 de Dezembro, no Serviço Cultural Científico e de Cooperação Técnica da Embaixada da França.

UM ACONTECIMENTO LAPINHA: -DONATIVO À FUNDAÇÃO SALAZAR -ALMOÇO

As manifestações de Reinaldo Lapinha, conhecidíssimo industrial da construção civil, na Costa do Sol, têm sempre algo de singular e fabuloso. E para não fugir à tradição, na passada semana a vila de Cascais foi agitada por um «acontecimento Lapinha», para a inauguração das novas instalações a ocupar pela Sociedade de Construções Lapinha e Filhos, Ld.ª, desde agora instalada na R. Dr.ª Scacy Doyle, 11-D, em Cascais.

À cerimónia da inauguração, estiveram presentes os senhores doutor César de Moreira Batista, Secretário Nacional da Informação, Joaquim Miguel de Serra e Moura, presidente da Junta de Turismo, engenheiro Manuel Gaspar, director da Junta Autónoma das Estradas e todas as altas individualidades concelhias, banqueiros, magistrados e figuras destacadas da vida pública e política da região.

No decurso do acto inaugural, Reinaldo Lapinha fez entrega ao senhor doutor Moreira Batista, de um donativo de cincoenta mil escudos, destinados à Fundação Salazar.

De seguida, verificou-se um magnífico cocktail-jantar no Restaurante Visconde da Luz, do popularíssimo João Padeiro, tendo Reinaldo Lapinha proferido um discurso muito apreciado pelos cento e cincoenta convidados presentes e no final salientou os graves problemas que entravam o desenvolvimento da construção civil e oneram o custo da propriedade habitacional.

No dia seguinte, sábado, na intenção de associar às festas de inauguração, todos os seus amigos, empregados e colaboradores, realizou-se um fabuloso almoço a que assistiram cerca de mil pessoas e decorreu em ambiente festivo. Associou-se-lhe a Sociedade Musical de Cascais, houve fados e guitarradas, imensos brindes e um breve discurso de congratulações, proferido pelo grande industrial.

E um pouco mais tarde, a rematar em apoteóse de benemerência, foi distribuido um bodo a duzentas famílias pobres da região, provocando assim que, de um ou outro modo, todo o concelho se associe a mais um lendário e festivo acontecimento Lapinha.

LAPSO NUMA VENDA DE FRANCOS FRANCESES

Na passada segunda-feira, dia 23, numa venda de francos franceses processada num estabelecimento bancário da Avenida António Augusto de Aguiar, foi entregue ao comprador, por lapso do funcionário que procedeu à conversão, importância superior em 24.162$00 ao montante da operação. Há já uma pista que levará à identificação da pessoa que se beneficiou do erro. Pede-se, portanto, a esta, que compareça com a maior urgência no referido estabelecimento, a fim de restituir a importância que recebeu a mais. Com isto evitará não apenas o prejuizo do funcionário mas também eventual procedimento judicial.

O dr. César Moreira Batista durante a cerimónia da inauguração

Londres
no Natal 8 dias 2.990$
Fim do Ano 6 dias 2.680$
e nos Reis 6 dias 2.580$
(Estadias mais longas de 12, 14 e 20 dias sob consulta)

Londres e a Escócia
no Natal 8 dias 5.390$
Fim do Ano 6 dias 5.080$
e nos Reis 6 dias 4.680$
(Encerramento das inscrições para a Escócia em 10, 17 e 22 de Novembro respectivamente).

PARTIDAS: DEZEMBRO 21 e 28 — JANEIRO 2

Viagens acompanhadas em avião especial, bons hotéis, (tendo todos os quartos banho privativo, rádio, televisão) pequenos almoços, transferes, visitas da cidade, guias portugueses refeições e ceias especiais de Natal e Fim do Ano com baile, nas viagens à Escócia facilidade na obtenção de bilhetes para as revistas «JESUS CHRIST SUPERSTAR», «HAIR» e «OH CALCUTA»

Consulte nos sobre outras viagens muito económicas e de qualidade.

Exemplos New York 8 dias 8 200$ - Engelberg (Suiça) 8 dias 4 995$ - Cruzeiro à Madeira desde 2 490$

PEÇA PROGRAMAS DETALHADOS A:
CAPRISTANOS TURISMO, LDA.
Av. Duque de Loulé, 47-A/Tel 560171/LISBOA

A NOVA "ENTENTE CORDIALE"

Exclusivo
«Le Monde»
DL

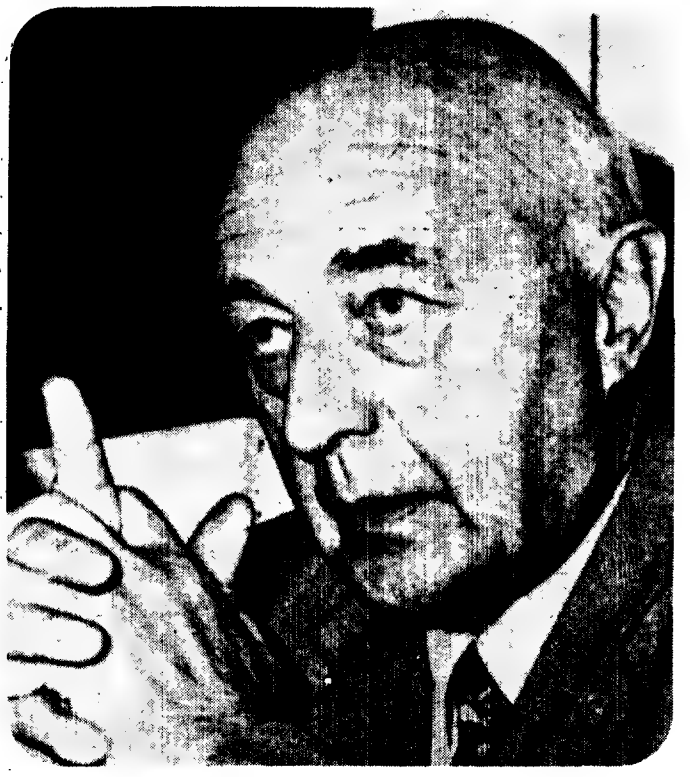
No próximo dia 1 de Janeiro, um novo bloco económico de 250 milhões de pessoas vai nascer. Quer se pense que se trata de uma «entente cordiale» europeia destinada a opor-se ou a viver entre os dois gigantes da actualidade; ou que, pelo contrário, o grande mercado está irremediàvelmente destinado a ser um poderoso aliado (sem igualdade) dos Estados Unidos; ou mesmo que se ataque a comunidade por ser um instrumento dos patrões, a verdade é que esta realidade vai marcar a vida da Europa no futuro que se pode prever.

A reunião cimeira deste mês em Paris não terá decidido sobre questões muito importantes, foi uma reunião sem surpresas, mas ela sublinhou, pelo simples facto de se realizar, o peso enorme destes nove países que, unidos, constituem o maior bloco comercial que o mundo jamais viu.

Só a entrada dos três novos países, sobretudo a da Inglaterra, no Mercado Comum permitiu enquadrar econòmicamente a Europa Ocidental. Até aqui, a CEE era uma organização coxa, pois não é possível pensar em mercados europeus, ou mesmo mundiais, sem contar com a Grã-Bretanha, por maiores que sejam as dificuldades por que passa o velho leão.

A cimeira dos nove — França, República Federal Alemã, Itália, Bélgica, Luxemburgo, Holanda, Grã-Bretanha, Irlanda e Dinamarca — decidiu-se pelo adiamento de muitas das mais importantes questões, assentando, contudo, em alguns princípios. Entre eles avultam o da criação da união europeia, mas apenas lá para 1980 e o da luta conjugada contra a inflação, mal que aflige, em maior ou menor grau, todos os países membros actuais e futuros da comunidade. Insistentemente proposta e defendida pela Holanda a democratização dos órgãos de decisão do Mercado Comum foi também enviada para o arquivo dos pendentes. Sicco Mansholt, o espectacular presidente da Comissão Executiva, defendeu também o alargamento dos poderes do Parlamento Europeu que os holandeses queriam que fosse eleito por sufrágio universal. A atitude de Mansholt é compreensível. Ele é um dos poucos sobreviventes dos idealistas que se lançaram na construção de uma Europa unida, tentando fazer valer os seus pontos de vista globais sobre os interesses nacionais. Mansholt, que é um presidente de transição, tem sido derrotado amiúde, pois os interesses dos Governos no Poder nos diversos países dificilmente abrem das suas prerrogativas.

O nacionalismo, apesar de tudo o que já se fez, persiste. É por isso que a união política levará ainda muito tempo a ser alcançada, se é o que o será alguma vez.



Sicco Mansholt

Os dirigentes dos nove países do Mercado Comum alargado. O último da *direita* é Pierre Messmer, primeiro-ministro francês.

A DECLARAÇÃO

A Europa deve ser capaz de fazer ouvir a sua voz nos assuntos mundiais

Eis o texto integral da declaração adoptada no termo da «cimeira» em 21 de Outubro, às 0 horas e 30 minutos:

Os chefes de Estado ou do governo dos países membros da Comunidade alargada, reunidos pela primeira vez em 19 e 20 de Outubro em Paris, a convite do presidente da República Francesa, declaram solenemente o que segue:

No momento em que o alargamento, decidido de conformidade com as regras estabelecidas pelos tratados e dentro do respeito pela obra já levada a cabo pelos seis Estados membros originários, vai tornar-se uma realidade e dar à Comunidade Europeia uma outra dimensão

Embora se produzam no mundo acontecimentos que transformam profundamente a situação internacional.

Embora se manifeste uma aspiração geral para a calma e a cooperação que responde ao interesse e ao desejo profundo de todos os povos.

Embora dificuldades preocupantes de ordem monetária ou comercial imponham a busca de soluções duráveis que favoreçam a expansão dentro da estabilidade.

Embora numerosos países em vias de desenvolvimento vejam alargar-se o fosso que os separa das nações industrializadas e reivindiquem, com justiça, um aumento das ajudas e uma mais justa utilização das riquezas.

Embora as tarefas da Comunidade aumentem e lhe sejam confiadas novas responsabilidades.

Chegou para a Europa a hora de ter uma clara consciência da unidade dos seus interesses, da amplitude das suas capacidades e da importância dos seus deveres.

A Europa deve ser capaz de fazer ouvir a sua voz nos assuntos mundiais e de fornecer uma contribuição original na medida dos seus recursos humanos, intelectuais e materiais e de afirmar as suas próprias concepções nas relações internacionais, de conformidade com a sua vocação de abertura, de progresso, da paz e de cooperação.

Para este efeito:

1) Os Estados membros reafirmam a sua vontade de fundar o desenvolvimento da Comunidade na democracia, na liberdade das opiniões, na livre circulação das pessoas e das ideias, na participação dos povos por intermédio dos seus representantes livremente eleitos.

2) Os Estados membros estão resolvidos a reforçar a Comunidade, estabelecendo uma união económica e monetária, garantia de estabilidade e de crescimento, fundamento da sua solidariedade e base indispensável do progresso social, e remediando as disparidades regionais.

3) A exapansão económica que não é um fim em si mesmo, deve, por prioridade, permitir atenuar a disparidade das condições de vida. Deve prosseguir com a participação de todos os parceiros sociais. Deve traduzir-se por uma melhoria da qualidade como, também, do nível da vida. De conformidade com o génio europeu, será prestada uma atenção especial aos valores e bens não materiais e à protecção do ambiente, a fim de colocar o progresso ao serviço do Homem.

4) A Comunidade, consciente do problema que levanta a persistência do subdesenvolvimento no mundo, afirma a sua vontade de aumentar, no enquadramento de uma política global relativamente aos países em vias de desenvolvimento, o seu esforço de auxílio e de cooperação para com os povos mais desprovidos, tendo particularmente em conta as preocupações dos países em relação aos quais a geografia, a história e os compromissos que a Comunidade assinou criam responsabilidades específicas.

5) A Comunidade reafirma a sua vontade de favorecer o desenvolvimento das trocas internacionais. Esta vontade estende-se a todos os países sem excepção. A Comunidade está pronta a participar, dentro dos melhores prazos, com um espírito aberto tal como já se manifestou e segundo os procedimentos previstos pelo F.M.I. e pelo GATT, e negociações baseadas no princípio da reciprocidade e que permitam chegar, nos domínios monetário e comercial, aos estabelecimento de relações económicas estáveis e equilibradas e nas quais o interesse dos países em vias de desenvolvimento deverão ser plenamente tomados em consideração.

6) Os Estados membros da Comunidade, no interesse das relações de boa vizinhança que devem existir entre todos os países da Europa, qualquer que seja o seu regime, afirmam a sua decisão de contemporizar com os países do Leste do Continente, principalmente por ocasião da conferência sobre a segurança e a cooperação na Europa, de prosseguir a sua política de tranquilidade e de paz e o estabelecimento, em bases duráveis, de uma mais larga cooperação e humana.

7) De conformidade com as suas finalidades políticas, a construção europeia permitirá à Europa afirmar a sua personalidade na fidelidade às suas amizades tradicionais e ás alianças dos seus Estados membros e de marcar o seu lugar nos assuntos mundiais, na sua qualidade de entidade distinta, resolvida a favorecer um melhor equilibrio internacional, no respeito dos principios da Carta das Nações Unidas. O s Estados membros da Comunidade, elemento motor da construção europeia, afirmam a sua intenção de transformar, antes do fim da actual década, o conjunto das suas relações numa União Europeia.

POLÍTICA ECONÓMICA E MONETÁRIA

1) Os chefes de Estado ou de governo reafirmam a vontade dos Estados membros das Comunidades europeias alargadas de realizar, de uma forma irrreversível, a União Económica e Monetária, confirmando todos os elementos dos actos adoptados pelo Conselho e pelos representantes dos Estados membros em 22 de Março de 1971 e 21 de Março de 1972.

As decisões necessárias deverão ser tomadas durante o ano de 1973 para permitir a passagem à segunda fase da união económica e monetária em 1 de Janeiro de 1947 e com vista à sua conclusão, o mais tardar, em 31 de Dezembro de 1980

Os chefes de Estado ou de governo reafirmaram o princípio de progressos paralelos nos diferentes domínios da união económica e monetária.

Decidem que será instituido por um acto solene, baseado no tratado da C.E.E., antes de 1 de Abril de 1973, um Fundo Europeu de Cooperação Monetária cuja gestão será assegurada pela comissão dos governadores dos bancos centrais, no quadro das orientações gerais de política económica decididas pelo conselho de ministros.

2) Declararam que pariedades fixas mas ajustáveis entre as suas moedas constituem uma base essencial para a realização da União e exprimem a sua vontade de colocar, no seio da Comunidade, mecanismos de defesa e de apoio mútuo que permitam aos Estados membros assegurar-se o respeito.

Numa fase inicial o Fundo funcionará nas seguintes bases:

Acordo entre os bancos centrais para as necessidades do encurtamento das margens de flutuação entre as suas moedas; multilateralização das posições resultantes das intervenções em moedas comunitárias e multilateralização dos regulamentos intracomunitários; utilização, para este fim, de uma unidade de conta monetária europeia; gestão do apoio monetário a curto prazo entre os bancos centrais; o financiamento a prazo muito curto do acordo sobre o encurtamento das margens e o apoio monetário a curto prazo, serão reagrupados no Fundo por um mecanismo renovado; para este fim, o apoio a curto prazo será ordenado ao nível técnico sem lhe modificar as características essenciais e, em especial, os procedimentos de consulta que comportam.

Os orgãos competentes da Comunidade deverão submeter relatórios: o mais tardar em 30 de Setembro de 1973, sobre o arranjo do concurso a curto prazo; o mais tardar em 31 de Dezembro de 1973, sobre as condições de uma progressiva colocação em comum das reservas.

3) Os chefes de Estado ou de governo insistiram sobre a necessidade de coordenar mais estreitamente as políticas económicas da Comunidade e, para este fim, instaurar comunitários procedimentos mais eficazes.

Na conjuntura actual, consideram que deve ser dado um carácter prioritário à luta contra a inflação e, por reflexo à estabilidade dos preços. Deram instruções aos seus ministérios competentes para adoptarem, por ocasião do Conselho alargado de 30 e 31 de Outubro de 1972, medidas precisas nos diversos domínios, que se prestam a uma acção eficaz e realista a curto prazo, com vista a atingir estes objectivos, e tendo em conta as situações respectivas dos países da Comunidade alargada.

4) Os chefes de Estado ou de governo exprimem a sua vontade de que os Estados membros da Comunidade alargada contribuam para uma atitude comum para orientar a reforma do sistema monetário internacional no sentido da instauração de uma ordem equitativa e durável.

Consideram que este sistema deveria ser fundado sobre os seguintes principios: paridades fixas mas ajustáveis; uma convertibilidade geral das moedas, um regulamento internacional efectivo do aprovisionamento do mundo em liquidados; uma redução do papel das moedas nacionais como instrumentos de reserva; o funcionamento eficaz e equitativo do processo de ajustamento; a igualdade dos direitos e das obrigações para todos os participantes no sistema; a necessidade de reduzir os efeitos destabilizadores dos movimentos de capitais a curto prazo; a tomada em conta dos interesses dos países em vias de desenvolvimento.

Um tal sistema seria inteiramente compatível com a realização da União Económica e Monetária.

POLÍTICA REGIONAL

5) Os chefes de Estado ou de governo reconhecem uma alta prioridade ao objectivo de remediar, adentro da Comunidade, aos desequilíbrios estruturais e regionais que poderiam afectar a realização da União Económica e Monetária.

Os chefes de Estado ou de governo convidam a comissão a elaborar sem demora um relatório analisando os problemas que se levantam no domínio regional à Comunidade alargada e a apresentar propostas apropriadas.

Desde já se comprometem a coordenar as suas políticas regionais. Desejosos de empenhar os seus esforços no caminho de uma solução comunitária para os problemas regionais, convidam as instituições comunitárias a criar um fundo de desenvolvimento regional que começará a funcionar antes de 31 de Dezembro de 1973. Este fundo será alimentado a partir do início da segunda fase da União Económica e Monetária, pelos próprios recursos da Comunidade; a sua intervenção, coordenada com os auxílios nacionais, deverá permitir, a par e passo com a realização da União Económica e Monetária, corrigir os desequilíbrios regionais principais adentro da Comunidade alargada, e, principalmente, aqueles que resultam de um predomínio agrícola das mutações industriais e de um subemprego estrutural.

POLÍTICA SOCIAL

6) Os chefes de Estado ou de Governo sublinharam que uma acção vigorosa no domínio social reveste, para eles, a mesma importância que a realização da união económica e monetária.

Consideram indispensável atingir uma participação crescente dos parceiros sociais nas decisões económicas e sociais da Comunidade. Convidam as instituições a fixar, antes de 1 de Janeiro de 1974, após consulta aos parceiros sociais, um programa de acção, prevendo medidas concretas e meios correspondentes, principalmente no quadro do fundo social, na base das sugestões que foram apresentadas pelos chefes de Estado ou de Governo e pela Comissão no decurso da conferência.

Este programa deverá visar principalmente pôr a funcionar uma política coordenada em matéria de emprego e de formação profissional, a melhorar as condições de trabalho e de vida, a assegurar a colaboração dos trabalhadores nos orgãos das empresas, a facilitar — baseando-se na situação dos diferentes países — a conclusão de convenções colectivas europeias nos domínios apropriados, e a reforçar e a coordenar as acções a favor da protecção dos consumidores.

POLÍTICA INDUSTRIAL CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

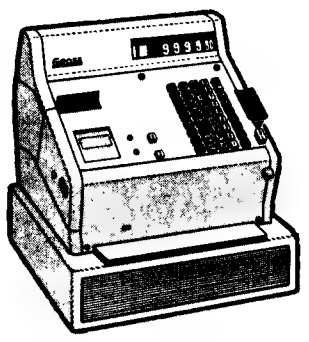
7) Os chefes de Estado ou de Governo consideram que é necessário procurar fornecer uma mesma base industrial ao conjunto da Comunidade.

Isto comporta a eliminação dos entraves técnicos às trocas assim como a eliminação, principalmente no domínio fiscal e jurídico, das barreiras que se opõem à aproximação e às concentrações de empresas, a adopção rápida de um estatuto de sociedade europeu, a abertura progressiva e efectiva dos mercados públicos, a promoção, à escala europeia, de empresas concorrentes nas tecnologias avançadas, a mutação e a reconversão dos ramos industriais em crise em condições sociais aceitáveis, a elaboração das disposições de natureza a garantir que as concentrações que interessam as empresas estabelecidas na Comunidade estejam de harmonia com os objectivos económicos e sociais comunitários, e a manutenção de uma concorrência leal, tanto no Mercado Comum

GROSS
Ambassador

UM NOVO CONCEITO
EM CAIXAS REGISTADORAS

Modelos de 1 a 8 totalizadores
Simples ou detalhadores
Certificadoras de facturas simples ou duplas
Leituras e totais impressos
Cálculo de trocos



Repetição automática
Subtração
Percentagem
R.C.P. (recebimentos, créditos e pagamentos)
Somadora independente

MODELOS PARA TODOS OS RAMOS DE NEGÓCIO

Representantes Exclusivos: SIDA - SUECA, LDA.
RUA DE S. NICOLAU, 15 - 17 • TELEF. 369331 • LISBOA - 2

BOLTON

PORTAS BASCULANTES
PARA GARAGEM

3 ANOS DE GARANTIA

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA

JOSÉ BARROS, LDA.

Rua José Duro, 21-B — LISBOA — T. 712540

FINAL DA CIMEIRA DOS NOVE

como terceiros mercados em conformidade com as disposições dos tratados.

Importa definir objectivos e assegurar o desenvolvimento de uma política comum no domínio científico e tecnológico. Esta política implica a coordenação, no seio das instituições comunitárias, das políticas nacionais e a execução em comum de acções de interesse comunitário.

Com este fim, deveria ser preparado pelas instituições comunitárias, antes de 1 de Janeiro de 1974, um programa de acção comunitária ajustado a um calendário de execução precisa e aos meios apropriados.

AMBIENTE

8) Os chefes de Estado ou de Governo sublinham a importância de uma política de ambiente na Comunidade. Com este fim, convidam as instituições da Comunidade a estabelecer, antes de 31 de Julho de 1973, um programa de acção ajustado a um calendário preciso.

ENERGIA

9) Os chefes de Estado ou de Governo julgam necessário fazer elaborar pelas instituições comunitárias, dentro dos melhores prazos, uma política energética que garante um aprovisionamento seguro e durável em condições económicas satisfatórias.

RELAÇÕES EXTERNAS

10) Os chefes de Estado ou de Governo afirmam que os seus esforços, com vista a construir a sua Comunidade, não têm todo o seu sentido senão na medida em que os Estados membros consigam agir conjuntamente para fazer face às responsabilidades crescentes que incumbem à Europa no mundo.

11) Os chefes de Estado ou de Governo estão convencidos de que a Comunidade deve, sem alterar as vantagens de que beneficiam os países com os quais ela tem relações especiais, responder ainda mais do que no passado a expectativa do conjunto dos países em vias de desenvolvimento.

Nesta perspectiva, atribui uma importância essencial à política de associação tal como foi confirmada no tratado de adesão, assim como à entrada em vigor dos seus compromissos com os países da bacia mediterrânica, com os quais há acordo concluídos ou a concluir, acordo que deverão ser objecto de uma aproximação global e equilibrada.

Na mesma perspectiva, tendo em conta os resultados da conferência da CNUCED e no quadro da estratégia para o desenvolvimento adoptada pelas Nações Unidas, as instituições da Comunidade e os Estados membros são convidados a pôr a funcionar progressivamente uma política global de cooperação para o desenvolvimento à escala mundial, comportando principalmente os elementos seguintes:

— Promoção, nos casos apropriados, de acordos relativos aos produtos de base dos países em vias de desenvolvimento, a fim de conseguir uma estabilização dos mercados e um aumento das suas exportações.

— Melhoria das preferências generalizadas com o objectivo de realizar um aumento regular das importações de produtos amnufacturados provenientes dos países em vias de desenvolvimento.

A este respeito, as instituições da Comunidade estudarão, a partir do princípio de 1973, as condições que permitam atingir um objectivo de crescimento substancial.

— Aumento do volume dos auxílios financeiros públicos.

— Melhoria das condições financeiras destes auxílios, principalmente a favor dos países em vias de desenvolvimento menos favorecidos, tendo em conta as recomendações da comissão de auxílio ao desenvolvimento da O.C.D.E.

Estas questões serão objecto de estudos e de decisões em tempo útil no decurso do ano de 1973

12) No que diz respeito aos países industriais, a Comunidade está decidida, a fim de assegurar um desenvolvimento harmonioso do comércio mundial:

— A contribuir, respeitando completamente os bens comunitários, para uma liberalização progressiva das trocas internacionais, mediante medidas baseadas na reciprocidade, e apoiando-se simultâneamente nos obstáculos tarifários e não tarifários;

— A manter um diálogo construtivo com os Estados Unidos da América, o Japão, o Canadá e outros parceiros comerciais industrializados, num espírito de abertura e utilizando as formas mais apropriadas.

Neste contexto, a Comunidade atribui uma grande importância às negociações multilaterais no quadro do GATT, nas quais participa de conformidade com a sua declaração anterior.

Com este fim, as instituições da Comunidade estão convidades a definir para o dia 1 de Julho de 1973, o mais tardar, uma concepção de conjunto.

A Comunidade deseja ardentemente que um esforço de todos os parceiros permita concluir estas negociações em 1975.

Confirma o seu desejo de uma plena participação dos países em vias de desenvolvimento na preparação e no desenrolar destas negociações, que deverão ter na devida conta os interesses destes países.

Por outro lado, tendo em conta os acordos concluídos com os países da E.F.T.A. não aderentes, a Comunidade declara-se disposta a procurar com a Noruega uma solução rápida para os problemas comerciais que se levantam a este país nas suas relações com a Comunidade alargada.

13) Com vista a favorecer a tranquilidade na Europa, a Comunidade reafirma a sua vontade de levar a cabo com os países do Leste uma política comercial comum a partir de 1 de Janeiro de 1973; os Estados membros declaram-se resolvidos a promover, ralativamente a estes países, uma política de cooperação baseada na reciprocidade.

Continua na pág. seis

Nem toda a gente é a favor do Mercado Comum. Este dinamarquês mostra irònicamente o cartaz que lhe dá as boas vindas.

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em praços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento.

Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.

Rua do Garrido, 73-A—Tels.: 727201-728793-725196

DEFENDA-SE DO PERIGO

LEMBRE-SE O AMORTECEDOR KONI DARÁ MELHOR ESTABILIDADE MELHOR DIRECÇÃO MELHOR COMODIDADE

CARREGÁVEIS ★ REGULÁVEIS ★ REPARÁVEIS

UM MODELO ESPECIAL PARA CADA TIPO DE CARRO

Distribuidores para Portugal — Soc. Geral de Importação, Lda.
Av. Ant. Augusto de Aguiar, 23-A — Tel. 560156/7/8 — LISBOA

UNIÃO EUROPEIA PARA DAQ

UMA MARATONA BEM EUROPEIA...

Após laboriosas negociações, os NOVE fixar Europeia.

Os Chefes do Governo dos oito países parce começaram a deixar Paris na manhã do passado sá um pouco depois da meia-noite e após longas ho de Paris. Este texto, que conta dezasseis artigos p prevê uma série de medidas e de fases para estab a luta contra a inflação, para a política regional antes de 31 de Dezembro de 1973 —, um progra partir de 1974, uma melhor coordenação das políticas inc

Confirme-se que as negociações comerciais do próximo e 1975.

Será empreendido um segundo estudo para melho que os poderes de controlo do Parlamento europeu s que, antes do fim de 1975, será depositado um rela fim da actual década e no respeito absoluto dos trat Estados membros numa União Europeia».

Os resultados da conferência são acolhidos na em especial por Pompidou e Heath, tendo ambos sa reacções são ainda pouco numerosas nas capitais da alemã criticou já a magreza dos resultados obtidos Na Grã-Bretanha, a Imprensa rejubila muito particula regional.

Pompidou acreditara poder tranquilizar os seus hóspedes ao declarar, no início da conferência, que a «cimeira» de Paris não importaria os hábitos de Bruxelas e que não haveria «maratona». De facto, podia-se pensar que os chefes de Estado e de Governo, colocados acima do comum dos ministros, se poupariam às esgotantes sessões nocturnas que assinalaram em Bruxelas e algures, a construção da Europa. No entanto, nada faltou a esta segunda e última jornada da «cimeira», nem as batalhas de peritos, nem as subtilezas das vírgulas, nem a expectativa cheia de interrogações de alguns milhares de jornalistas — com, ainda por cima, um falso alerta — para fazer dela uma das grandes «clássicas» das discussões europeias.

Começada com um debate sobre a cooperação política, seguido de outro sobre as relações externas da Comunidade, a jornada prosseguiu após um almoço de trabalho no Eliseu, com uma sessão consagrada ao problema, difícil entre todos, das instituições. Um pouco antes das 19 horas, a sessão foi interrompida para um descanso de meia hora, que durou, com efeito, muito mais tempo, pois parecia já que os peritos não conseguiriam pôr-se de acordo sobre a redacção da declaração.

Afinal, a sessão final, no decurso da qual os chefes de delegação deveriam ter-se limitado a homologar o texto preparado em comissão, prolongou-se durante horas para vir a tornar-se a mais longa desta «cimeira». Não foram necessárias menos de cinco horas para chegar a um acordo sobre o documento, examinado parágrafo por parágrafo num vaivém incessante de papéis — e também de **sandwiches** — entre as diferentes salas em que se sentavam os peritos e os chefes de delegação. Um pouco depois das 23 horas, sabia-se que renunciavam a comparecer na recepção oferecida no Quai d'Orsey por Messmer e sua esposa. Não faltava então senão uma página da declaração a ultima com o artigo 16 — para pôr em ordem, porém, isso levou ainda mais de uma hora.

Não foi senão às 0 horas e 27 minutos dessa madrugada de sábado que se anunciou o fim iminente da sessão, e às 0 h. 35 Pompidou, acompanhado pelos oito chefes de Governo, fez a sua entrada na sala cheia de fumo onde o esperavam os jornalistas e as câmaras de televisão. O chefe do Estado, que parecia fatigado mas satisfeito, fez o balanço dos trabalhos na breve alocução que, então lhes dirigiu.

Quais tinham sido os principais assuntos de desacordo? Enumerar-se-iam geralmente quatro, talvez cinco, segundo as diferentes delegações: o papel do Parlamento europeu, as relações externas, o programa a seguir para a definição da União Europeia, a política social e, finalmente, a política regional.

De todos os pomos de discórdia, o do Parlamento europeu foi, sem dúvida, o que mais tempo ocupou os chefes de delegação, mas sobretudo Pompidou e Biesheuvel, principais protagonistas do debate. Diz-se que o chefe do Governo holandês tinha anunciado, desde quinta-feira, que o seu país poderia recusar passar, a partir de 1 de Janeiro de 1974, à segunda fase da união económica e monetária se não tivesse a certeza **«de uma melhoria sensível da tomada de decisões na Comunidade e de uma participação parlamentar suficiente para esta política»**. Por outras palavras, os holandeses exigiam que o controlo do Parlamento fosse reforçado, melhor ainda, que fosse fixada o mais depressa possível uma data para a eleição dos seus membros por sufrágio universal.

Desejoso a seis semanas das eleições no seu país, de regressar a Haia com um resultado tangível, Biesheuvel considerava bom bater-se àsperamente sobre este terreno. Era preciso, sem dúvida, a «fadiga», observou um britânico, para o levar a deixar de sustentar esta causa.

Por MICHEL TATU

UM NIVELAMENTO CORDIAL

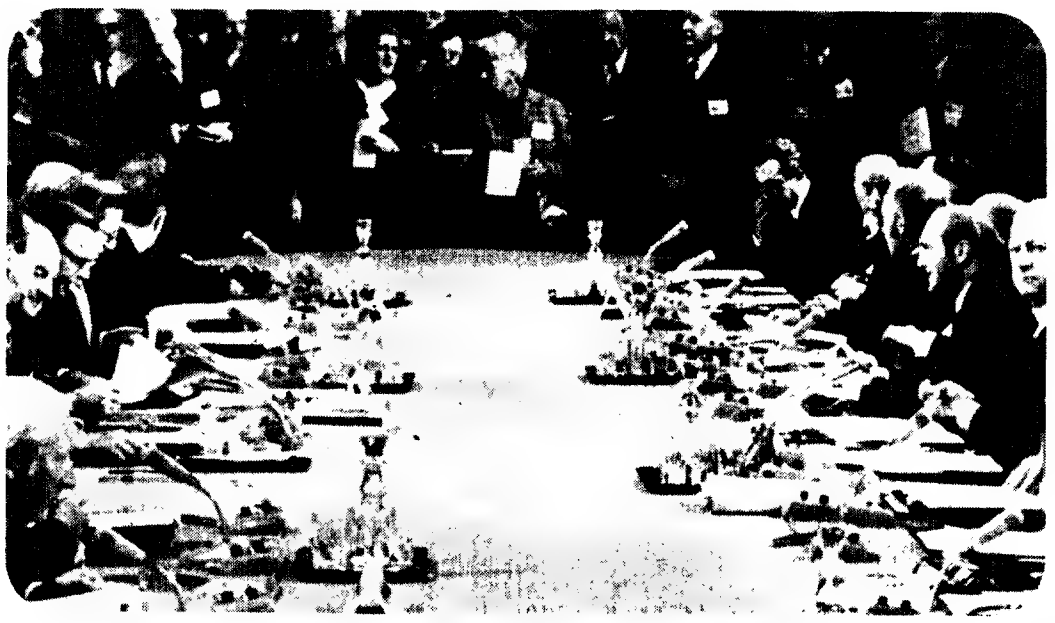
É verdade que os holandeses podiam encontrar um meio de manter a sua pressão quanto ao parágrafo 15 da declaração, que pede aos governos para deterem, antes do fim da primeira fase da união económica e monetária, as **«medidas relativas à repartição das competências e das responsabilidades entre as instituições da Comunidade e os Estados membros»** tudo isto para o bom funcionamento desta união. Haia pode advogar então mais uma vez que a extensão do papel do Parlamento é indispensável ao bom funcionamento da união económica e monetária. Porém, a data de 1 de Janeiro de 1974 nem por isso é menos considerada para a passagem à segunda fase. Quanto ao artigo 15, relativo ao Parlamento europeu, é certamente mais encorajante para este último do que o comunicado de Haia de há três anos, mas não lhe abre perspectivas grandiosas. Schumann, aliás, teve de precisar que ele não anuncia senão um reforço dos poderes de controlo — e não de decisão — da Assembleia de Estrasburgo. Segundo o ministro francês, a posição de Paris foi apoiada na questão pela Grã-Bretanha, Dinamarca e República Federal da Alemanha. Heath e Brandt desejavam, é verdade, ver reforçados os poderes do Parlamento, mas, para eles, não deveria ser uma questão de debater desde já a sua eleição por sufrágios directo. Do lado britânico, particularmente, assegura-se ter desempenhado um papel voluntáriamente discreto nesta discussão.

Pompidou e Biesheuvel não se separaram, portanto, de relações cortadas. Do lado francês, pelo contrário, tem de se render homenagem à grande cortesia do primeiro-ministro holandês, que, antes de levantar a sessão, havia saudado na pessoa do chefe de Estado francês **«o homem que, só por si, foi a mais eficaz de todas as delegações»**. Anteriormente, Pompidou tinha concluído os trabalhos, afirmando que as decisões tomadas iam além do que ele próprio havia esperado, e que via nisso um **verdadeiro êxito»**.

O último parágrafo da declaração, sobre a transformação da Comunidade actual numa união europeia, é o fruto de um amálgama entre a posição francesa e a posição belga. Esta nova denominação, deve recordar-se, havia aparecido pela primeira vez no projecto de declaração solene — que se tornou depois no preâmbulo do comunicado final — que Pompidou tinha feito cumprir, desde terça-feira 17 de Outubro, aos seus parceiros. O chefe de Estado francês evitou bem dar a mínima indicação sobre o conteúdo desta união: recusara-se ainda, a fazê-lo durante a sua última declaração á Imprensa, limitando-se a falar de união «no sentido lato e completo do termo». Por seu lado, Eyskens tinha invocado uma «entidade europeia completa», sem ser muito mais preciso, também ele, mas havia sugerido encarregar «uma personalidade política», de fazer um relatório sobre este ponto antes do dia 1 de Julho de 1973. Esta data pareceu demasiado próxima a numerosas delegações. e Eyskens propôs ele próprio adiá-la para 1975. Este mesmo ano será muito provávelmente o da próxima «cimeira» embora os ingleses tal como os alemães, tenham indicado que não há qualquer ligação entre estes dois acontecimentos. Para Brandt especialmente o próximo encontro dos chefes de Estado e de Governo poderia perfeitamente bem ter lugar dentro de um dois ou três anos.

A abundância das decisões e dos «calendários» acordados não deve fazer esquecer que um grande número de sugestões foram postas de parte.

Assim aconteceu com a proposta de Pompidou para criar uma fundação para o melhoramento das condições de trabalho e de vida — proposta acolhida com frieza , da de Brandt para «institucionalizar» o diálogo entre a Comunidade e os Estados Unidos por um organismo **ad hoc** (a França opôs-se a ela), a ideia de designar secretários de Estado europeus (a questão foi considerada «não amadurecida»), numerosas sugestões de Andreotti visando a instituição de uma cidadania europeia, dar um outro nome aos embaixadores dos Estados membros nas capitais dos Nove, etc., tudo coisas que não se encontram mencionadas na declaração final.



ANCOR

«Os homens são feitos para as ancoragens», escreve Paul Nizan em **Aden Arabie.** Ao descer da **«cimeira»**, a pequena frase passa pela cabeça. A Europa flutuou demasiado entre duas águas, as que levam em direcção à união politica e as que conduzem, através de belas saídas comerciais, em direcção às ilhas nacionais. Mesmo assim é preciso que, na hora em que se alarga, esta Comunidade procure onde deve agarrar-se. .

A virtude dos encontros ao mais alto nível é, pelo menos, a de tentar encontrar o essencial. Certamente que ele pode estar no comunicado da avenida Kléber como nestas **«boas resoluções»** dos penitentes, tomadas à luz de uma fé mais vivamente sentida, mas que não impedem de encontrar em seguida, galhardamente, os caminhos do pecado. Pelo menos, houve exame de consciência, desanuviamento levado sobre as tensões do momento, sobre as carências da organização, colocação de quadros que convirá preencher, orientações para novos esquemas.

Agora, cabe aos países membros julgar, e isso terá lugar sómente dentro de um mês, ou dentro de um ano, se a «cimeira» dos dias 19 e 20 de Outubro teve ou não êxito. À luz daquilo que se passou durante estes dois dias, vê-se um pouco melhor em que condições a Europa — objecto de tantas atenções calorosas — sairá das suas faixas.

O mais urgente é varrer as querelas teológicas. E ver-se-á que este trabalho conduz às questões-chave. Tomemos quatro exemplos significativos.

Que centro de decisão?

1) **Onde está o poder na Europa comunitária?** Deus sabe se se tem batido por esta palavra: a «supranacionalidade». Não desagrada ao fogoso Spinelli que acaba de retomar, na sua **Agenda para a Europa**, o facho que Hallstein teve de abandonar depois da crise de 1965, que o «poder» não esteja na Comissão de Bruxelas, e o facto de não vir a derivar dela. Está nos Estados representados no conselho de ministros. Porém, o conselho não é uma instância diplomática. E uma instituição da Comuno europeu. Que consequências se podem tirar daí? Por certo que não a necessidade de reanimar a controvérsia sobre os votos por unanimidade ou por maioria qualificada do conselho. Mansholt, que não pode ser suspeito de laxismo, reconhecia uma noite destas aos microfones da Europa n.º 1 que **«nunca uma verdadeira comunidade pôde tomar uma decisão contra os interesses vitais de um Estado membro.** E o ponto de vista desde há muito defendido pela França, que acontece ser também o do bom senso.

Porém, ficar por aí seria demasiado fácil. E preciso que os membros do conselho afugentem do seu espírito os métodos

Por PIERRE

de negociação baseados numa estrita reciprocidade, quando se permutam interesses nacionais, quando se espera a «justa retribuição» das concessões feitas. A este respeito a declaração de Pompidou é reconfortante: segundo ela **«nós devemos elevar-nos ao nível das necessidades europeias fundamentais, substituindo os inevitáveis regateios de interesse por uma acção colectiva e construtiva»**

Conviria também discernir melhor como é que a Europa de amanhã será governada e como se exercerá um controlo democrático. A comunidade deixa aí uma uma zona delicada lamentável — e será preciso esperar por 1975 para se saber mais alguma coisa sobre a união europeia — e quando Pompidou diz que o controlo político continua a ser a atribuição dos parlamentos nacionais não se pode deixar de ficar a pensar nisso. Sem dúvida que ratificam os tratados, mas como se exerce verdadeiramente a sua vigilância sobre as decisões dos conselhos de ministros europeus? Com efeito, vivemos num regime de tecnocracia esclarecida.

2) **Da união económica e da união monetária, qual deve travar o passo à outra?** A resposta a esta adivinha, que durante muito tempo dividiu franceses

UI A OITO ANOS

Georges Pompidou (França)

as fazes da construção, em oito anos, da União

iros da França na Comunidade Europeia alargada bado, dia 21 do corrente, depois de terem acertado, as de discussões, a declaração final da «cimeira» ecedidos de um preâmbulo de inspiração francesa, belecimento da união económica e monetária, para — para a qual será instituído um fundo especial rama para a coordenação das políticas sociais a industrial, científica e tecnológica.

o «Nixon round» terão lugar entre o dia 1 de Julho

lhorar os métodos da cooperação política, enquanto u serão reforçados. Finalmente, a declaração prevê relatório sobre os meios de «transformar, antes do tratados já subscritos, o conjunto das relações dos

na generalidade com satisfação pelos participantes, saudado o «enorme trabalho» levado a cabo.. As da Comunidade, mas a oposição cristã-democrata dos no que diz respeito à luta contra a inflação. cularmente com a criação de um fundo de auxílio

Willy Brandt (Alemanha)

Gaston Eyskens (Bélgica)

Anker Joergensen (Dinamarca)

Edward Heath (Reino Unido)

Barend Biesheuvel (Holanda)

Jack Lynch (Irlanda)

Giulio Andreotti (Itália)

Pierre Werner (Luxemburgo)

AGENS

emães e fazia parte do folclo- dos conselhos de Bruxelas, está agora dada: é preciso fazer marchar as duas a par. A luta comum contra a inflação equili- bra no comunicado a criação do Fundo Europeu de Coope- ração Monetária. Giscard d'Es- aing — convertido por Schiller o momento em que este havia dido o seu lugar — pediu, e-se, ele próprio, por carta di- gida a cada um dos seus cole- s e ao presidente da comissão, ra se dar inicio a uma cruza- em comum contra a in- ção. Pareceria, portanto, que ais uma destas querelas dog- ticas a que Pompidou tem rror está presentemente enter- da.

ROUIN

Mas será necessária uma per- severante atenção para que não venha a renascer das próprias cinzas. Já, quando da redacção do comunicado final, a França desejava que se escrevesse «a União Económica e Monetária exigirá uma **convergência** das políticas económicas» enquanto que os outros países pediram que se fale de **unificação** duran- te o período final. Em definiti- vo, o comunicado não fala senão **necessidade de uma coordena- mais estreita das políticas onómicas.**

Escaramuça muito significati- va. Chegámos ao «osso duro de roer» das soberanias nacio- nais. Se os ministros das Fi- nanças, que se encontrarão no fim do mês, quiserem verdadei- ramente montar um dispositivo sério de luta contra a alta de preços, se os nove quiserem en- caminhar-se, sem pensamentos reservados, para uma reunião económica e monetária, bem se- rá preciso que se deixem de de- cisões sobre a sua autonomia a propósito de assuntos tão melin- drosos: o sistema fiscal, a políti- ca orçamental (qual a parte a atribuir aos equipamentos colec- tivos, á defesa, etc.), a política de crédito, etc.

Do mesmo modo, um sector tão sensível ao nível nacional como a política de arranjo do território poderá ficar até ao fim apenas sob a dependência de ca- da um dos Estados membros? Pompidou, no seu discurso da avenida Kléber, apressou-se a fixar a doutrina da França nesta matéria, para evitar ser posto fora dos limites demasiado de- pressa. Assim, disse: **É neces- sário que os recursos considera- dos ao escalão comunitário se- gundo critérios determinados, sejam, para a sua utilização, in- seridos no quadro dos progra- mas nacionais».** Mas não se ve- rá bem depressa que as regiões fronteiriças (Alsácia-Baden-Wurtemberg e Lorena-Sarre, Sa- bóia-Vale de Aosta, eixo Holan- da-Alemanha, por exemplo) to- mem decisões comuns, que não seria preciso que as regiões peri- féricas, geralmente mais pobres, sejam tratadas de maneira mui- to diferente, etc? E não será pre- ciso, muito em breve, harmoni- zar os auxílios nacionais, por culpa dos quais apareceriam dis- torsões de concorrência?

Esta simples vista de olhos mostra até que ponto os com- promissos que conduzirão à «união europeia» se tornarão constrangedores para os poderes nacionais. A propósito do domínio monetário, Pompidou declarou: **A era das decisões iso- ladas está ultrapassada.** Tam- bém é verdade para a maior par- te das grandes decisões eco- nómicas. A França está pronta a subscrever isto? Ou fará renas- cer as velhas querelas?

REGIONALISTA OU MUN- DIALISTA?

3) **É preciso ser «regionalis- ta» ou «mundialista» na política de auxílio aos países em vias de desenvolvimento?** Sobre o le- que das discussões bizantinas, esta figurava também em bom lugar. Como desenbaraçar-se dela? Pompidou exprimiu um ponto de vista inteligente ao re- cordar que a história e a geogra- fia ligam um pouco mais a Eu- ropa ao Mediterrâneo e a Africa do que a outras zonas deserda- das do mundo, mas que isso não impedia de **definir princípios que permitissem decidir da ati- tude da Comunidade relativa- mente ao conjunto dos países em vias de desenvolvimento.**

O comunicado reflecte esta doutrina, e já a oferta de «prefe- rências generalizadas» que a C. E. E. fez a favor de todas as nações do Terceiro Mundo, em- bora a Europa pensasse também naqueles que não gravitavam na sua órbita, Porém, estas «prefe- rências», recordemo-lo, não in- teressam senão os produtos ma- nufacturados e, portanto, aos países que são os menos pobres do Terceiro Mundo. Será, pois, preciso ir mais longe. E é ai onde a «teologia — sabe-se lá! — poderia renascer.

Sob o pretexto dos alemães se desinteressarem da estabili- zação das cotações das ma- térias-primas (como acabaram de o provar ainda na passada sexta-feira, 20 do corrente, ao recusarem assinar o acordo mundial sobre o cacau aprovado em Genebra), que é o alfa e o ómega da doutrina francesa, vai-se cruzar os braços, elevan- do um pouco, por uma questão de consciência, a parte do pro- duto nacional bruto consagrado ao envio de capitais para o Ul- tramar, sem fazer muito caso de que se trata de dinheiro fertili- zado de fresco? Não seria oportuno, como perguntava há alguns dias Jean Deniau, mem- bro da comissão do Mercado Comum, falando perante a co- missão de auxílio ao desenvolvi- mento da O. C. D. E. «orientar as políticas internas num senti- do mais conforme com os países em vias de desenvolvimento»? Vê-se, porém, o que isso signifi- ca para determinadas produções agrícolas ou industriais (tabaco, açúcar, têxteis, etc.) que, natu- ralmente, têm menos lugar do que outros nos países ricos?

A EUROPA PARA QUÊ?

4) **Como se reconhecerá a «identidade europeia»?** Instinti- vamente, Paris responde: no grau de independência relativa- mente aos Estados Unidos. Pompidou foi levado a precisar, no seu discurso da «cimeira», que não se tratava, evidente- mente, de «se desligar dos Esta- dos Unidos», mas quando, dese- jando uma vez mais eliminar as discussões teológicas, deu um exemplo, foi para falar do preço do ouro que não estava no seu **«preço justo»**, alusão que não deve ter feito rejubilar especial- mente o coração dos america- nos. Os alemães, diz-se, têm uma concepção diferente daqui- lo que faz a originalidade do Velho Mundo. Pensam: é aos próprios europeus que compete transformar a sua Comunidade, através de reformas originais, a fim de poderem identificar-se com ela, o que hoje é im- possível, pois, os povos não «sentem» esta Europa das repar- tições e dos negócios e não vêem nela senão uma espécie de pa- lácio dos espelhos, onde um pe- queno número de actores, grave- mente, e de preferência à noite, nos seus conselhos, se revêem uns aos outros, olhando para a sua imagem.

A diligência intelectual de Bona não é a pior de todas. Ela conduz por um caminho mais racional áquilo que Paris deseja, isto é, afirmar-se relativamente aos americanos. Porque, final- mente, é sòmente se defendemos valores próprios, um modo de vida original, um **«projecto»** sin- gular, que poderemos deixar o rasto dos Estados Unidos. Tam- bém temos necessidade destes pontos de ancoragem. Teremos a imaginação suficiente para os encontrar a força necessária pa- ra nos agarrarmos a eles? O que se passa na Europa não predis- põe ao optimismo. Os sistemas económicos, o comportamento dos produtores e dos consumido- res, não passam, frequentemen- te, de um decalque dos de além-Atlântico. O sucesso iden- tifica-se demasiado com o êxito material, os bens procurados são mais os que distinguem do que aqueles que unem. A Euro- pa americana vivemo-la nós to- dos os dias nas cidades. A vio- lência impera, a droga também. Então? Já chegou verdadeira- mente a altura de saber o que se quer.

LUSTRES

de brilho inexcedível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39..

VENDA AO PÚBLICO

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.

RUA DO GARRIDO, 73-A

TEM PRÉDIO? TEM CARRO?

ENTÃO TEM DINHEIRO CONSULTE JÁ A

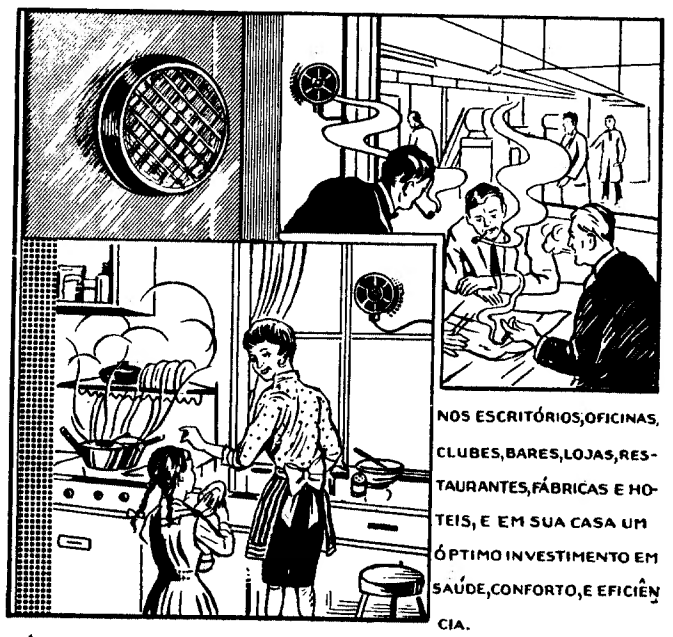
ORCOSI

Telfs. 367444/323172

Rua 1.º de Dezembro, 45

Vent-Axia

RENOVA O AR QUE VOCÊ RESPIRA



NOS ESCRITÓRIOS, OFICINAS, CLUBES, BARES, LOJAS, RESTAURANTES, FÁBRICAS E HOTEIS, E EM SUA CASA UM ÓPTIMO INVESTIMENTO EM SAÚDE, CONFORTO, E EFICIÊNCIA.

☆ Milhares de exaustores "Vent-Axia" montados em Portugal comprovam as suas incomparaveis caracteristicas técnicas
☆ Pessoal técnico especializado
☆ Assistência assegurada

Representantes:
SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA
Av. dos Aliados, 168-A - PORTO
Rua Filipe Folque, 7-E - LISBOA

A DECLARAÇÃO FINAL DA CIMEIRA DOS NOVE

Continuação da página três

Esta política de cooperação está, no estado actual, estreitamente ligada à preparação e ao desenrolar da conferência sobre a segurança e a cooperação europeias, na qual a Comunidade e os Estados membros são chamados, neste domínio, a dar uma contribuição concertada e construtiva.

COOPERAÇÃO POLÍTICA

14) Os chefes de Estado ou de Governo consideraram que a cooperação política entre os Estados membros no domínio da política externa havia principiado de maneira satisfatória e deveria ser ainda melhorada.

Estão convencidos de que as consultas seriam intensificadas a todos os níveis e que, em especial, os ministros dos Negócios Estrangeiros se reuniriam doravante quatro vezes em vez de duas vezes por ano para este efeito.

Consideraram que o objectivo desta cooperação era tratar das questões de actualidade e, na medida do possível, definir posições comuns a médio e a longo prazo, tendo presentes, entre outras, as implicações e os efeitos, no domínio da política internacional, das políticas comunitárias em via de elaboração. Para as matérias que têm uma incidência sobre as actividades comunitárias, será mantido um contacto estreito com as instituições da Comunidade.

Estão convencidos de que os ministros dos Negócios Estrangeiros elaborariam, daqui até 30 de Junho de 1973, um segundo relatório sobre os métodos que permitam melhorar a cooperação política, tal como estava previsto no relatório de Luxemburgo.

REFORÇO INSTITUCIONAL

15) Os chefes de Estado ou de Governo constataram que as estruturas da Comunidade já deram as suas provas, mas consideraram que os procedimentos de decisão e o funcionamento das instituições deviam ser melhorados a fim de aumentar a sua eficácia.

As instituições comunitárias e, se assim fôr, os representantes dos Governos dos Estados membros são convidados a estabelecer, antes do fim da primeira fase da realização da união económica e monetária, na base do relatório que a comissão deverá submeter antes do dia 1 de Maio de 1973, de conformidade com a resolução de 22 de Março de 1971, as medidas relativas à repartição das competências e das responsabilidades entre as instituições da Comunidade e os Estados membros que são necessárias para o bom funcionamento de uma união económica e monetária.

Consideraram desejável a uniformização das datas em que devem ter lugar, regra geral, as reuniões dos conselhos dos ministros nacionais, a fim de permitir ao Conselho da Comunidade organizar-se de forma mais regular.

Desejosos de reforçar os poderes de controlo da Assembleia parlamentar europeia, e isto independentemente do momento em que, de conformidade com o artigo 138 do tratado de Roma, ela será eleita por sufrágio universal, e de contribuir, por seu lado, para a melhoria das condições de funcionamento, os chefes de Estado ou de Governo confirma a decisão de 22 de Abril de 1970 do Conselho das Comunidades. Convidam o Conselho e a comissão a pôr a funcionar sem demora as medidas práticas destinadas a realizar este reforço e a melhorar as relações, tanto do Conselho como da comissão, com a Assembleia.

O Conselho tomará, antes de 30 de Junho de 1973, as medidas práticas que visem melhorar os seus procedimentos de decisão e a coerência da acção comunitária.

Convidaram as instituições da Comunidade a reconhecer à Comissão Económica e Social o direito de fazer, doravante e por sua própria iniciativa, avisos sobre todas as questões que envolvam trabalho comunitário.

Chegaram a acordo para considerar que, com vista a realizar, principalmente, as tarefas definidas nos diferentes programas de acção, está indicado utilizar tão largamente quanto possível todas as disposições dos tratados, incluindo o artigo 235 do Tratado da C.E.E.

UNIÃO EUROPEIA

16) Os chefes de Estado ou de Governo, tendo considerado como objectivo principal transformar, antes do fim da actual década e dentro do respeito absoluto pelos tratados já subscritos, o conjunto das relações dos Estados membros numa união europeia, solicitaram às instituições da Comunidade a elaboração, sobre este assunto, antes do fim de 1975, de um relatório destinado a ser submetido a uma conferência na próxima «cimeira».

Willy Brandt, o chanceler social-democrata da Alemanha Federal, continua a ser um dos grandes defensores do Mercado Comum. Contudo, as suas ligações aos Estados Unidos tornam-no muito cuidadoso em relação à unidade política europeia, sobretudo naquilo que ela pode significar a criação de um espaço que, de facto, se venha a opôr ao gigante de além-atlântico.

O HORIZONTE 1980

«Na hora em que, sabemo-lo bem, as verdadeiramente grandes potências, quer se trate da União Soviética, mas também dos Estados Unidos, não considerarem, ou não possam considerar, os problemas europeus senão em função dos seus próprios interesses, devemos aos nossos povos a obrigação de reanimar a esperança de uma Europa senhora de si própria e do seu próprio destino». Quem não subscreve esta declaração de Pompidou. No entanto, ela não foi pronunciada à mesa de conferência da Avenida Kléber, mas já há três anos, quando da abertura da «cimeira» de Haia. Desde então, as conversações Nixon-Brejnev de Moscovo, os acordos concluídos ainda muito recentemente sobre o comércio entre os Dois Grandes, a proximidade das grandes negociações com Moscovo sobre os armamentos na Europa, tomaram mais actual ainda esta tomada de consciência dos europeus. Pode dizer-se, no entanto, que os progressos conseguidos em Paris foram decisivos?

A data escolhida para esta «cimeira» era, por certo, infeliz. Muitos chefes de governo preocupados primeiramente com a atitude dos seus eleitores, teriam preferido deixar passar um período de adaptação à Comunidade de Nove antes de voltarem para o futuro. Portanto, a reunião de um tão grande número de chefes de governo ou de Estado condenava-os a terem que se sair bem.

Os Nove empregaram-se nela com uma energia que contradiz o cepticismo com que a sua reunião havia sido geralmente considerada. A criação do Fundo Europeu de Cooperação foi confirmada, foi estabelecido um calendário muito preciso para todas as espécies de projectos concretos, a porta «regional» das actividades comunitárias foi finalmente aberta a insistência dos britânicos, a porta social delineada. O bafio «tecnocrático» que envolve tradicionalmente as deliberações de Bruxelas não foi dissipado por enquanto, e a leitura da longa declaração adoptada às primeiras horas da madrugada de sábado, 21 de Outubro, parecerá bem árdua a esta juventude que os dirigentes dos Nove, instruídos pela abstenção de muitos franceses no **referendum** e pelo «não» da maioria dos noruegueses, pretendem ganhar para a causa europeia. Porém, um passo, como quer que seja foi talvez dado nessa direcção.

Esta «união europeia» que Pompidou propõe para o «horizonte 1980» parece ainda muito nebulosa. Parece que o chefe do Estado francês e os seus hóspedes, incapazes de conciliar concepções muito divergentes sobre a supranacionalidade e as instituições europeias, tenha decidido apaziguar no imediato os mais exigentes, abrindo para o futuro perspectivas mais vastas mas sempre muito vagas. Na falta de se poder chegar a acordo sobre a fixação de uma data para a eleição do Parlamento europeu por sufrágio directo, como pediam os holandeses, deixa-se entender que, em 1975, esta questão poderá ser abordada na embalagem mais sedutora de uma «união» total, a qual ninguém, infelizmente, quererá correr o risco de esboçar os contornos. Recua-se para saltar melhor ou adia-se ainda a opção?

A página da «cimeira» agora já voltada e a hipoteca levantada, os europeus vão abordar dentro de menos de um mês, em Helsínquia, um encontro que poderia ser muito importante para o seu futuro: a preparação da conferência sobre a segurança e a cooperação.

Curiosamente, este assunto é evocado apenas numas poucas frases na declaração de Paris. O voto da França de ver esta reunião desenrola-se fora do quadro dos blocos será satisfeito num sentido para além de todas as expectativas: se a OTAN continua a existir, e também o Pacto de Varsóvia, a Comunidade europeia está ainda, quanto a ela, à procura do seu «perfil» político.

ALCATIFAS - TAPEÇARIAS - NOVIDADES

e ainda um supermercado de verdadeiras maravilhas de sonho para o conforto da sua casa que também aprecia carinhos, cuidados e atenções

FABULOSO SORTIDO DE TECIDOS PARA CORTINADOS E ESTOFOS

PAPÉIS PINTADOS PLÁSTICOS ADESIVOS DECORATIVOS E INDUSTRIAIS
TOALHAS «VILEDANE»

CARPETES, TAPETES E PASSADEIRAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS, COLCHÕES DE ESPUMA E DE MOLAS

MOSAICOS PLÁSTICOS, PAVIMENTOS PLÁSTICOS CALHAS E VARÕES EXTENSIVOS PARA CORTINADOS

DECORADORES E ALCATIFADORES PRIVATIVOS DESTACÁVEIS PARA TODO O PAÍS

Liane

Importadores — Armazenistas que vendem também directamente ao público
RUA DE S. NICOLAU, 5 A 13 — LISBOA - 2 — TELEF. 3 04 75 - 36 67 63

ASSIM TODOS PODEM COMPRAR!...

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

ALCATIFAS
MOBILIAS
MAPLES
PAPÉIS DECORATIVOS

TELEVISORES
GRAVADORES
GIRA-DISCOS
ALTA FIDELIDADE

MAQUINAS DE LAVAR
FOGÕES
ESQUENTADORES
FRIGORIFICOS

CANDEEIROS
ASPIRADORES
ENCERADORAS
FRITADEIRAS

E TODA A GAMA DE ELECTRODOMÉSTICOS

M. L. FERREIRA — Rua D. Estefânia, 48-A — LISBOA

AS DATAS MENCIONADAS NA DECLARAÇÃO

Em 22 de Março de 1971, os Seis aprovaram o programa que os devia conduzir a uma união económica e monetária antes do fim da presente década. O acordo, concluído pelos ministros das Finanças, não descrevia com precisão senão as acções a empreender durante a primeira fase e as condições de passagem à segunda fase. No plano monetário, a primeira fase devia ser, sobretudo, marcada por um retraímento das relações de troca entre as moedas da Comunidade; para o conseguir, estava entendido que os bancos centrais tornariam a sua cooperação ainda mais íntima do que no passado. Os Seis haviam previsto a possibilidade de criar, a partir da primeira fase, um fundo europeu de cooperação monetária, cuja missão principal seria praticar, ele próprio, no mercado das trocas as intervenções necessárias para manter a coesão monetária dos países membros.

A violência da crise monetária da Primavera de 1971 bem depressa levou os Seis a desligar-se dos compromissos subscritos: em 9 de Maio de 1972, o governo alemão decidia deixar flutuar o marco e, no meio da estupefacção geral, conseguia arrancar a benção dos outros países membros, no entanto, inicialmente hostis a uma medida que punha provisòriamente fim à aplicação do programa de união económica e monetária.

Em matéria conjuntural, isto definia um certo número de procedimentos destinados a facilitar a combinação e a harmonização das políticas económicas dos países membros. A primeira fase devia concluir-se quanto antes, em 31 de Dezembro de 1973. Anteriormente, ficara entendido que o conselho de ministros faria o balanço da experiência. Se este se revelasse então insuficientemente concludente, estava previsto que a primeira fase poderia ser prorrogada por dois anos. No cantrário, o conselho devia adoptar o programa de accão vaso contrário, o conselho devia adoptar o programa de acção da segunda fase. (A conferência «cimeira» decidiu que a segunda fase comecaria em 1 de Janeiro de 1974.)

A fisionomia da fase final da união económica e monetária mal foi esboçada pelos ministros, tendo os franceses recusado subscrever compromissos de natureza institucional, e, principalmente, avalizar a ideia de um «centro de decisão» comunitário e supranacional que era proposto pelo «plano Werner». A fórmula de compromisso sobre a qual se haviam posto de acordo, indicava que «as instituições da Comunidade seriam colocadas em posição de exercer as suas responsabilidades em matéria económica e monetária com eficácia e rapidez».

21 DE MARÇO DE 1972: UM REGIME DE CÂMBIO ESPECÍFICO PARA A C.E.E.

Em 21 de Março de 1972, os ministros das Finanças da C.E.E. concluíram as decisões necessárias para o relançamento do programa de união económica e monetária cuja execução havia sido suspensa em Maio de 1971 com a livre flutuação do marco alemão e do florim.

A decisão mais marcante tomada pelos Seis para reafirmar a sua solidariedade monetária foi limitar a 2,25 por cento a variação máxima de câmbio entre duas moedas da Comunidade, em vez dos 4,5 por cento tolerados pelo acordo concluído em Dezembro de 1971 em Washington.

Os traços característicos do acordo de Basileia (é sob este nome que sa decisões de Março de 1972 são conhecidas) são: as intervenções dos bancos centrais europeus devem ser efectuadas com a ajuda de moedas da Comunidade e já não em dólares.

O país beneficiário destas intervenções tem a obrigação de reembolsar as somas assim emprestadas após um prazo máximo de seis semanas. A regularização dos saldos deve fazer-se em **pro rata** das reservas detidas pelo Estado devedor, isto é, ao mesmo tempo, em ouro, em dolares ou em D.T.S.

As decisões de Março de 1972 foram aprovadas pelos seis países fundadores da C.E.E.; mas os quatro países candidatos juntaram-se-lhes imediatamente. Em Junho de 1972, o governo britânico, colocado perante uma forte especulação contra a libra, decidiu deixá-la flutuar, renunciando, assim à aplicação do acordo de Basileia. A Dinamarca anunciou, então, a sua intenção de fazer uso das margens de 4,5 por cento autorizadas pelo acordo de Washington. A despeito das dificuldades encontradas pela lira, conseguiram cerrar fileiras e não pôr em causa os compromissos tomados três meses antes.

Este êxito não pôde, no entanto, ser conseguido senão recorrendo a um entorse nas cláusulas de reembolso do acordo de Basileia: para apoiar a lira, a Itália foi provisòriamente autorizada a intervir em dólares, e, pelo mesmo motivo, dispensada de regularizar em parte em ouro as dívidas contraídas junto dos bancos centrais dos países seus parceiros. Esta derrogação, que expirava em 30 de Setembro, foi prorrogada até ao fim do ano. Muito recentemente, o governo de Copenhague anunciou que estava novamente em posição de aplicar as margens reduzidas de 2,25 por cento.

No momento em que os chefes de Estado e de governo dos Nove reafirmam abertamente a sua vontade de preservar a coesão monetária da Comunidade, o funcionamento futuro do acordo de Basileia levanta duas questões principais:

— Quando restabelecerão os ingleses a paridade fixa da libra esterlina? Quando o fizerem julgarão possível respeitar as margens reduzidas de 2,25 por cento. No caso contrário, como se organizarão as relações de câmbio entre o Reino Unido e os outros Estados membros?

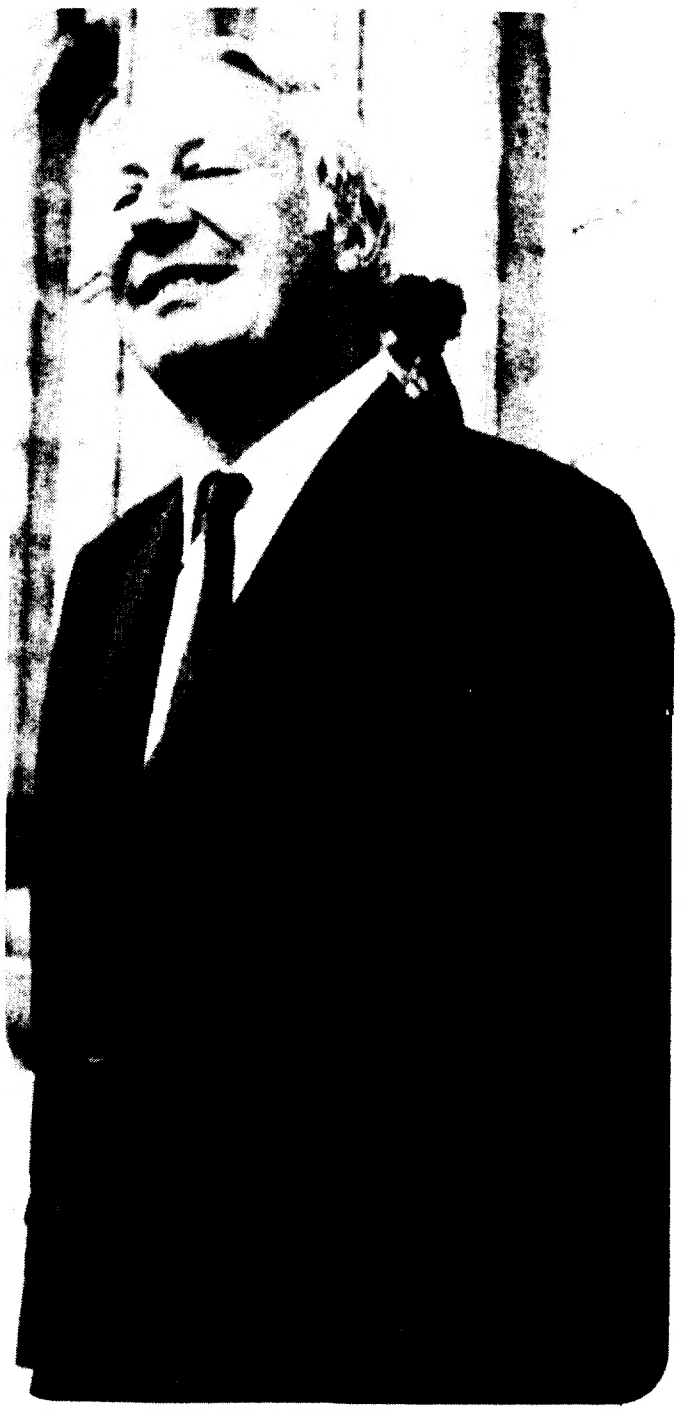
— As modalidades de reembolso definidas pelo acordo devem ser revistas, pois nenhum banco central aceita renunciar ao seu ouro ao câmbio oficial de 38 dólares a onça. Quando terá lugar este arranjo? É indispensável, se se deseja que as intervenções dos bancos centrais, para respeitar as sujeições que resultam do acordo, se efectuem tal como foi decidido com a ajuda de moedas da Comunidade.

O artigo 138 do tratado de Roma prevê que a Assembleia (do Parlamento europeu, mas este termo nunca foi empregado no tratado — em 1962, os «delegados» da Assembleia votaram para se mudar a denominação deste organismo, passando a chamá-lo «Parlamento europeu»é composta por **delegados que os parlamentos são chamados a designar no seu seio segundo o procedimento fixado para cada Estado membro.** A reforma está prevista nestes termos: **A Assembleia elaborará projectos com vista a permitir a eleição por sufrágio universal directo, segundo um procedimento uniforme em todos os Estados membros. O Conselho, estatuíndo por unanimidade, fixará as disposições cuja adopção pelos Estados membros recomendará, de conformidade com as suas regras constitucionais respectivas.**

— **Em 22 de Abril de 1970,** os ministros dos Negócios Estrangeiros do Mercado Comum, reunidos no Luxemburgo, tinham assinado um tratado que permitia reforçar os poderes da Assembleia de Estrasburgo, desblocando, assim o procedimento que devia conduzir à entrada em vigor da nova legislação sobre o financeamento das despesas agrícolas da Comunidade.

— **A circulação dos trabalhadores** — O artigo 135 prevê: **«Sob reserva das disposições que regem a saúde pública, a segurança pública e a ordem pública, a liberdade de circulação dos trabalhadores dos países e territórios nos Estados membros e dos trabalhadores dos Estados membros nos países e territórios será regulada por convenções ulteriores que requerem a unanimidade dos Estados membros.**

— **A extensão das competências dos orgãos comunitários** pode fazer-se sem revisão do tratado, como prevê o artigo 235, assim minutado: **Se uma acção da Comunidade parece necessária para realizar, dentro do funcionamento do Mercado Comum, um dos objectos da Comunidade sem que o presente tratado tenha previsto os poderes de acção requeridos para este efeito, o Conselho, estatuindo por unanimidade mediante proposta da Comissão e depois de consultada a Assembleia, toma as disposições apropriadas.** O governo francês, durante muito tempo hostil à utilização deste artigo, acabou finalmente por consentir vê-lo actuar em contrapartida do que outros países da C. E. E. renunciaram a pedir, de momento, numa revisão do tratado.



Edward Heath: A flutuação da libra.

Anker Joergensen, o dirigente sindicalista que assumiu a chefia do Governo dinamarquês depois do referendo em que o «sim» saíu vitorioso, era o estadista com menos experiência destas andanças presente no velho Hotel Majestic de Paris. No entanto, a presença da Dinamarca, o país com maior rendimento per capita da CEE alargada, poderá trazer um liberalismo desconhecido à comunidade até aqui dominada pelo conservadorismo francês.

INDISCRIÇÕES "INADMISSÍVEIS"

A publicação pelo «Le Monde» nas suas edições de 21 de Outubro, do projecto francês do preâmbulo para a declaração final causou um verdadeiro «incidente» na mesa da conferência, na sexta-feira à tarde? Engrossados pela expectativa um tanto nervosa do fim da «maratona», toda a espécie de boatos circulou a este respeito nos corredores do Hotel Majestic. Segundo uns, «Sir» Alec Douglas-Home, secretário do «Foreign Office», teria, na abertura da sessão dos ministros dos Negócios Estrangeiros, consagrado a sua atenção a afinar este mesmo preâmbulo, brandira um exemplar do nosso jornal sob os olhos dos seus colegás, declarando-se **chocado** com o que teria considerado como «uma pressão» organizada pelos franceses sobre os seus parceiros. Segundo outros, Maurice Schumann teria apresentado as suas «desculpas» por este episódio, pelo qual a delegação francesa não era responsável. Pelas mesmas razões, a delegação britânica teria recusado pronunciar-se sobre o preâmbulo ùnicamente e insistido para que ele não fosse discutido senão depois do comunicado final. Em resumo, estava tudo muito bem se o «Le Monde» não tivesse aberto um rombo nesta «cimeira» até mesmo na construção da Europa...

Ao princípio da noite, Schumann dava algum crédito a estes boatos qualificando de **«inadmissíveis»** indiscrições deste género, **«que dão a impressão que se quer colocar os parceiros da França perante um facto consumado.» «É legítimo»**, acrescentou o ministro francês, **«que isto tenha provocado emoção.»**

No entanto, do lado britânico o tom era de **«desdramatização»**. É verdade, admitia-se, que «Sir» Alec Douglas-Home tivesse **«chamado a atenção»** dos seus colegas sobre a publicação do projecto francês, mas não se verificou o **«protesto furioso»** de que se murmurava nos corredores. Não era a primeira vez, nem a última, acrescentava-se, que um documento de uma conferência chegava às mãos da Imprensa.

O «Figaro» aproveitou esta oportunidade para qualificar o «Le Monde» de **«oficioso»**. É preciso rir? O nosso colega acaba mesmo por se perguntar se, devido à publicação da entrevista de Pompidou sobre a arte, o nosso jornal não tem um carácter **«oficial»**. É preciso chorar por isso?

«Barend Biesheuvel», o primeiro-ministro holandês, distinguiu-se na cimeira pela sua ardente defesa da democratização do Parlamento Europeu. Biesheuvel talvez o tenha feito por ter eleições à porta.

E SE A UNIÃO MONETÁRIA SE FIZESSE...

Por PAUL FABRA

O que choca, no conjunto das decisões que foram tomadas pela conferência «cimeira» sobre o terreno monetário e económico, é, em primeiro lugar, a dupla imagem que elas reflectem. Ou se pode ver nelas um certo número de medidas mais ou menos díspares que respondem às preocupações deste ou daquele país, ou nelas se pode discernir como nas primeiras peças de um mecanismo cuja estrutura ainda delicada começa, no entanto, a desenhar-se. Se se a tiver ao alcance prático e imediato das disposições anunciadas e, sobretudo, se se avisar que os Nove nem sequer tentaram encontrar uma solução para os problemas mais urgentes do momento — como, por exemplo, a reinserção da libra esterlina no acordo monetário actualmente em vigor sobre o encurtamento das margens — é-se tentado a ficar pela primeira interpretação; se nos detivermos, pelo contrário, ao partido que a Europa poderá tirar de certas iniciativas, tais como os pedidos inglês ou italiano, visando o desenvolvimento da política regional da Comunidade, é-se inclinado a concluir que o objectivo de união económica e monetária para 1980 — embora se tenha, às vezes, a impressão, ao considerar os actos e não as palavras do Governo, que foram subscritos de ânimo leve — começou já a impor a sua lógica.

UM RECÚO

Ao comprometer-se em formar uma união económica e monetária «concluída» em 1980 (expressão de qualquer maneira imprópria, pois mesmo a integração económica entre a Bretanha e o resto da França ainda não está «concluída»!) os países da C.E.E. estão principalmente convencidos de que a partir desta data as suas respectivas moedas estarão ligadas por taxas de câmbio «fixas e irrevogáveis». Por outras palavras, interditar-se-ão em princípio a partir desta data, a proceder a desvalorizações ou valorizações isoladas das suas divisas. Se houver modificação de taxa de câmbio, uma tal operação deverá ser levada, então, a todas as moedas europeias simultâneamente, as quais, relativamente ao dólar, ao yen, etc., formarão como que uma só entidade.

Hoje, este objectivo parece estar quase fora de alcance tanto a Europa, a partir de Novembro de 1967 (desvalorização da libra), conheceu crises monetárias. A dificuldade é tão bem conhecida e reconhecida quanto é certo que para a primeira fase (em curso) como também para a segunda (a partir de 1974) os Nove se contentam em afirmar que a organização monetária da Europa será baseada em paridades por certo fixas, mas, foi imediatamente vincada, «ajustáveis» (parágrafo 2 do comunicado).

Meça-se, pois, o recúo que representa na realidade, nos espíritos, esta concessão que a necessidade impõe. De 1959 a 1968, as moedas dos Seis estavam, para todos os efeitos, fixas (excepto a pequena revalorização do marco alemão e do florim, em Março de 1961), e se se tivesse dito aos peritos da Bruxelas — que o êxito das negociações agrícolas havia cegado — que elas eram «ajustáveis», sem dúvida que teriam atirado com os braços ao céu. Esta lembrança não é destinada a insistir sobre o seu erro de diagnóstico; não é inútil, pois conduz à colocação de uma questão fundamental: o Mercado Comum conheceu uma estabilidade monetária quase absoluta sem a qual não teria certamente obtido o mesmo êxito? A resposta é clara: porque é que, no decurso dos 9 primeiros anos da sua existência o Mercado Comum conheceu uma estabilidade monetária quase absoluta sem a qual não teria certamente obtido o mesmo êxito? A resposta é clara: porque, na altura, o sistema monetário internacional funcionava.

A primeira condição para tornar possível a união monetária é esgotar as principais fontes de desordem monetária no mundo, a primeira das quais é, sem dúvida, a formidável proliferação daquilo a que se chama a liquidez internacional (48 por cento em 1970 e 66 por cento em 1972!) que suscita uma dilatação quase incompreensível das massas monetárias internas. É impossível «harmonizar» as taxas de inflação e, por consequência, durante todo o tempo em que ela se desencadear, haverá necessidade de taxas de câmbio ajustáveis, isto é, que a união monetária não seja nenhuma **realidade**.

O acordo sobre o encurtamento das margens tornou-se necessário, também ele, pela regressão da unidade monetária — de 1958 a 1968, as moedas dos Seis eram todas elas simultâneamente muito fortes, e, por consequência, flutuavam muito pouco relativamente umas às outras. Este acordo, tal como pode vir a funcionar quando a libra voltar a uma paridade fixa, bem poderia, de facto, consagrar o papel predominante do dólar, porque também os Nove estão prontos — por motivos compreensíveis — a eliminar o ouro das suas regularizações internas.

UMA DECISÃO QUASE HERÓICA

Se se quiser que a entrada em cena do Fundo Europeu de Cooperação Monetária, que reagrupará o conjunto dos mecanismos de apoio a curto prazo intraeuropeus, se traduza por um esforço de solidariedade interna da C.E.E., será preciso que os Nove tomem a quase heróica decisão (se o adjectivo não se tornar chocante em semelhante matéria!), primeiramente, de manter no rigor actual as condições em que são submetidos os créditos recíprocos, e, em segundo lugar, interditar o recurso ao auxílio de eventuais credores externos, antes de estarem esgotados os concursos abertos pelos parceiros europeus. Só semelhantes disposições permitiriam que os países europeus exercessem uns sobre os outros o mínimo de pressão necessária para manter, em caso de dificuldade, a sua coesão. Era que nada poderia garantir contra a renovação da experiência inglesa actual, cuja moeda, desembaraçada de todo o ponto fixo, se ajusta to-câmbios.

Se o processo de unificação monetária não tem qualquer possibilidade de se fazer por si mesmo, pelo existe, pelo contrário, uma acção política consciente das condições a reunir para o seu êxito, não resulta do que precede que a realidade se recorte como um raciocínio. Antes mesmo de sair das dificuldades actuais convém agir como se elas estivessem já parcialmente resolvidas. A este respeito, os britânicos trouxeram, sem dúvida uma contribuição muito importante para o futuro ao insitir, como o fizeram, sobre a necessidade de criar um Fundo de Desenvolvimento Regional provido de recursos próprios. A fixidez «irrevogável» das taxas de câmbio que postula a união monetária, não é, com efeito, concebível senão com a condição de que transferências de recurso reais importantes se operem das regiões — ou dos países — prósperos para as regiões — ou os países — que o são menos.

OS NOVE

	POPULAÇÃO EM MILHÕES	SALÁRIO SEM. MÉDIO	CESTO DE COMPRAS	LITROS DE GASOLINA	CARRO FAMILIAR	CASA DE 3 QUARTOS
França	50,33	2.590	248,50	6,3	81.340	1.330.000
Alemanha Oc.	58,71	3.080	147,70	4,9	74.900	2.030.000
Itália	54,50	2.730	165,20	6,7	70.560	1.470.000
Bélgica	9,65	2.870	163,10	5,4	82.530	1.085.000
Luxemburgo	0,34	2.590	154,00	4,9	82.530	1.260.000
Holanda	12,87	2.520	133,00	5,4	87.220	840.000
Reino Unido	55,53	2.170	79,80	5,5	71.610	1.050.000
Irlanda	2,97	2.030	102,20	3,8	100.520	385.000
Dinamarca	4,91	3.220	151,20	4,9	152.950	1.470.000

O quadro pretende dar uma ideia da situação em salários e despesas dos países do Mercado Comum, incluindo os três países que se lhe juntarão no próximo dia 1 de Janeiro. Por cesto de compras deve entender-se: cerca de meio quilo de sal, açúcar, «bacon», manteiga, uma dúzia de ovos, um frasco de café instantâneo. O preço dado no quadro é o equivalente ao de todos estes produtos. O preço da gasolina refere-se a gasolina de 95 octanas. O carro familiar é um Ford Taunus para os países já pertencentes ao Mercado Comum e, para os outros, um Cortina. O preço apartamento de três quartos de cama (tem mais uma sala, cozinha e casa de banho) foi calculado pela média de um andar num prédio dos arredores das grandes cidades.